



RECORDAÇÕES

DO ESCRIVÃO

ISAIAS CAMINHA

LIMA BARRETO

Recordações do Escrivão Isaias Caminha



(2.^a EDIÇÃO REVISTA E AUGMENTADA)



1917

A. de Azevedo, & Costa
EDITORES

Rua Uruguayana, 29 e Senador Dantas, 120
RIO DE JANEIRO

DO MESMO AUTOR :

Triste fim de Polycarpo Quaresma.

Numa e a Nympha.

A Benedicto de Souza

meu compadre e meu
amigo.



BREVE NOTICIA

Mon cœur profond ressemble à ces voûtes d'église
Où le moindre bruit s'enfle en une immense voix.

(Guyau. Vers d'un philosophe).

Quando comecei a publicar, na «Floreal», uma pequena revista que editei, pelos fins de 1907, as «Recordações» do meu amigo, Isaias Caminha, escrivão da Collectoria Federal de Chamby, Estado do Espirito Santo, publiquei-as com um pequeno prefacio do autor. Mais tarde, graças ao encorajamento que mereceu a modesta obra do Escrivão, tratei de publical-a em volume.

O meu amigo e camarada António Noronha Santos, indo á Europa, offereceu-se para arranjar, em Portugal, um editor.

João Pereira Barreto recommendou-me aos srs. A. M. Teixeira & C., livreiros em Lisboa, com a Livraria Classica de lá; e ellas foram impressas sob as vistas dedicadas do sr. Albino Forjaz de Sampaio, a quem muito devem; em correcção, as «Recordações».

VIII

A todos tres, não posso, em nome do meu querido Isaias, deixar de agradecer-lhes mais uma vez o serviço que prestaram á obra.

Eu, porém, como tinha plena autorisação do autor, por occasião de mandar o manuscripto para o prélo, supprimi o prefacio, a *donnée*, que agora epigrapha estas linhas, e algumas cousas mais.

O meu intuito era lançar o livro do meu amigo, sem escóras ou para balas.

Assim foi. Hoje, porém, que faço uma segunda edição d'elle, restabeleço o original tal e qual o Caminha me enviou, pois não havia motivo para suppressão de tanta cousa interessante que muito concorre para o bôa comprehensão do livro.

E faço isso, porque julgo que foram ellas um tanto que levaram aquelle espirito firme e independente, aquelle sagaz critico, com o seu nobre âmôr pelos grandes ideaes nas letras, que se chamou José Verissimo, a dizer na sua «Revista Litteraria», ás segundas-feiras, no «Jornal do Commercio», de 9 de dezembro de 1907, o seguinte, a respeito do que lhe pareceu uma novella:

« Ai de mim, se fosse a «revistar» aqui quanta revistinha que ahi apparece com presumpções de litteraria, artistica e scientifica.

Não teria mãos a medir e descontentaria a quasi todos; pois a maxima parte dellas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa excepção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurasinha que, com o nome esperançoso de «Floreal», veio ultimamente a publico, e onde li um artigo «Spencerismo e Anarchia», do Sr. M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novella,

IX

«Recordações do escrivão Isaias Caminha», pelo Sr. Lima Barreto, nos quaes creio descobrir descobrir alguma cousa. E escriptos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estylo que corroboram essa impressão.»

Como vêm, José Verissimo disse estas palavras, logo ao apparecerem os primeiros capitulos; e, pensando serem verdadeiras as razões que expuz, restabeleço o manuscrito, como me foi confiado, passando a transcrever o prefácio inteiramente como saiu na inditosa «Floreale».

Eil-o :

« Eu me lembrei de escrever estas recordações, ha dous annos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fasciculo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor publico da comarca.

N'ella um dos seus collaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoraveis á natureza da intelligencia das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentidas mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos productos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausencia delles.

Li-o a primeira vez com odio, tive desejos de rasgar as paginas e escrever alguma verrinas contra o autor.

Considererei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversario, os argumentos deste ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei, seria oppôr argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os ou-

tros, ficariam ambos face a face, á mão de adeptos de um e de outro partido.

Com essa reflexão, que me animo a chamar de bom conselho e excellente intelligencia, vieram-me recordações de minha vida, de toda ella, do meu nascimento, infancia, puericia e mocidade.

Mentalmente comparei os meus extraordinarios inicios nos mysterios das letras e das sciencias e os prognosticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escriptura de collectoria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escripto.

Cheio de melancholia, daquella melancholia nativa que me ensombra nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, accendi nervosamente um cigarro, fui á janella, olhei um momento o rio a correr e me puz a analysar detidamente os factos de meu passado, que me acabavam de passar pelos olhos.

Verifiquei, que, até ao curso secundario as minhas manifestações, quaesquer, de intelligencia e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com applauso ou approvação, ao menos como cousa justa e do meu direito; e que dahi por diante, dès que me dispuz a tomar na vida o logar que parecia ser de meu dever occupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decahindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquella somma de idéas e crenças que me alentaram na minha adolescencia e puericia.

Cri-me fóra de minha sociedade, fóra do agrupamento a que tacitamente eu concedia al-

guma cousa e que em troca me dava tambem alguma cousa.

Não sei bem o que cri ; mas achei tão cerra-do o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui debater, que a representação da minha per-sonalidade na minha consciencia, se fez outra, ou antes esphacelou-se a que tinha construido. Fiquei como um grande paquete moderno cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapôr que movia suas machinas.

E foram tantos os casos dos quaes essa mi-nha conclusão resaltava, que resolvi narrar tre-chos de minha vida, sem reservas nem periphra-ses, para de algum modo, mostrar ao tal autor, do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observa-ções, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na na nossa carne e nosso sangue, mas fóra de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão bellos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquelle Taine que, cer-ta vez, o Dr. Graciliano, o promotor publico, me deu a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquillo que os simples factos não dizem.

Não é meu proposito tambem fazer uma obra de odio ; de revolta emfim ; mas uma defesa a ac-cusações deduzidas superficialmente de apparen-cias cuja essencia explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no individuo desprovido de tudo, de familia, de affectos, de sympathias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insidia do veneno:

Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração.

XII

Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornaes da Capital ainda não me acclamaram como tal—o que de sobra, me parece, são motivos bastantes serios, para desculparem a minha falta de estylo e capacidade literaria.

Cachamby, Espirito Santo, 12 de Julho de 1905.



A' fóra as cousas da «Garnier», e da «casaca», e dos «jornaes», que são preconceitos provincianos, o prefacio, penso eu, consolida a obra e a explica, como os leitores irão vêr.

Disse bem preconceitos, porque, após dez annos, tantos são os que vão da composição das «Recordações» aos dias que correm, o meu amigo perdeu muito da sua amargura, tem passêado pelo Rio com bellas fatiotas, já foi ao Municipal, frequenta as casas de chá; e, segundo me escreveu, vai deixar de ser representante do Espirito Santo, na Assembléa Estadoal, para ser, na proxima legislatura, deputado federal. Elle não se incommoda mais com o livro; tomou outro rumo. Hei de vel-o em breve entre as encantadoras, fazendo o tal *footing* domingueiro, no Flamengo; e figurando nas noticias elegantes dos jornaes. Isaías deixou de ser Escrivão. Enviuvou sem filhos, enriqueceu e será deputado. Basta.

Deus escreve d'reito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, aphyxiado um espirito tão singular? Quem sabe lá?

XIII

- Para mim, no entanto, sem acreditar na intervenção de nenhuma Dejanira, sou de opinião que elle está vestindo a tunica de Nessus da Sociedade.

Todos os Santos, 31—12 -16.

LIMA BARRETO.





I

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anceios de intelligencia. Meu pae, que era fortemente intelligente e illustrado, em começo, na minha primeira infancia, estimulou-me pela obscuridade de suas exhortações. Eu não tinha ainda entrado para o collegio, quando uma vez me disse: você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: quem era Napoleão? Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se á cadeira e continuou a ler o livro. Afastei-me sem entrar na significação de suas palavras; comtudo, a entonação de voz, o gesto e o olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem!...

O espectáculo do saber de meu pae, realçado pela ignorancia de minha mãe e de outros parentes d'ella, surgiu aos meus olhos de creança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquella sua faculdade de explicar tudo, aquella seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler linguas diversas e comprehendel-as, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundancia e riqueza, mas tambem um ti-

tulo para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficavamos de alguma maneira sagrados, deificados... Se minha mãe me apparecia triste e humilde — pensava eu n'aquelle tempo — era porque não sabia, como meu pae, dizer os nomes das estrellas do ceu e explicar a natureza da chuva...

Foi com estes sentimentos que entrei para o curso primario. Dediquei-me açodadamente ao estudo. Brilhei, e com o tempo foram-se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber.

Accentuaram-se-me tendencias; puz-me a collimar glorias extraordinarias, sem lhês avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir...

Ouvia uma tentadora sybilla fallar-me, a toda a hora e a todo o instante, na minha gloria futura. Agia desordenadamente e sentia a incoherencia dos meus actos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente. Veio-me a *pose*, a necessidade de ser diferente. Relaxei-me no vestuario e era preciso que minha mãe me reprehendesse para que eu fosse mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um ou dois, á parte, no recreio do collegio; lá vinha um dia, porém, que brincava doidamente, apaixonadamente. Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! O Isaias brincando! Vae chover...

A minha energia no estudo não diminuiu com os annos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a sympathisar commigo. De si para si (suspeito eu hoje), ella imaginou que lhe passava pelas mãos um genio. Correspondi-lhe á affeição com tanta força d'alma, que tive ciumes d'ella, dos seus olhos azues e dos seus ca-

bellos castanhos, quando se casou. Tinha eu então dois annos de escola e doze de idade. Dahi a um anno, sahi do collegio, dando-me ella, como recordação, um exemplar do «*Poder da Vontade*», luxuosamente encadernado, com uma dedicatoria affectuosa e lisongeira. Foi o meu livro de cabeceira. Li-o sempre com mão diurna e nocturna, durante o meu curso secundario, de cujos professores, poucas recordações importantes conservo hoje. Eram banaes! Nenhum d'elles tinha os olhos azues de D. Esther, tão meigos e transcendentes que pareciam ler o meu destino, beijando as paginas em que estava escripto!...

Quando acabei o curso do Lyceu, tinha uma boa reputação de estudante, quatro approvações plenas, uma distincção e muitas sabbatinas optimas. Demorei-me na minha cidade natal ainda dois annos, dois annos que passei fóra de mim, excitado pelas notas optimas e pelos prognosticos da minha professora, a quem sempre visitava e ouvia. Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espirito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sybilla me dizia ao ouvido: vae, Isaias! vae!... Isto aqui não te basta... Vae para o Rio!

Então, durante horas, através das minhas occupações quotidianas, punha-me a medir as difficuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoismo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protectores que me pudessem valer...

Que faria lá, só, a contar com as minhas proprias forças? Nada... Havia de ser como uma palha no rodamoinho da vida — levado d'aqui, tocado para alli, afinal engulido no sorvedouro... ladrão... bebedo... tysico... quem sabe mais? Hesitava. De manhã, a minha resolução era quasi inabalavel, mas, já á tarde, eu me acobardava diante dos perigos que antevia.

Um dia, porém, li no «Diario de ***» que o Fe-

licio, meu antigo condiscipulo, se formara em pharmacia, tendo recebido por isso uma estrondosa, dizia o «Diario», manifestação dos seus collegas.

Ora o Felicio! pensei de mim para mim. O Felicio! Tão burro! Tinha victorias no Rio! Porque não as havia eu de ter tambem — eu que lhe ensinara, na aula de portuguez, de uma vez para sempre, differença entre o adjuncto attributivo e o adverbial? Porque!?

Li essa noticia na sex-feira. Durante o sabbado tudo enfileirei no meu espirito, as vantagens e as desvantagens de uma partida. Hoje, já não me recordo bem das phases d'essa batalha; porémi uma circumstancia me occorre das que me demoveram a partir. Na tarde de sabbado, sahi pela estrada fora. Fazia máo tempo. Uma chuva intermittente cahia desde dois dias.

Sahi sem destino, a esmo, melancolicamente aproveitando a estiada.

Passava por um largo descampado e olhei o céo. Pardas nuvens cinzentas galopavam, e, ao longe, uma pequena mancha mais escura parecia correr engastada n'ellas. A mancha approximava-se e, pouco a pouco, ví-a subdividir-se, multiplicar-se; porfim, um bando de patos negros passou por sobre a minha cabeça, bifurcado em dous ramos, divergentes de um pato que voava na frente, a formar um V. Era a inicial de Vae. Tomei isso como signal animador, como bom augurio do meu proposito audacioso. No domingo, de manhã, disse de um só jacto á minha mãe:

— Amanhã, mamãe, vou para o Rio.

Minha mãe nada respondeu, limitou-se a olhar-me enigmaticamente, sem approvação nem reprovação; mas, minha tia, que costurava em uma ponta da mesa, ergueu um tanto a cabeça, descançou a costura no collo e fallou persuasiva:

— Veja lá o que vai fazer, rapaz? Acho que você deve aconselhar-se com o Valentim!

— Ora qual! fiz eu com enfado. Para que Valen-

tim? Não sou eu rapaz illustrado? Não tenho todo o curso de preparatorios? Para que conselhos?

— Mas olhe, Isaias! você é muito creança... Não tem pratica... O Valentim conhece mais a vida do que você. Tanto mais que já esteve no Rio...

Minha tia, irmã mais velha de minha mãe, não tinha acabado de dizer a ultima palavra, quando o Valentim entrou envolvido n'um comprido capote de baeta.

Descançou alguns pacotes de jornaes manchados de sellos e carimbos; tirou o bonet com o emblema do Correio e pediu café.

— Você veio a proposito, Valentim. Isaias quer ir para o Rio e eu acabo de recommendar que se aconselhasse com você.

— Quando você pretende ir, Isaias? indagou meu tio, sem surpresa e immediatamente:

— Amanhã, disse eu cheio de resolução.

Elle nada mais disse. Calamo-nos e minha tia sahio da sala, levando o capote molhado e logo depois voltou, trazendo o café.

— Quer paraty, Valentim?

— Quero.

Revolvendo lentamente o assucar no fundo da chicara, meu tio continuou ainda calado por muito tempo. Tomou um gole de café, depois um outro de aguardente, esteve com o calice suspenso alguns instantes, descansou-o na mesa automaticamente e, aos poucos, a sua physionomia de largos traços de ousadia, foi revelando um grande trabalho de concentração interior. Minha mãe nada dissera até ahi.

N'um dado momento, pretextando qualquer coisa, levantou-se e foi aos fundos da casa. Ao sahir fez a minha tia uma insignificante pergunta sobre o arranjo domestico, sem alludir á minha resolução e sem despertar meu tio da scisma profunda em que se engolfara.

Ancioso, deixei-me ficar á espera de uma respos-

ta d'elle, notando-lhe as menores contracções do rosto e decifrando os mais tenuous lampejos de seu olhar. Houve um segundo que elle me pareceu ter suspenso todo o movimento exterior de sua pessoa. A respiração como que parara, tinha o senho carregado, as rugas da testa larga e quadrada fixadas, como se tivessem sido vasadas em bronze, e os olhos immoveis, orientados para uma fresta da mesa, brilhantes, extraordinariamente brilhantes e salientes, como que a saltar das orbitas, para farejar o rasto provavel da minha vida na intrincada floresta dos acontecimentos. Gostava d'elle. Era um homem leal, valoroso, de pouca instrucção, mas de coração aberto e generoso. Contavam-lhe façanhas, bravatas portentosas, levadas ao cabo, pelos tempos em que fôra, nas eleições, esteio do partido liberal. Pelas portas das vendas, quando passava, cavalgando o seu sympathico cavallo magro, com um sacco de cartas á garupa, murmuravam: «que songa-monga! Já liquidou dois...»

Eu sabia do caso, estava mesmo convencido de sua exactidão; entretanto, apesar das minhas idiotas exigencias de moral inflexivel, não me envergonhava de estimal-o, amava-o até, sem mescla de terror, já pela decisão do seu character, já pelo apoio certo que nos déra, a mim e a minha mãe, quando veio a morrer meu pae, vigario da freguezia de ***. Animara a continuar os meus estudos, fizera sacrificios para me dar vestuario e livros; desenvolvendo assim uma actividade acima dos seus recursos e forças.

Durante os dous annos que passei, depois de ter concluido humanidades, o seu character atrevido conseguia de quando em quando arranjar-me um ou outro trabalho. D'esse modo, eu ia vivendo uma doce e mediocre vida roceira, sempre perturbada, porém, pelo estonteante proposito de me largar para o Rio. Vae Isaias! Vae!

Meu tio ergueu a cabeça, pousou o olhar demoradamente sobre mim e disse:

— Fazes bem!

Acabou de tomar o café, pediu o capote e convidou-me:

— Vem commigo. Vamos ao Coronel... Quero pedir-lhe que te recommende ao dr. Castro, deputado.

Minha tia trouxe o capote, e quando iamos sahindo appareceu tambem minha mãe, recommendando:

— Agazalha-te bem, Isaias! Levas o chapeo de chuva?

— Sim senhora, respondi.

Durante quarenta minutos, patinhamos na lama do caminho, até á casa do Coronel Belmiro. Mal tinhamos empurrado a porteira que dava para a estrada, o vulto grande do fazendeiro assomou no portal da casa, redondo, n'um longo capote e coberto de um largo chapéo de feltro preto. Approximamo-nos...

— Oh! Valentim! fez preguiçosamente o Coronel. Você traz cartas? Devem ser do Trajano, conhece? Socio do Martins, da rua dos Pescadores...

— Não sêhior, interrompeu meu tio.

— Ah! E' seu sobrinho... Nem o conheci... Como vae, menino?

Não esperou a minha resposta; continuou logo em seguida:

— Então, quando vae para o Rio? Não fique aqui... Vá... Olhe, o senhor conhece o Azevedo?

— E' d'isso mesmo que vinhamos tratar. Isaias quer ir para o Rio e eu vinha pedir a V. S...

— O que? interrompeu assustado o Coronel.

— Eu queria que V. S., Sr. Coronel, gaguejou o tio Valentim, recommendasse o rapaz ao Dr. Castro.

O Coronel esteve a pensar. Mirou-me de alto a baixo, finalmente falou:

— Você tem direito, seu Valentim... E'.. Você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós: se elle está

eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e você que desenterrou alguns.

Riu-se muito, cheio de satisfação por ter repetido tão velha pilheria e perguntou amavelmente em seguida:

— O que é que você quer que lhe peça?

— V. S. podia dizer na carta que o Isaias ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatorios, e precisava, por ser pobre, que o Dr. lhe arranjasse um emprego.

O Coronel não se deteve, fez-nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva.

Não se demorou muito; as suas noções gramaticas não eram sufficientemente fortes para retardar a redacção de uma carta. Demoramo-nos ainda um pouco e, quando nos despediamos, o Coronel abraçou-me, dizendo:

— Faz bem, menino. Vá, trabalhe, estude, que isto aqui é uma terra á tôa, com licença da palavra, de m... O Castro deve fazer alguma cousa por você. Elle foi assim tambem... O pae você o conheceu, seu Valetim?

— Sim, Coronel, disse meu tio.

— ... era muito pobre, muito mesmo... O Hermenegildo, o Castro, quiz estudar. Nós... nós não, eu, principalmente que era presidente, arranjei-lhe uma subvenção da Camara... E foi assim. Hoje, accrescentou-o Coronel immediatamente, não é preciso, o Rio é muito grande ha muitos recursos... Vá menino!

Não chovia mais. As nuvens tinham corrido de um lado do horisonte, deixando vêr uma nesga de céu azul.

Um pouco de sol banhava aquellas collinas tristes e fatigadas, por entre as quaes caminhavamos.

As cigarras puzeram-se a estridular e vim vindo de cabeça baixa, sem apprehensões, cheio de esperanças, exuberante de alegrias.

A minha situação no Rio estava garantida. Obte-

ria um emprego. Um dia pelos outros iria ás aulas, e todo o fim de anno, durante seis, faria os exames, ao fim dos quaes seria doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o peccado original do meu nascimento humilde, amaciaria o supplicio premente, cruciante, e omnimodo de minha côr... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito á minha magestade de homem, andaria com ella mais firme pela vida em fóra. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cerebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, offerencia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

Ah! Doutor! Doutor!... Era magico o titulo, tinha poderes e alcances multiplos, varios, polyformicos... Era um pallium, era alguma cousa como chlamyde sagrada, tecida com um fio tenue e quasi imponderavel, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse d'ella, as gottas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisivel distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoraveis, com o commum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo entanha antes de ferir a marmellada á beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: doutor, como passou! Como está, doutor? Era sobrehumano!...

Estavamos quasi a chegar...

Pelo caminho, viemos, os dois, cãlados. Eu todo entregue ás minhas reflexões, que meu tio uma vez ou outra, veio perturbar com uma pergunta qualquer. Era sem vontade de continuar a conversa que eu res-

pondia; depois da terceira tentativa para entabolal-a, não insisti mais. O sol fugia aos poucos, as cigarras deixaram de cantar e quando chegamos a casa, a chuva cahiu novamente.

Almocei, sahi até á cidade proxima para fazer as minhas despedidas, jantei e, sempre, aquella visão doutoral que me não deixava. Uma face d'ella me apparecia, depois outra mais brilhante; esta provocava uma consideração, aquella mais uma propriedade da carta omnipotente. De noite, no tecto da minha sala baixa, pelos portaes, pelas paredes, eu via escripto pela luz do lampeão de petroleo — Doutor! Doutor!

Quantas prerogativas, quantos direitos especiaes, quantos privilegios, esse titulo dava! Podia ter dois e mais empregos apesar da Constituição; teria direito á prisão especial e não precisava saber nada. Bastava o diploma. Puz-me a considerar que isso devia ser antigo... Newton, Cesar, Platão e Miguel Angelo deviam ter sido doutores!

Foram os primeiros legisladores que deram á carta esse prestigio extra-terrestre... Naturalmente, teriam escripto nos seus codigos: tudo o que ha no mundo é propriedade do doutor, e se de alguma cousa outros homens gozam, devem-n'o á generosidade do doutor. Era uma outra casta, para a qual eu entraria, e desde que penetrasse n'ella, seria de osso, sangue e carne differente dos outros — tudo isso de uma qualidade transcendente, fóra das leis geraes do Universo e acima das fatalidades da vida commum.

— Levas toda a roupa, Isaias? veio interromper minha mãe.

Eu estava deitado n'um velho sofá amplo. Lá fóra, a chuva cahia com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa fragil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrazada. Minha mãe ia e vinha de um quarto proximo; removia bahus, arcas; cozia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil

esqualido, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os mallares salientes, tendo pela pelle parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ella lançava-me os seus olhos avelludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao encarar-me. „Suppuz que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; soffrimentos e dores que a educação e intelligencia, qualidades a mais na minha fragil consistencia social, haviam de attrahir fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ella via em mim, para me deitar aquelles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. Aos seus olhos — muitas vezes se me veiu a afigurar — eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercal-a-ia logo o ambiente de seducção e corrupção, e havia de acabar por ahí, por essas ruas...

Por vezes, tambem acreditei que ella nada quizesse exprimir com elles; que tinha por mim a indifferença da machina pelo seu producto. Que importa aos teares de Valenciennes o destino de suas rendas?!

Eu a cria, então, resignada a ficar alli, nas proximidades de uma cidade de terceira ordem, tendo, de onde em onde, noticias minhas n'aquella grande cidade que a sua imaginação a custo havia de representar. E quem sabe se as noticias seriam de ordem a provocar-lhe duvidas sobre a sua maternidade?! Coitada! Pobre de minha mãe!

— Olhe, mamãe, disse eu, logo que me arrume mande-a buscar. A senhora está ouvindo?

— Sim, respondeu ella com fingida indifferença.

— Alugaremos uma casa. Todos os dias, quando eu fôr trabalhar, tomarei a sua benção; quando tiver de estudar até alta noite, a senhora ha-de dar-me café, para espantar o somno... Sim, mamãe?

E me puz a abraçal-a effusivamente.

— É bom! Estuda, Isaias, fez ella, desvencilhando-se de mim brandamente. Não te importes commigo... Estuda, meu filho! Eu já estou velha, demais...

— Mãe, não acredita em mim.

— Acredito, meu filho; mas... mas não quero sahir d'aqui.

No dia seguinte, quando me despedi, ella deu-me um forte abraço; afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquelle olhar que me lançava sempre, fosse em que circumstancia fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor.

— Vae, meu filho, disse-me ella afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...

E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando.

II

A viagem de trem correu enfadonha. Não sei se devido á falta de commodidade do banco, não sei se ás grandes emoções porque passara, o certo é que me invadiu durante toda ella um lethargo, um torpôr que me chumbou o corpo e me tornou a intelligencia de difficil penetração. Encostado ao espaldar do banco, viajava meio acordado, meio dormindo; de quando em quando, um solavanco do carro abria-me violentamente os olhos e obrigava-me a considerar mais detidamente a paysagem que fugia pela portinhola do wagon.

Eram as mesmas charneças húmidas ao sopé de morros de porte médio, revestidos de um matto ralo, anemico, verde escuro, onde, por vezes, uma arvorel de mais vulto se erguia soberbamente, como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade propria.

O sol coava-se com difficuldade por entre gros-

sos novellos de nuvens erradias, distribuindo sobre as cousas que eu ia vendo, uma luz amarellada e desigual.

Pelo declive suave de uma encosta, o tapete escuro do matto apparecia mosqueado, com manchas arredondadas, claras e escuras, salpicadas com relativa regularidade. Por aqui, por alli, trechos foscos e baços contrastavam com tufos vivos, profusamente illuminados — rebentos de vida n'uma pelle doente...

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: «Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!» Ao mesmo tempo a meu lado, um rapazola alourado, reclamava o d'elle, que lhe foi pramenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ella não rebentou em pranto. Tropego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da differença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... Os meus dezenove annos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os hombros largos e os membros ageis e elasticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de côr pronunciadamente azeitonada.

Além de tudo, eu sentia que a minha physionomia

era animada pelos meus olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pae. Demais, a emanação da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade... Por que seria então, meu Deus?

Os esforços que fiz, mais espesso tornaram o capacete plumbeo que me opprimia o cerebro. O torpôr tomou-me mais fortemente e por fim dormi, dormi não sei quantas horas, não sei quantos minutos, pois que, ao despertar, era bocca da noite, e o crepusculo cobria as cousas com uma capa de melancholia por assim dizer tangivel. Affagava, roçava pelas minhas faces, tocava-me nas mãos de leve como uma pellucia... Por entre laranjaes dourados de pomos maduros, a locomotiva corria célere... Chegamos á estação terminal, mas não acabou ahí a viagem. Passamo-nos para uma barca que atravessou vagarosamente por entre ilhotas até alcançar o largo da bahia.

O espectáculo chocou-me. Repentinamente senti-me outro. Os meus sentidos aguçaram-se; a minha intelligenciã entorpecida durante a viagem, despertou com força, alegre e cantante... Eu via nitidamente as cousas e ellas penetraram em mim até ao âmago. Convergi todo o meu aparelho de exame para o espectáculo que me surprehendiã. Estive por instantes espasmodicamente arrebatado, para um outro mundo, adivinhado além das cousas sensiveis e materiaes. Voluptuosamente, cerrei os olhos; depois, aos poucos, descerrei as palpebras para olhar em baixo o mar espelhento e mysterioso. A barca vogava, as aguas negras abriam — fingindo resistencia, calculando a recusa.

O casario defronte — o da orla da praia, envolvido já nas brumas da noite, e o do alto, queimando-se na purpura do poente — surgia revoltó aos meus olhos,

bizarramente disposto sem uma ordem geometricamente definida, mas guardando com as montanhas que espreitavam a cidade, com as inflexões caprichosas das collinas e o meandro dos valles, um accordo occulto, subtilmente logico.

Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma cousa de unificador, a abraçar o mar, as casas, montanhas e o céo; pareciam erguidos por um só pensamento, afastadas e approximadas por uma intelligencia coordenadora que calculasse a divisão dos planos, abrisse valles, recortasse curvas, a fim de agitar viva e harmoniosamente aquelle amontoado de cousas differentes... O aconchego, a tepidez da hora, a solemnidade do logar, o crenulado das montanhas engastadas no céo concavo, deram-me impressões varias, fantasticas, discordantes e fugidias...

Havia um brando ar de sonho, e eu fiquei todo penetrado d'elle. Andamos. Agora, a barca movia-se ao longo de uma comprida ilha pejada de edificios. Mais perto, mais longe, pequenas lanchas corriam, erguendo para a pureza do céo irreverentes pennachos de fumo; na linha do horisonte, havia uma terra baixa, ao fundo, onde, dolentemente agitado pela viração, um esguio coqueiro, firme e orgulhoso, crescia solitario; grandes cascos escuros de saveiros e galeras ruminavam placidamente; e botes velozes, cruzando as respectivas derrotas, brincavam sobre as ondas como crianças travessas...

Um escaler approximou-se da barca, bem perto; a tripulação rubicunda entoava uma canção, um hymno. O escaler afastou-se logo, desdenhoso e superior.

Antes de atracar, a noite cahiu de todo.

Na cidade longos riscos de fogo brilharam, juntos e espaçados, rectos e curvos, parallellos e emaranhados... Chegamos.

Quando saltei e me puz em plena cidade, na praça para ondé dava a estação, tive uma decepção. Aquel-

la praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edificio sem gosto, offendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bella e magestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem belleza alguma.

A rua do Ouvidor, que vi de longe, illuminada e transitada, em pouco diminuiu a má impressão que me fez a cidade. Pouco antes de partir, havia-me informado dos hoteis e, por essa occasião, recommendaram-me o hotel Jenikalé, na praça da Republica, de modica diaria, para onde me dirigi no proposito de me demorar os poucos dias exigidos para obter a collocação que me daria o deputado Castro. Fui jantar e sentei-me á meza redonda, onde havia já muita gente a falar de tudo e de todas as cousas. Evitei travar conversa com qualquer dos circumstantes. Jantei calado, de olhos desconfiados, baixos, erguendo-os de quando em quando do prato para as gravuras que guarneciam a sala, sem me animar a pousal-os na physionomia de qualquer dos commensaes. Não obstante isso, alguém, pelo fim do jantar, venceu a minha obstinação:

— Creio que viemos juntos...

— Não me recorda, fiz eu polidamente.

— Perfeitamente. O senhor dormia quando embarquei.

— Póde ser... Viajei quasi sempre assim... Alonguei a resposta muito a custo e a medo; mas, arrependido, comecei a pezal-a bem e vi que por ella o meu interlocutor não me poderia roubar o fraco peculio.

— Vim a negocios... O senhor sabe, continuou o desconhecido; o senhor sabe: quem quer vai, quem não quer manda... Se me limito a encommendar a farinha

— é uma desgraça! Chega azeda e de pessima qualidade — então é um inferno! Os freguezes reclamam;

a pretexto d'isso, não pagam. Para evitar essas e outras, venho de dois em dois mezes compral-a, eu mesmo... Veja o senhor só — é uma despeza, mas que se ha-de fazer?!...

— O senhor está estabelecido?

— Em Itaporanga, sim senhor; tenho uma padaria, pequena sim, mas rende. O senhor sabe: o pobre não passa sem pão.

Aproveitei um instante em que se virara para o vizinho, para analysar o padeiro de Itaporanga.

Era um homem baixo, de membros fortes, que respirava com força e desembaraçadamente. Falando, torcia com a mão aspera de antigo trabalhador, o bigode farto. Descobria-se que na sua mocidade se entregara a trabalhos grosseiros, mas que, de uns tempos a esta parte, gozava de uma vida mais facil e leve. O seu olhar, inquieto e fugidio, mas vivo, quando se fixava, era de velhaco mercadejante, bem com o codigo e as leis.

— O senhor veio a passeio? perguntou-me.

— Não senhor, disse-lhe de prompto. Vim estudar.

— Estudar!

— De que se admira.

— De nada.

Em seguida, abrindo o rosto queimado e amei-gando a voz, em que havia longinquamente o sota-que portuguez, disse:

— Venha commigo, doutor; vamos dar uma volta.

Não tive tempo de oppôr uma resposta. O padeiro voltou-se para os fundos da sãla e gritou ao caixeiro:

— José! Charutos...

Aquelle homem ia pondo em mim uma singular inquietação. A sua admiração tão explosiva ao meu projecto de estudo, as suas maneiras ambiguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, prescrutador e sagaz, junto ao seu ar bonacheirão e

simplorio, provocavam-me desencontrados sentimentos de confiança e desconfiança. Havia n'elle tanta coisa opposta á profissão que dizia ter que me puz a desconfiar — Quem sabe! Entretanto, a sua affabilidade, as suas mãos grossas...

— Oh José! Os charutos? fez impaciente o negociante.

O caixeiro veio capengando sobre umas amplas botinas, e estendeu-nos uma caixa cheia de charutos claros, pimpantes, cujo aroma rescendia e tentava a fumaça.

— Sirva-se, doutor! São magnificos! O Machado recebe-os directamente.

E com um franzir de sobr'olhos, deu-me a entender a origem semi-criminosa dos charutos. Picou a ponta com os dentes, e não sem uma certa elegancia, chegou o phosphoro acceso ao seu e depois de esperar que eu tambem accendesse, fallou-me:

— O doutor conhece o Rio?

— Não, fiz eu prazenteiramente, pois que o tractamento me agradava. Era a primeira vez que o recebia; lisongeava-me naturalmente.

— Venha então commigo. Não saio nunca, mas posso acompanhal-o na primeira visita. Podemos ir ao theatro, são oito e meia. Em dous minutos chego alli á confeitaria da Estrada, e antes das nove estamos no Recreio...

— Mas, meu caro senhor...

— Lage da Silva, um seu criado.

— Mas, meu caro Snr. Lage da Silva, continuei, estou cansado. Seria melhor...

— Oh! o senhor! Um menino! Deixe-se d'isso... Vamos, doutor.

O doutor era magico. Accedi e o Sr. Lage da Silva, negociante com padaria em Itaporanga muito orgulhosamente estendeu a perna esquerda, e dos profundos refolhos da algibeira da calça respectiva tirou

um masso enorme de notas; escolheu uma e pagou os charutos que fumavamos.

III

«Os antigos bebiam perolas dissolvidas em vinagre. Não eram lá de gosto muito fino e a extravagancia nada significava. Eu bebo a verde esmeralda sadia, emblema da mater Natureza, n'um copo de Xerez. Em vez da perola morbida, doença de um marisco, no acre vinagre, bebo o verde dos prados, a magnifica coma das palmeiras, o perfume das flores, tudo que o verde lembra da grande mãe angusta!»

Lembrei-me no dia seguinte d'essa phrase que o Raul Gusmão, um joven jornalista, da amizade do Lage da Silva, pronunciou solememente devagar no botequim do theatro, enquanto nos serviamos de bebidas. Disse-a com a sua voz fanhosa, sem accento de sexo e emittida com grande esforço doloroso. Fállar era para a sua natureza obra difficil. Toda a sua pessoa se movia, se esforçava extraordinariamente; todos os seus musculos entravam em acção; toda a energia da sua vida se applicava em articular os sons e sempre, quando fallava, era como se fallasse pela primeira vez, como individuo e como especie. Essa sua voz de parto difficil, esse espumar de sons ou gritos de um anthropoide que ha pouco tivesse adquirido a palavra articulada, deu-me não sei que mal estar, que não mais fallei até á sua despedida. Tive medo de que me fosse preciso empregar o mesmo esforço, que a minha palavra custasse tambem aquella grande dôr já olvidada e vencida pela nossa especie; e fiquei a ouvi-lo respeitosa-mente, tanto mais que nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdem, com tal superioridade que fiquei entibiado, esmagado, diante do retrato, que d'elle fiz

intimamente, de um grande litterato, universal e aclamado, especie de Balzac ou Dickens, apesar dos seus guinchos de pithecanthropus.

Fallava e não nos olhava quasi; errava os olhos — os olhos pequeninos dentro de umas orbitas quasi circulares a lembrar vagamente uma raça qualquer de suino — errava os olhos, dizia, pelo pateo do theatro, e quando nos fixava trazia uma expressão de escarneo, que elle mantinha com um razoavel dispendio de energia muscular. Veiu ter á nossa meza por instancias do Lage da Silva. Ia passando um pouco afastado, quando o meu companheiro lhe correu ao encontro e, com os maiores rogos, o trouxe para a meza. Apresentou-nos e perguntou depois:

— Que toma, dr.?

— Nada.

— Oh! Alguma cousa... Um licor... Um cognac?

— Vinho. Venha lá um vinho! Hoje não ha mais vinhos... O sr., accrescentou, voltando-se para mim com o seu ar fingidamente insolente; o sr. porventura dá-me noticias dos vinhos de Smyrna e de Chios?

Desviou o rosto sem esperar a resposta, tirou uma preguiçosa fumaça do charuto e poz-se a olhar pausadamente o theatro, alçando a vista ás vezes até á varanda; e, por fim, cheio de insolencia e com aquella voz de parto difficil, chamou o caixeiro e encomendou meio calice de *peppermint* e uma dóse de Xerez. Simulando não perceber o nosso espanto, fez algumas considerações sobre os vinhos antigos, confrontando-os com os modernos, no sabôr, na côr e no preparo, com um exacto conhecimento de ambos. Vieram-lhe as garrafas e o jornalista, pegando na colhersinha com dous dedos e estendendo os outros de sua mão polpuda, abbaçial, como m'a qualificou mais tarde, misturou ritualmente o verde *peppermint* no Xerez e foi por ahi que disse: *Os antigos...*

Diante d'elle, dos seus gestos, das suas palavras,

a impressão das mulheres, da agitação do theatro, apagou-se-me completamente. Elle resumiu-me o theatro, e fiquei com este encontro tão indelevelmente travado que ainda agora, ao traçar estas linhas, estou a vel-o erguer-se da cadeira com visivel esforço, ficar um instante parado junto a nós, com o alentado corpanzil encostado á bengala vergada, dizer cheio de profundo aþorrecimento — como isto é feio! — para então se afastar por fim, vagarosamente...

Mal sahiu, pedi pormenorizadas informações ao Lage da Silva. Nos confins da minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso do genero humano, uma desconstrada mistura de porco e de simio adiantado; ainda por cima jornalista ou cousa que o valha, exhuberante de gestos inéditos e phrases imprevistas. Lage da Silva, porém só sabia que elle tinha a «Aurora», á sua disposição, jornal muito lido e antigo, respeitado e que, no tempo do Imperio, derrubou mais de um Ministerio. Escrevia nos jornaes; era o bastante. E essa sua admiração, se era de facto esse o sentimento do padeiro, pelos homens dos jornaes levava-o a respeitá-os a todos desde o mais graduado, o redactor-chefe, o polemista de talento, até ao reporter de policia, ao modesto revisor e ao caixeiro de balcão. Todos para elle eram sagrados, seres superiores ou necessarios aos seus negocios, pois viviam n'aquella officina de Cyclopes onde se forjavam os temerosos raios capazes de ferir deuses e mortaes, e os escudos capazes tambem de proteger as traficancias dos mortaes e dos deuses. Lage não lhe conhecia as obras, nem mesmo os artigos e ficou satisfeito que um outro conhecido seu viesse sentar-se sem cerimonia alguma á nossa meza, obrigando-me a não lhe fazer mais perguntas sobre o pithecanthropus litterato. Era o Oliveira — não me conhece? O Oliveira, do «O Globo»!... tão conhecido!... Oh!

O padeiro offereceu-lhe alguma cousa e perguntou amavelmente o que havia de novo.

— Uma inundação no Norte.

— Onde?

— No forte S. Joaquim, no Purus.

— Perdão! fiz eu muito collegialmente. O forte S. Joaquim não fica no Purus...

O Oliveira olhou-me com alguma raiva e eu tive que comprimir a alegria collegial do quináo. Mas a sua raiva foi breve; o reporter Oliveira procurou uma sahida conveniente para a sua ignorancia n'uma critica larga e patriotica:

— Esta nossa geographia anda tão baralhada... O governo não cuida n'essas cousas. E' só politica e *cumidelas*... Tudo come... Uma vergonha! Do que o paiz precisa não cuidam... O sr. com certeza não conhece o rio das Capivaras?

— Não, senhor, fiz satisfeito por mostrar a meu turno a minha ignorancia.

— Pois é um rio importante e nenhuma geographia dá! Eu o conheço porque nasci perto, senão... Nós não temos governo...

De manhã, puz-me a recapitular todos esses episodios; e sobre todos pairava a figura inflada, mescla de suino e de simio, do celebre jornalista Raul Gusmão. O proprio Oliveira, tão parvo e tão besta, tinha alguma cousa d'elle, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de phrases de effeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa. Era já o genial, com quem viria travar conhecimento mais tarde, que me assombrava com o seu machinismo de *póse* e me colhia nos alcapões de apanhar os simples. E senti tambem que o espantoso Gusmão e o bobo Oliveira que tinham desviado da observação meticulosa a que vinha submettendo o padeiro de Itapiranga. Achava extraordinario que um varregistra de um villarejo longiquo cultivasse e manti-

vesse amizades tão fora do seu circulo; não se explicava bem aquelle seu norteio para os jornalistas, a especial admiração com que os cercava, o carinho com que tratava todos.

No theatro e na rua, cumprimentou mais de uma dezena d'elles e apontou-me, sem lhes fallar, uma duzia de outros. E' de tal jornal diario, dizia; é de tal semanario; *faz guerra, faz marinha...* Conhecia minuciosamente toda a vida jornalística. Informava-me sobre os nomes dos redactores, dos proprietarios, dos collaboradores; sabia a tiragem de cada um dos grandes jornães, como o de cada semanario de caricaturas... Havia n'isso uma mania pueril ou o que era? Não se manifestava homem de leituras, politico ou dado ás lettras; não lhe senti a mais elementar preocupação intellectual; todo elle me pareceu convergindo para os negocios, para as cousas de dinheiro, especulações... Por isso, a sua jovialidade e sociabilidade não impediram que, aqui e ali, repontassem em mim alguns propositos sobre a sua honestidade.

Houve um facto que tornou um pouco mais consistente as fluidicas suspeitas que alimentava.

Acabando de ceiar, ao pagar a conta, o padeiro examinou com o cuidado especial de entendido o papel, a estampa e a numeração das notas do troco. Notando que eu reparava com insistencia para o seu exame pericial, com a mais tranquilla das vozes e cheio de uma linda ingenuidade, pediu-me:

— Faça o favor, dr.: veja-me de que estampa é esta... Não posso ler direito...

E passava-me a cedula velha, mas ainda em bom estado, em que li: estampa 9.^a — perfeitamente legivel.

— Obrigado. E' preciso muito cuidado, meu caro dr. A Casa da Moeda tem muitas filiaes por ahí...

Com o seu gesto habitual, estendeu a perna, arru-

mou as notas no masso e guardou-o no fundo da algibeira.

D'ahi em diante, não sei se com justeza, mas, certamente com muita segurança intima, tive por affectadas a sua simplicidade e bonhomia, e julguei que escondiam algo de grave deserrollar-se na sua vida e ainda não tivera termo.

Pelo almoço, a uma pergunta minha, o copeiro avisou-me que o padeiro tinha ido aos suburbios e não voltaria senão á tarde. Almocei vagarosamente e tranquillo. O dia estava fresco e azul. Pela janella avistava os grandes relvados do jardim, muito verdes e macios, de uma macieza de tapete e de um verde que afagava o olhar. Soavam onze horas quando sahi do hotel e vim vindo a pé até ás ruas centraes da cidade. Era cedo; não fui logo á Camara. Fiquei vagueando pelas ruas á espera da hora conveniente. Cansado de andar pelo centro, aventurei-me tomar um d'aquelles bondes pequenos; chegando ao termo, bebi um refresco n'um botequim sordido das proximidades e tomei outro bonde que, me informaram, levava á Camara. Não reparei que a meu lado se sentara um homem acobreado, de cabello liso mas de barba rala e crespa, ar decidido e thorax forte; mas notara que, bancos adiante, um senhor de cartola, fraque e calças brancas, tomara lugar á direita de uma senhora, joven ainda, cuja passagem pagara, sem que com ella trocasse sequer um olhar. Observei-os intrigados; em meio da viagem o visinho segredou-me:

— Está vendo que pouca vergonha! Um senador bolinar!

Não entendi. Bolinar... Senador... O que era? O homem, entretanto, insistiu:

— Todo o dia é aquillo... Uma vergonha! Se fosse outro, mas um senador!

Por esse tempo, o par soltou, isto é, o senador um pouco antes, com o vehiculo em movimento, e a

senhora saltou adiante; e ambos, ao geito de desconhecidos, tomaram uma rua transversal. O meu visinho não fez mais nenhuma observação, não me deixando, porém, de olhar durante a viagem toda e quando saltei, mal tinha pisado o passeio, cortou-me os passos interpellando-me:

— Olhe, menino, deixe-se d'isso, senão...

— Mas, o que?

— Então não sabe! Ora, não se faça de besta, continuou, atirando o chapéo para o alto da cabeça.

— Mas...

— E' isto que lhe digo; não se metta na vida de *seu* Carvalho... E' um graudo, póde ter lá *seus arranjos* e não tem que dar satisfação a ninguem — fique sabendo!

— Eu!

— Sim, você.

Olhou-me durante instantes cheio de desafio e perguntou-me com redobrado atrevimento.

— Você não é *reporier* do «O Azeite», ùm jornaleco que anda por ahi?

Soube muito depois que «O Azeite» era um pequeno semanario em que se denunciavam os namoros e tambem, com grosseiros circumloquios, os escandalos familiares e os adulterios da cidade.

A policia sempre perseguia taes publicações; mas, mudando de titulo e talvez de proprietarios, de quando em quando, resurgiam com nomes mais ou meños suggestivos e immoraes.

Houve um que se tornou celebre e durou bastante tempo: «O Carbonario». Desappareceu e, dahi em diante, os que vieram á publicidade não se demoraram na venda.

Não conhecia essa especie de imprensa, e só mais tarde vim a saber que «azeite», na gíria carioca, é namoro. Innoçente em tudo, respondi com toda a candura:

— Eu, não senhor.

E com a humildade que dictava a minha segurança, expliquei ao notavel CHICO NOVE DEDOS, que havia chegado do interior, que não conhecia o Senador Carvalho, que nada sabia dos seus arranjos, e que ia entregar uma carta (mostrei-lh'a) a um Deputado na Camara, etc., etc.

O capanga acreditou, desculpou-se, disse-me o nome e offereceu-me a casa. Dirigi-me para a Camara. A minha simplicidade tinha julgado facil fallar a um deputado na Camara. Era prohibido; só se trouxesse ingresso; comtudo, o porteiro disse-me que era melhor procurar o dr. Castro na sua residencia, que me ensinou; e eu fui assistir á sessão para encher o tempo e para travar conhecimento com o mysterioso trabalho de fazer leis para um paiz. De facto, subi pensando no officio de legislar que ia ver exercer pela primeira vez, em plena Camara dos Snrs. Deputados — augustos e dignissimos representantes da Nação Brasileira. Não foi sem espanto que descobri em mim um grande respeito por esse alto e veneravel officio. Lembrei-me d'aquelles velhos legisladores da lenda e da historia: Os Manus, os Lycurgos, os Moysés, Solons, os Numas — esses nomes todos que os povos agradecidos pela fecundidade e pela sabedoria de suas leis reverenciaram por dilatados annos, ergueram-nos á altura de deuses, consagraram-lhes templos magnificos.

Embora não tendo mais a velha crença, de que elles fossem inspirados pelos deuses, o meu respeito baseava-se em motivos mais modernos, concordes com o feito de pensar do nosso tempo. Imaginava-os com uma tresdobrada força de sentidos e intelligencia, podendo prever, adivinhar, sentindo antes de expressos os desejos, as necessidades de cada um dos milhões de entes que soffriam e viviam, que pensavam e amavam pela vasta extensão da patria. Foi com grande surpresa que não senti n'aquelle dr. Castro, quando certa vez estive junto d'elle, nada que denunciasse tão poderosas

faculdades. Vi-o durante uma hora olhar tudo sem interesse e só houve um movimento vivo e proprio, profundo e differencial, na sua pessoa, quando passou por perto uma fornida rapariga de grandes ancas, oftuscante de sensualidade. Nada n'elle manifestava que tivesse um forte poder de pensar e uma grande força de imaginar, capazes de analysar as condições de vida de gentes que viviam sob céos tão differentes e de resumir depois o que era preciso para sua felicidade e para o seu bem-estar em leis bastante geraes, para satisfazer a um tempo ao jagunço e ao seringueiro, ao camarada e ao vaqueano, ao elegante da rua do Ouvidor e ao semi-bugre dos confins de Matto Grosso. Onde estava n'elle o poder de observação e a sympathy necessaria para entrar no mysterio d'aquellas rudes almas que o cercavam e o elegiam? Nada transpirava na sua preguiçosa e baça personalidade.

Entrando na Camara, verifiquei que a grandiosa representação que eu fazia do legislador, não se me tinha diminuido com o exame da opaca figura do dr. Castro. Era uma excepção, mas certamente os outros deviam ser quasi semi-deuses, mais que homens, pois eu queria-os com força e com faculdades capazes de attender e de pezar tão varios factos, tão desencontradas considerações, tantas e tão subteis condições da existencia de cada e da de todos. Para tirar regras seguras para a vida total d'esse entrechoque de paixões, de desejos, de ideias e de vontades, o legislador tinha que ter a sciencia da terra e a clarividencia do céu e sentir bem mitido o alvo incerto para que marchamos, na bruma do futuro fugidio. Quanta penetração! quanto amôr! que estudo e saber não lhe eram exigidos! Era preciso tudo, tudo! A chiromancia e a mathematica, a graphologia e a chimica, a theologia e a physica, a alchimia!... Era preciso saber tudo e sentir tudo! Era na verdade um vasto e alevantado officio!

Pensando, subia a escada da Camara dos deputados da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Ao transpor a porta que dava para a galeria, vieram-me recordações dos grandes nomes que aquella instituição vira. Primeiro, as grandes figuras dos Andradas, orgulhosos e soberbos, no meio d'aquella agitação dos nossos primeiros annos de vida politica. Foi uma rapida evocação: os dados historicos faltavam-me e os da tradição nenhuns eram; e eu, no momento, só lembrei a calma figura do patriarcha que os retratos dos compendios nos dão, e a eloquencia tumultuaria de Antonio Carlos a que frequentemente se allude.

Com mais insistencia, em seguida as conversas caseiras fizeram-me ver allí vultos mais proximos dos meus dias. D'elles, me fallava meu pae, em raros dias, quando deixava a reserva ecclesiastica e narrava paternalmente á minha infancia curiosa, scenas e factos da vida politica do Imperio. Foi com palavras suas que me recordei de Cotegipe, agil e dextro de espirito; do impetuoso Silveira Martins, cheio de vigor, mas diffuso na applicação de sua força; de José Bonifacio, o moço, com a sua solemnidade grandiosa e os seus amplos periodos de grande estylo; mas, sobretudo, do que mais me recordei n'aquelle instante, foi da graça, da elegancia da subtileza e da medida, d'esse atticismo que me pintaram em Francisco Octaviano de Almeida Rosa...

Sentei-me no ultimo degráo de uma archibancada grosseira, junto á balaustrada tendo em baixo o vazio da sala das sessões. Faziam a chamada. Ouvi repetir uma chusma de nomes anodynos e obscuros. Eu tinha na cabeça uma numerosidade de nomes de reis assyrios, de pharaós, de philosophos gregos, de generaes romanos, de romancistas francezes, de poetas nacionaes, de navegadores portuguezes; entretanto dos legisladores da Patria só um tinha na memoria: era o do dr. Castro, quasi meu visinho!

Feita a chamada, as bancadas começaram a po-voar-se. Junto ao Presidente — a seu lado, nas costas, junto aos secretarios — foi-se fazendo uma agglomeração imprevista. No espaço desguarnecido entre a meza do presidente e a primeira das bancadas, havia o transito de rua frequentado; n'uma porta ao fundo, um ajuntamento de *guichet* de theatro em enchente.

Um grande deputado de oculos e barba quadrada tonitrou: *Peço a palavra para uma explicação pessoal.* O Presidente voltou-se para um ajudante em pé, atraz e á direita, ouviu-o e, depois de tel-o ouvido, trucou: *Tem a palavra o Snr. Carlos Barrromeu.* Com certeza, pensei, esse homem foi offendido e vae defender-se. «Snr. Presidente, começou, ha uma pathologia social como ha uma individual...»

Em resumo: o seu discurso affirmava que o chefe de policia de Santa Catharina era um homem honesto e o jornalista que o insultara, um verme asqueroso e um reptil nojento.

O deputado sentou-se; a desordem augmentou. Encostada á primeira bancada, um rapaz lia um folheto; ao longo da meza presidencial, na frente, atraz, dos lados, havia um vaivem continuado. N'um momento dado, por entre aquella mó de gente, surgiu toda de branco a hybrida figura de Raul Gusmão, com a sua physionomia de porco Yorkshire e o seu corpo alentado de elephante indiano, tendo sempre nos labios aquelle sorriso affectado, um horroroso rictus, de certo o geito de sorrir do *pithecanthropus erectus*.

Um tympano soou forte e rouco; fez-se um pouco de silencio. O Presidente disse algumas palavras, das quaes as ultimas davam a palavra ao deputado Jeronymo Fagot. O meudo deputado subiu á tribuna, limpou o suor, arrumou os livros ao lado e preparou-se para fallar. Fez-se silencio, depois de uma infernal contradança no recinto. Fagot começou: «E' sabido que a moeda boa expelle a má. Desde 1842, pela lei n.º

1.425 de 30 de Setembro, d'esse anno, que o meio circulante nacional...»

Durante cinco minutos, a Camara ouviu-o attentosamente; dentro em breve, porém, o zuzum-zumzuzum reco-meçou. Não havia o ruido do começo, mas a desatencão era geral. Para a meza da presidencia enxameava uma multidão; o presidente já não era o mesmo; era um moço louro e magro.

Parecia que as palavras de Fagot lhe morriam nos labios: movia a bocca e gesticulava como um doido furioso. Os collegas desapegados da sua eloquencia dividiam-se em grupos. A' esquerda, lá ao longe, quasi na minha frente, alguns viam cartões postaes; um outro, sob os meus pés, isolado, no borborinho, escrevia febrilmente, erguendo, de quando em quando, a caneta para pensar; uma roda de tres, á esquerda e ao fundo, conversava sorrindo; ao fundo, ainda, mas um pouco á direita, um deputado gordo, com o calor que com o correr do dia se fizera forte, esquecido no somno, por detraz de um par de oculos azues, roncava perceptivelmente. Fagot fallou* cerca de meia hora; e, quando deixou a tribuna, o presidente já era um terceiro deputado, um velho com *pince-nez* de aros de ouro.

Preparei-me para sahir e quando voltava as costas para o recinto, vi encostado a uma janella no andar do recinto a figura espertalhona do Snr. Lage da Silva. Sahimos eu e um outro popular, a quem perguntei: que faz essa gente, hoje, aqui? Que fazem, respondeu-me, sei lá... Isto é, explicou-me logo, o que fazem sempre: leis. Estavamos na rua. O dia que amanhecera lindo, e relativamente fresco, esquentara e o calor por aquella hora era forte como se estivéssemos em pleno verão.

Atravessi o Largo do Paço. A fachada do velho convento do Carmo apresentava uma grande calma; os annos já lhe tinham dado a sufficiente resignação para supportar o sol terrivel dos tropicos; o cavallo

da estatua, porém, parecia ter um movimento de impaciencia para lhe fugir aos ardores implacaveis.

O ar fizera-se rarefeito e percebia-se a poeira que fluctuava na sua massa. As montanhas de Nictheröy recortavam-se nitidamente sobre o céu azul e fino, que começava a ser manchado, lá no fundo da habia, por cima do casario da Alfandega e do Mercado, por grandes pastas de nuvens brancas. Ainda pouco familiarizado com o transito pesado da rua, atravessei a rua Direita cheio de susto, cercandome de mil cautelas, olhando para aqui e para ali, admirado que aquella porção de gente trabalhasse sob sol tão ardente, sem examinar que valor tinham as suas camaras e o seu governo. E a facilidade com que os accitava, pareceu-me sentimento mais profundo, mais expontaneo, mais natural que a minha ponta de critica que já começava a duvidar d'elles. Aventurei-me pela rua do Ouvidor já preso a outros pensamentos. Agora, tinha rapidas recordações de minha casa. Por momentos, em face d'aquellas damas a arrastar *toilettes* de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim... Mas não pude continuar por ahi. Do interior de um café, o Lage chamou-me. Não estava só; acompanhava-o o dr. Ivan Gorovitch Rostolopp, jornalista brasileiro a quem fui apresentado.

— Do «Jornal do Brazil»? perguntei.

— Não, senhor. Trabalhei no «O Combate», de Belem; na «Gazeta de Leopoldina»; no «Deutsches Tagblatt», de Blumenau; no «Al-Barid», de S. Paulo e aqui, no Rio, no «Harum-al-Raschid», orgão da colonia Syria. Pretendo, porém, accrescentou, entrar em breve para o «O Globo», onde vou fazer o artigo de fundo e tratarei da politica interna.

— Escreve em muitas linguas?!

— Em dez.

— E' extraordinario, fiz eu, não podendo conter a minha parva admiração.

— Tive sempre muito geito... Logo, em menino, pelas primeiras lições de francez, comecei a escrever... Depois, houve sempre em mim um desejo de ver povos, de andar á aventura... Logo que sahi da Universidade, parti para a India. Queria servir a um Rajah, mas não ha mais Rajahs. Fui a China, ver se entrava como instructor do Exercito do Vice-Rei de Cantão. Não consegui: Parti para o Japão, onde fui chefe de uma fabrica de polvora... Tendo viajado muito...

— Você já esteve em Paris, Gregorovitch? indagou o padeiro.

— Oral fez o jornalista. Quem já não esteve lá! Estive na India, em Calcutá, onde trabalhei ao lado do grande Rai Kisto — conhece dr.?

— Não.

— Quem? indagou o Lage.

— Rai Kisto Das Pal Beader, um grande jornalista indú... Admira-me que o dr. não o conheça; na Europa já se falla n'elle. O professor Bouglé, de Tolouse, cita o seu nome em uma das suas ultimas obras...

— E' vivo? indaguei.

— Não. Morreu ha alguns annos.

O caixeiro veio servir-nos café e o jornalista depois de sorver um trago, perguntou-me:

— Já está formado?

— Vou matricular-me ainda, respondi sob o olhar de censura do Lage da Silva.

— Direito?

— Medicina...

— Não é máu... Toda a carreira serve, mas...

— O doutor é formado em direito? indaguei por minha vez.

— Não. Formei-me em linguas orientaes e exe-

gese biblica, na Universidade de Sophia, tendo começado o curso no Cairo.

Disfarcei a vontade que me deu de rir, ouvindo tão extravagante titulo escolar. Havia alguma cousa de opereta, mas o homem era tão sympathico, tinha sido tão amavel e parecia tão illustrado que me esforcei por sujeitar o meu impeto de rir, soltando uma phrase á toa:

— Na Europa, o homem de estudo tem campo, sabe onde deve chegar; aqui...

— Qual, doutor! Não ha como a sua terra! A questão é pendurar, quando se entra, a sobrecasaca de cavalheiro no Pão do Assucar; e no mais — tudo vae ás mil maravilhas!

O padeiro ficou attonito com a cynica franqueza do julgamento do jornalista. Teve um assomo de virtude e objectou pudicamente:

— Nem tanto, doutor! Nem tanto! Olhe que ainda ha homens honestos n'esta terra e em altas posições — o que é mais raro!

O doutor Gregorovitch dardejou-lhe um breve olhar sarcastico e expellindo uma longa fumaça cheia de duvida e de troça, disse devagar:

— Póde ser, Lage! Quem sabe?

Só subindo a rua movimentada, puz-me a interrogar-me sobre o tal Gregorovitch. De que nacionalidade era? Que especie de moralidade seria a sua? Com aquelle titulo burlesco de doutor em linguas orientaes e exegese biblica, quem poderia ser ao certo? Um bandido? Um aventureiro simplesmente? Ou um homem honesto, de sensibilidade prompta a fatigar-se logo com o spectaculo diario e que por isso corria o mundo? Quem seria? E jornalista! Jornalista em dez linguas desencontradas! Mas era sympathico o diabo, de physionomia intelligente...

Subia a rua. Evitando os grupos parados no centro e nas calçadas, eu ia caminhando como quem na-

vegava entre escolhos, recolhendo phrases soltas, ditos, pilherias e grossos palavrões tambem. Cruzava com mulheres bonitas e feias, grandes e pequenas, de plumas e laçarotes, farfalhantes de sedas; eram como grandes e pequenas embarcações movidas por um vento brando que lhes enfunasse egualmente o velame. Se uma roçava por mim, eu ficava entontecido, agradavelmente entontecido dentro da atmosfera de perfumes que exhalava. Era um gozo olhal-as, a ellás e á rua, com sombra protectora, marginada de altas vitrines atapetadas de joias e de tecidos macios.

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquellas cousas frageis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: veste-me, oh idiota! nós somos a civilisação, a honestidade, a consideração, a belleza e o saber. Sem nós não ha nada d'isso; nós somos, além de tudo, a magestade e o dominio!

O ruido de uma fanfarra militar, enchendo a rua, veiu agitar a multidão que passava. As janellas povocaram-se e os grupos arrimaram-se ás paredes e ás portas das lojas. São os fuzileiros, disse alguém que ouvi. O batalhão começou a passar: na frente os pequenos garotos; depois a musica esturgindo a todo o pulmão um dobrado canalha. Logo em seguida o commandante, mal disfarçando o azedume que lhe causava aquella innocente exhibição militar. Veiu por fim o batalhão. Os officiaes muito cheios de si, arrogantes, apurando a sua elegancia militar; e as praças bambas, molles e tropegas arrastando o passo sem amôr, sem convicção, indifferentemente, passivamente, tendo as carabinas mortíferas com as bayonetas caladas, sobre os hombros, como um instrumento de castigo. Os officiaes pareceram-me de um paiz e as praças de outro. Era como

se fosse um batalhão de cypaios ou de atiradores senegaleses.

Era talvez a primeira vez que eu vi a força armada do meu paiz. D'ella, só tinha até então vagas noticias. Uma, quando encontrei, n'um portal de uma venda, semi-embriagado, vestido escandalosamente de uma maneira hybridamente civil e militar, um velho soldado; a outra, quando vi a viuva do General Bernardes receber na Collectoria um conto e tanto de pensões a varios titulos, que lhe deixara o marido, um placido general que envelhecera em varias commissões pacificas e bem retribuidas...

O batalhão passou de todo; e até a própria bandeira que passara, me deixou perfeitamente indifferente...

IV

Se os senhores algum dia quizerem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residencia. Seja a que hora fôr, de manhã, ao amanhecer mesmo, á hora de jantar, quando quizerem enfim, se o procurarem, o criado hade dizer-lhes seccamente: não está. Falo-lhes de experiencia propria; porque, durante as innumeradas vezes, a toda a hora do dia, em que fui ao Hotel Terminus procurar o deputado Castro, apalpando a carta do Coronel, tive o desprazer de ouvir estas duas palavras do porteiro indifferente. Nas ultimas vezes, antes mesmo de acabar a pergunta, já o homenzinho respondia invariavelmente da mesma desesperadora forma negativa.

E' bem facil de imaginar com que sorte dê cogitações eu ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a al-

guns mil reis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a minima relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer cousa, casa ao menos, até que me arranjasse. Saira de meus penates, cheio de entusiasmo, certo de que aquella carta, mal fosse apresentada, me daria uma situação qualquer. Era essa a minha convicção, dos meus e do proprio coronel. Tinha-se lá, por aquellas alturas, em grande conta a força do doutor Castro nas decisões dos governantes e a influencia do velho fazendeiro sobre o animo do deputado.

Não era elle o seu grande eleitor? Não era elle o seu banqueiro para os effeitos eleitoraes? E nós, lá na roça, tínhamos quasi a convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro um simples preposto seu. As minhas idas e vindas ao hotel repetiam-se e não o encontrava. Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado, cortado de angustias. Sentia-me só, só n'aquelle grande e immenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus unicos amigos eram aquellas notas sujas encardidas; eram, ellas o meu unico apoio; eram ellas que me evitavam as humilhações, os soffrimentos, os insultos de toda a sorte; e quando eu trocava uma d'ellas, quando as dava ao conductor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessôa bem amada... Eu nunca comprehendí tanto a avareza como n'aquelles dias que dei alma ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna...

A minha ignorancia de viver e falta de experiencia quasi deixavam transparecer a natureza das minhas preocupações. O gerente do hotel pareceu-me que as farejava. De quando em quando, procurava na conver-

sação amedrontar-me com o seu poderio, proveniente de estreitas relações que mantinha com as autoridades. Assim entendi ser o sentido das aneddotas que contava. Uma vez — narrou elle — depois de uma longa hospedagem, um hospede quizera furtar-se ao pagamento. Não tivera duvidas, fôra ao delegado auxiliar, um seu amigo, o doutor Felicio, contara-lhe o caso e o homem teve que pagar, se quiz tirar as malas. Com elle, era assim; não dormia. Nada de justiça, de pretorias... Quall Com a policia a cousa vae mais depressa a questão é ter amigos bons e elle tinha-os excellentes; e, em seguida, interrogando me directamente: o sr. não viu, hontem, aquelle homem gordo que jantou na cabeceira? E' o escrivão da x. Os escrivães, fique o sr. sabendo, é que são as verdadeiras autoridades. Os delegados não fazem senão o que elles querem; tecem os pausinhos e... E o italiano rematou com um olhar canalha aquella sua informação sobre a omnipotencia dos escrivães.

Foram de immensa angustia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma arvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e d'onde tire vida; era como um mollusco que perdeu a concha protectora e que se vê a toda a hora esmagado pela menor pressão.

Opprimido com uma antevisão de miserias a passar, de humilhações a tragar, o meu espirito deformava tudo que via. Os menores factos que lhe caiam ao alcance, eram augmentados de um lado, diminuidos de outro; faziam-se outra cousa muito diversa para minha sensibilidade enfermiça, que a imaginação guiava para sentir todos os terrores e ameaças. Perdia a realidade da vista e vivia sub-delirante n'um mundo de cousas grotescas, absurdas e não existentes. Punha-me a appellar para o Acaso, como se tivesse predilecções. Esperava encontrar fortunas perdidas, imaginava impossi-

veis combinações de acontecimentos que me favorecessem e cheguei mesmo, por instantes, a suppor que actos de generosidade de minha parte bem podiam trazer-me o favor de genios bemfazejos. Pelo correr do dia, depois do almoço, quando me vinha o pensamento da minha situação, entrava no jardim, dia alto e morno. Aqui e alli, gozando o viço educado do parque, encontrava physionomias fatigadas, tristes, tendo estampadas na commissura dos labios sem forças a irreparavel derrota na vida. Ao sol do meio dia, dormitavam pelos bancos, sob a sombra de arvores vigorosas. Sentava-me por minha vez, sonhava alguns minutos, em seguida catava com o olhar o chão, esquadri-nhava-o bem. Era então com o coração palpitante que me abaixava junto á relva para levantar do chão uma velha caixa de phosphoros, lavada e desbotada pelas chuvas, já sem rotulo, humilde objecto que tenazmente resistira ás vassouradas e ás intemperies para attrahir o meu olhar maravilhoso. Como se fosse um furto, um crime, apanhava-a a medo e, depois de inspeccionar com cuidado os arredores, abria-a com respeito, commovido, tremulo, esperando — oh! meu Deus! — que dentro d'ella houvesse uma nota de quinhentos mil réis.

Oh! quantas vezes não appellei para o Acaso, para o Milagre! Quantas! Os deuses vinham-me ao pensamento com o seu indispensavel cortejo de fadas e de anjos... Uma noite, andando eu deambulando por umas ruas desertas do interior da cidade, fui dar não sei a que praça, em que havia ao fundo uma grande casa; ia distraído, completamente entregue ás minhas preoccupações, cabisbaixo, quando alguem me tomou os passos e me fallou com uma voz de apiedar. Era uma mulher andrajosa; parei e ouvi-a. Balbuciante, contou-me miserias, a fome dos filhos, molestias, por fim, não pôde mais fallar — prorompeu em choro... Evo-quei logo aquellas historias de fadas e gnomos, aquel-

las historias Moraes em que os genios mysteriosos vêm pela terra em disfarce, para experimentar os corações dos mortaes e eu... e eu dei uma nota de esmola, uma nota grauda que me sangrou fortemente a algibeira lymphatica. Mesmo depois que sai d'aquella praça erma, e que de mim se foi a commoção da surpresa, eu esperei a recompensa, a recompensa dos céus para aquelle meu acto generoso. Alternativamente appellava para o Mysterio e para as potencias terrestres. Aferrára-me a duas amarras, uma no Mysterio e outra nas cousas do mundo. Todo o dia ia ao hotel, cheio de alacridade, figurando commigo mesmo o encontro com o deputado, imaginava-lhe a bondade do acolhimento, a piedade e a sympathia pelo meu estado e pelos meus desejos. Imaginava-me d'ahi a dias empregado, n'um logar modesto, de renda certa, dentro de um mez indo á Faculdade, as attribuições do trote, os apertos do exame, os annos seguindo-se, as notas, os lentes, a these, a formatura...

Ia assim risonho, cheio de mim, contente de viver, chegava ao hotel; falava ao porteiro e voltava amargurado sobre os meus passos felizes. De tarde, repetia a visita, e mais uma vez voltava desalentado, para ficar na janella do hotel desanimado, opprimido de saudades do socego, da quietude, da segurança do meu lar originario. Era quando me encontrava com os outros hospedes. Lage da Silva andava sempre fóra, mas os outros lá estavam depois do jantar. Ao pôr-me á janella, lá vinha o velho coronel Figueira, um fazendeiro, sem bigode e barbaccrada, á antiga portugueza, cheio de mansidão na voz e orgulho no tratar.

— Está vendo a tarde, hein menino?

— Estou.

— Como isto está mudado! Conheci isto quando ainda era um brejo, um deposito de cisco... Havia barrancos, covas, capinsaes... As lavadeiras faziam d'isto

coradouro... Acolá (apontou) estava o theatro, o Provisorio... Oh! o Provisorio... Eu me lembro que.. (eu era muito rapaz, muito...) Vim com meu pae assistir á *Somnambula*... Nunca vi uma sala tão bonita... A Stoltz cantava... Nunca ouviu fallar n'ella?

— Não senhor! E perguntei logo: o snr. é do Rio?

— Não, mas vinha quasi sempre aqui. Meu pae tinha fazenda na Raiz da Serra... Hoje, aquillo não vale nada, mas no tempo d'elle a estrada a não tinha matadõ e era logar rico... Conheço muito o Rio..

— Quando fui para o Sul em 65, passei por aqui... O Imperador veio vêr o desfilar do batalhão.. Eu ia triste, pensava em morrer... Não morri, voltei, estou aqui.. Está tudo mudado: abolição, republica... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, demolem casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!!

— Ha quanto tempo não vem ao Rio, Coronel?

— Desde 1882.

Semi-vasios, os bondes passavam ao chouto das bestas. Pelas calçadas, um vae vem de gente animava a praça. A' direita, a grande e acaçapada fachada do quartel-general começava a recolher-se na sombra. Mulheres maltrapilhas, aos grupos, negras, mulatas, brancas, bamboleando as ancas, eram seguidas por soldados gigando. As calças pareciam mais vermelhas e as mulheres mais sujas. Um coche de enterro arrancava respeitosa mente os chapéos aos transeuntes; um caminhão, pejado de fardos, por instantes interceptava a marcha dos bondes, ao desviar-se de uma andorinha que vomitava moveis, mal suspensos por cordas á sua trazeira... Passava tudo isto sob os meus olhos tristes e desalentados.

O coronel tinha-se ido; e eu deixava-me a vêr

e a meditar na solução do meu problema de vida. O meu olhar ia de baixo para o alto, onde flócos de nuvens alvadias, esgarçadas, fluctuavam e se tingiam de ouro, de purpura, de laranja, em rapidas mutações de theatro. Vinha a noite aos poucos e eu continuava a pensar, acariciando scismas, excitando recordações, rememorando a minha infancia, as physionomias que ella viu e os factos que presenciou. Meu pae, o seu corpo anguloso, secco, a sua dôr contida, que se escapava no seu olhar e na sua physionomia transtornada. Via-o ás tardes, nos dias de bom humor, mudal-a de chofre, fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se á meza, e, á luz do lampeão de kerozene, explicar-me pittorescamente as lições do dia seguinte. Ou então, da cadeira de balanço, contar-me as maravilhosas cousas do movimento da terra, dos antipodas, da gravitação universal, e, enleiado á minha pergunta se Deus podia parar a terra, responder com hesitação — pôde, sim.

A's oito horas, depois d'essas effusões, d'essas raras manifestações da sua paternidade, minha mãe punha, na meza da sala de jantar, o chá que elle tomava em geral sozinho no quarto.

— Póde tirar o chá, *seu* Padre?

— Póde, minha filha.

Era assim que se fallavam. Encontrei sempre esse tratamento distante entre elles. Pareceu-me que o seu encontro fora rapido, o bastante para me dar nascimento. Uma crise violenta do sexo fizera esquecer os votos do seu sacerdocio, vencera a sua vontade, mas, passada ella, viera, com o arrependimento da quebra do seu voto, a dôr inqualificavel de não poder confessar a sua paternidade.

Elle amou-me sempre, talvez me quizesse mais por causa das condições que envolviam o meu nascimento. Em publico, olhava-me de soslaio, media as caricias, esforçava-se por fazel-as banaes; em casa, porém,

quando não havia testemunhas, beijava-me e afagava-me com transporte. Elle temia o murmurio, temia dar-lhe força com actos ou palavras publicas; entretanto toda a redondeza quasi seria capaz de attestar em papel sellado a minha filiação...

Vinha o chá, nós ficavamos a tomal-o e ao menor ruido minha mãe vinha do interior da casa para saber se meu pae queria alguma cousa. Acabado o chá, eu ainda ouvia «historias» da tia Benedicta, uma preta velha, antiga escrava do meu reverendo pae. Eram candidas 'historias da Europa, cousas delicadas de paixões de principes e pastoras formosas que a sua imaginação selvagem transformava ou enxertava com combates de genios máus, com maleficios de feiticeiras, toda uma ronda de forças poderosas e inimigas da vida feliz dos homens. Tal fôra a minha infancia, que, nas dobras da saudade, aquella tarde carregada de cogitações vitaes á minha vida, me vinha trazendo á memoria com uma nitidez assombrosa. Cançado de olhar a rua e de pensar, descí ao pavimento terreo, á sala de jantar onde o coronel Figueira e o Snr. Lage da Silva conversaram. Mal entrara, prazenteiramente, este exclamou: — Oh! doutor!

Era assim sempre que elle fallava ao encontrar-me. Tinha sempre attenções, pequenas delicadezas; tratava-me como se eu fosse um *doutor* de facto, com influencia, inquerindo sobre os meus amigos e as minhas relações. Se me encontrava na rua, obsequiava-me o talento de que elle não tinha a minima noticia. Quasi sempre pela conversa, indagava das minhas amizades, das minhas relações; se eu era collega de F., se me dava com Beltrano, se estudava isto ou aquillo. Eu respondia-lhe simplesmente, ingenuamente que não, que não conhecia ninguem a não ser o dr. Castro, o deputado. Elle não deixava transpirar nada, nem uma contracção, nem uma ruga que fizesse descobrir como

recebia essas minhas respostas; mas tambem em cousa alguma modificava o tratamento; continuava a ser o mesmo, o mesmo Lage da Silva, mesuroso, affavel, informado e loquaz a seu geito. Não sei o que esperava de mim, o certo é que, durante os meus primeiros dias no Rio, recebi d'elle as mais respeitosas homenagens, as maiores considerações. Embora ensoberbecesse a minha vaidade de collegial, continuava a sentir no padeiro muito de deshonesto, de falcatruero, para me ligar inteiramente a elle. Evitava-o, fugia-lhe, mas não tinha coragem para lhe dar a entender francamente que não lhe queria a amizade. Aceitava-lhe as homenagens, os refrescos, conversava, mas sempre com um pequeno medo de que elle me mettesse n'alguma embrulhada com a policia.

Foi com grande surpresa que o avistei: suppunha-o fóra e não pude reprimir o espanto que isso me causára. Elle não se alterou; respondeu-me cheio de bonacheirice:

— E' verdade, doutor... sim, não ha nada que fazer... tudo por ahí está explorado... Uma miseria! Já se collocou?

A pergunta desagradava-me e elle fazia-m'a sempre. Ensaiei diversas respostas e por fim respondi-lhe capciosamente:

— Ainda não; mas dentro em breve, creio...

O coronel Figueira, que falava quando entrei, desejoso de continuar a palestra interrompida, logo que percebeu acabados os cumprimentos, dirigiu-se a mim de sopetão:

— Dr.: póde haver ladroeira na loteria?

Pensei um instante, mas sem encontrar base para uma resposta segura, respondi dubitativamente:

— Póde ser.

E logo o velho coronel, com a sua voz nasal e

cheia, em que havia no momento uma grande satisfação:

— Eu não dizia?... E', sim... Como não póde?

— Mas porque, coronel?

Então explicou-me que discutia isso com Lage e como elle me soubesse um rapaz preparado, appellara para mim.

— Mas como póde haver ladroeira... E' impossivel... As rodas são examinadas, suspensas do sólo... Se houvesse qualquer fio, dava-se logo com elle — não acha?

— Mas então, *seu* Lage, como explica que o «Gato» possa ficar *preso* tres mezes?

— E' a sorte, objectou Lage.

— Qual sorte, fez o coronel furioso. E' bandalheira; é electricidade... Ninguem me tira d'isso... Olhe: ha vinte dias sigo a «Borboleta»... Dava sempre, agora não dá mais... Vejo os jornaes, a *Joanninha*, a *Chapinha*; compro o «Palpite», a Mascotte, a Ronda — todos dão a «Borboleta». Jogo... «Borboleta» não dá. Faça o favor, doutor, veja aqui o «Jornal do Brasil».

Desdobrou com cuidado a folha popular e apresentou-me o logar em posição conveniente. Eu não cogitava que aquelle assumpto podesse apaixonar tão intensamente o velho coronel que me parecia ser em homem rico; mesmo não entendia d'aquillo, mas embora admirado e fóra da materia, prestei-me graciosamente:

— Procure, disse elle, á esquerda o numero 154... Viu?

— Sim senhor.

— Junte o «Peru»... Não é «Peru» que está pintado?

— E'... Mas como?

— Junte o «Peru».

— Como?

- Ora, somme o «Peru», grupo 20.
- Ahn! 174.
- Inverta.
- 471.
- Qual! nada! 714, borboleta — não é? e sem esperar a resposta continuou: está ahí o «Jornal» dá, a «Gazeta» dá tambem e o bicho não sae ha vinte dias... O Dr. não joga?
- Não senhor.
- Porque?
- Não gosto; depois, é prohibido.
- Prohibido! A policia! exclamou Lage.
- Não é isso, fiz eu vexado d'aquella minha confissão. Temo perder dinheiro.
- Ah, bom! Diga isso! Pela policia, não; ella vive com os bicheiros... Não serve p'ra nada, fique certo.
- Eu pensava que...
- Qual! Para o que foi feita, não serve. Serve para perseguir, executar vinganças, como eu já fui...
- O senhor! dissemos os dois a um só tempo.
- Exacto! eu! exclamou um tanto exaltado.
- Como?
- Ora, como?! Uma cilada... Vinha no trem, e, n'um dado logar, um sujeito sentou-se a meu lado e poz o seu chapéo de sol junto á janella. Eu viajava d'esse lado. Saltou e levou o meu, deixando o d'elle. Quando chegamos, entrou pelo trem um magóte de policiaes, prenderam-me, revistaram-me e foram dar com o tal chapéo cheio de notas falsas de cem mil réis.
- Foi preso?
- Preso, só?! Fui esbordado, mettido n'uma enxovia, gastei dinheiro... O diabo! E sabe porque tudo isso?
- Não.
- Porque eu apoiava a opposição lá no meu

município... E' isto a policia, no Brazil... Eu posso falar: sou brasileiro... A policia no Brazil só serve para exercer vinganças, e mais nada.

— Porque não processou as autoridades, seu Lage? perguntei?

— Qual, menino! você é muito ingenuo... Crê na justiça, ora!

O coronel Figueira continuou as suas queixas contra as loterias e eu aproveitei uma calma na conversa para me retirar. Conforme o meu habito roceiro, dormia cedo. Dirigi-me logo para o quarto. A minha situação obsecava-me. Se não arranjasse o emprego, que faria? Vinha-me sempre essa pergunta, depois afigurava-se-me impossível a sua condicional. Não era a carta de pessoa influente! Porque não havia de obter o emprego! Se até então eu não lograra fallar ao deputado, a culpa era minha: não lhe indagára os costumes; não sabia ao certo a que horas se recolhia ou sahia. Devia tel-o feito com cuidado e não limitar-me a ir lá todos os dias, ás mesmas horas, como estava fazendo ha tantos dias. E logo conclui: amanhã, ao acordar-me, posto-me á porta do hotel; ficarei lá o dia inteiro até vel-o sair ou entrar, e então, cheio de decisão, abordal-o-ei como o meu estado exige. Fiquei admirado de que um alvitre tão simples só me tivesse lembrado tantos dias depois. Deitado, tive uma immensa allergia, de quem acaba de descobrir a solução de um problema, que preoccupa a attenção de quatro gerações de sabios. Dormi satisfeito, de um somno profundo e sem sonhos. Pela manhã, prescindí o café e puz-me a caminho.

O hotel Terminus estava ainda fechado. Esperei junto a um café aberto. D'ahi a instantes, aproximou-se da porta a carrocinha que vae ao mercado. Da bo-léa, saltou um rapazinho vivaz, sympathico e ligeiro. Trocou umas palavras com o cocheiro e veiu em di-

recção ao Café. Tomei-lhe os passos e perguntei pelo Dr. Castro.

— O deputado?

— Sim! O deputado:...

— Móra, não ha duvida; mas quasi nunca dorme no hotel. Lá é sua residencia official; mas de facto onde elle mora, é na rua dos Irmãos Araujos, 27, Villa Isabel.

— Hué! Porque?

— O snr. é do Rio? fez sem responder-me directamente o criado.

— Não.

— Está se vendo, senão não se admirava. O snr. sabe: esses homens tem seus arranjos e não querem que ninguem saiba. E' por isso. Agora, não vá dizer que eu... Veja lá!

Eu não conhecia bem os bairros da cidade. Não lhes sabia a importancia, o valor, nem as suas vias de communicação com o centro, d'onde não me tinha afastado até ali, senão para fazer um passeio de pragmatica a Botafogo, de que não gostei. Tive que indagar o caminho e o bõnde, depois então corri ao ponto respectivo. Viajei cheio de anciedade, com o sangue a correr acceleradamente pelas arterias, repetindo mentalmente o nome da rua e o numero da casa do dr. Castro. Houve uma vez que me saltaram pela bocca fóra, com grande espanto do meu visinho da esquerda. As ruas estavam animadas, havia um grande transito de vehiculos, criadas com cestos, quitandeiros, vendedores de peixe. Aqui e ali, com os cestos arriados, á porta de uma ou outra casa, discutiam a venda das suas mercadorias com as donas das casas ainda quasi em traje de dormir. Pelas esquinas, as vendas estavam cheias. O conductor ensinou-me a rua e eu segui a pé na direcção indicada. Não seriam ainda nove horas quando bati no numero vinte e sete, uma casa apalacetada,

afastada da rua, no centro do terreno, entrada do lado e varanda, jardim na frente e bojudas compoteiras no telhado. A casa erguia-se do solo sobre um porão de boa altura, com mezzaninos gradeados e as janellas, de saccadas a olhar para os pequenos canteiros do jardim, a essa hora, povoados de flôres que desabrochavam, murchas por aquella manhã quente.

Bati. Quem é? — perguntou uma senhora do alto da escada, á soleira da porta de entrada. Que podia responder?! Quem era eu? Sei lá... dizer o meu nome?... como responder?... Afinal, disse bem idiotamente: sou eu. Suba, respondeu-me ella. Entrei e subi. Que deseja? Era uma rapariga moça, entre vinte cinco ou trinta annos, de grandes quadris e seios altos; vinha envolta n'um roupão rosado e tinha o cabello, curto e pouco abundante, desnastrado por sobre uma toalha alvadia. Toda ella deu-me uma impressão de velludo, de pellucia, de cochim macio e acariciante. Logo que me approximei, de novo, me perguntou languidamente, deixando ver os dentes immaculados: — que deseja? Expliquei-lhe rapidamente que vinha do districto do deputado e lhe queria fallar. Fez-me entrar na sala, descansou o jornal que até então conservara na mão esquerda, e explicou-me com bondade:

— O dr. ainda não se levantou; mas não tarda... Esteve trabalhando até tarde... O Sr. sabe: são pareceres sobre pareceres... Ha-de esperal-o um pouco, sim?

— Pois não, minha senhora.

Não disse a resposta com naturalidade, esforcei-me por fazel-a polida e amavel, e sahiu-me por isso completamente desageitada. Sempre fui assim diante das senhoras, qualquer que seja a sua condição; desde que as veja n'um ambiente de sala, são todas para mim marquezas e grandes damas. E' um sentimento perfeitamente imbecil, de que até hoje não me pude libertar. Certa occasião mesmo fui por isso de um ri-

diculo sem nome. Gregorovitch cejava commigo n'um restaurant da moda. Era da meia-noite para uma hora; a sala estava cheia de raparigas de vida airada. Tendo esbarrado a minha cadeira na de uma d'ellas, pedi com grande humildade cortezã: — desculpe-me V. Ex.^a. A mulher, uma grande hespanhola cheia de rugas e pó de arroz, olhou-me cheia de raiva e, desandou-me uma descompostura julgando que eu a troçava. Gregorovitch, porém, interveiu e deu-lhe explicações cabaes na sua lingua de origem. Ella riu-se muito, contou á companheira e em breve a sala toda me olhava, com uma risota nos labios.

Diante d'aquella mulher, na casa *particular* do deputado, cuja situação n'ella era facil de descobrir, eu fiquei n'essa attitude de menino timido que me invade, sempre que estou em presença de mulheres, n'uma sala qualquer. Não lhe falei; não pude provocar a palestra; ella fatigou-se de olhar, levantou-se desculpando-se: — «O Sr. ha-de-me desculpar... Tenho que fazer, vou até lá dentro e o dr. não ha-de tardar.»

Ainda hoje, depois de tantos annos de desgostos, d'essa relação continua pela minha luta intima, precocemente velho pelo entre-choque de forças da minha imaginação desencontrada, desproporcionada e monstruosa, lembro-me — com que saudade! com que frenesi! — do enebriamento que essa mulher deu aos meus sentidos, com o seu perfume violentamente sexual, acre e estonteante, especie de requeime das especiarias das Indias... Ergueu-se e foi lentamente pelo corredor em fóra; e eu segui com o olhar a sua nuca tentadora com tonalidades de bronze novo.

Eu conhecia a legitima esposa do Castro. Que differença! Era quasi uma velha encarquilhada, cheia de pelancas e fatuidade...

Quando perdi de vista a moça puz-me a reparar na sala, com umas oleogravuras sentimentaes e ums *bibe-*

lots de pacotilha. Demorei-me assim uma meia hora; por fim, o homem veio. Entreguei-lhe a carta. Leu-a n'um instante, tendo na testa uma ruga de aborrecimento; depois perguntou-me:

— E' o senhor?

— Sim senhor.

— Você (*mudou logo de tratamento*) sabe perfeitamente como as cousas vão: o paiz está em crise, em apuros financeiros, estão extinguindo repartições, cortando despezas; é difficil arranjar qualquer cousa; entretanto...

— Mas dr. eu não queria grande cousa... Cem mil reis por mez me bastavam... Todos por ahí arranjam e eu...

— Sim... Sim... Mas têm grandes recommendações, poderosos padrinhos — eu, o que valho? Nada! Ainda agora o Ministro do Interior não nomeou o meu candidato para juiz do jury...

— Se V. Ex.^a quizesse...

— Você porque não faz um concurso?

— Não posso, não os ha annunciados e eu preciso qualquer cousa já..

E assim fomos conversando: elle falsamente paternal e eu, á medida que o dialogo se prolongava, caloroso e eloquente. Houve occasião em que elle exprou essa nossa mania de empregos e doutorado, citando os inglezes e os americanos. — Todo o mundo quer ser doutor... Córei indignado e respondi com alguma logica, que me era impossivel romper com ella; se os fortes e aparentados, os relacionados para a formatura appellavam, como havia eu, mesquinho, semi-accito, de fazer excepção? Recommendou-me que o procurasse no escriptorio, que havia de vêr...

Se bem que me tivesse acolhido com polidez, senti que o coronel nada decidia no animo do deputado. Julguei que mais do que pela carta o seu acolhimento

fôra ditado por uma frouxidão de character, por certa preguiça de vontade e desejo de mentir a si mesmo. A sua physionomia empastada, o seu olhar morto e a sua economia de movimentos deram-me essa impressão. Demais aquella ruga na testa quando deu commigo...

No bonde, comprei um jornal. O vehiculo ia-se enchendo: meninas da Escola Normal, cheias de livros, de lapis e reguas; funcionarios de roupas surradas; pequenos militares com uniformes desbotados...

Conversavam; discutiam os casos politicos e os de policia, enquanto eu lia. N'um dado momento, na segunda pagina, dei com esta noticia: «Parte hoje para S. Paulo, onde vae estudar a cultura do café, o dr. H. de Castro Pedreira, deputado federal S. Ex.^a demorar-se-á...

Patifel Patifel! A minha indignação veio encontrar os palestradores no maximo de enthusiasmo. O meu odio, brotando n'aquelle meio de satisfação, ganhou mais força. N'um relampago, passaram-me pelos olhos todas as miserias que me esperavam, a minha irremediavel derrota, a minha queda aos poucos, — até onde? até onde? E ficava assombrado que aquella gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angustia... Imbecis! pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quasi por obrigação, acorrentados ás suas miserias como galerianos á calceta! Gente miseravel que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Porque não lhes examinam as acções, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram ocios de nababo e uma vida de sultão... Veiu-me um assomo de odio, de raiva má, assassina e destruidora; um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter assim o criterio da minha existencia

de facto. Depois d'essa violenta sensação na minha natureza, invadiu-me uma grande covardia e um pavor sem nome: fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapezos da sociedade; senti-os por toda a parte, graduando os meus actos, annullando os meus esforços; senti-os insuperaveis e destinados a esmagar-me, e reduzir-me ao minimo, a achatar-me completamente... Continuei a leitura. As letras dançavam sob meus olhos, a comprehensão faltava-me... Saltara aos meus desejos heroicos para imaginar expedientes com que me sahisse da miseria em perspectiva. Aceitaria qualquer cousa, qualquer emprego... Recordei-me das minhas leituras, d'aquelle «Poder da Vontade», das suas biographicas heroicas: Palissy, Watt, Franklin. Sorri satisfeito, orgulhoso; havia de fazer como elles. De novo, voltei á leitura do jornal. Ao fim de uma columna, lá estava um nome conhecido. Sr. Manoel Lage da Silva, capitalista e industrial... Que acontecera? Recebera a benção papal até á decima quinta geração. A noticia vinha cheia de gabos á sua actividade e á sua honestidade...

Um sujeito entrou no bonde, deu-me um grande safanão, atirando-me o jornal ao collo, e não se desculpou. Esse incidente fez-me voltar de novo aos meus pensamentos amargos, ao odio já sopitado, ao sentimento de oppressão da sociedade inteira... Até hoje não me esqueci d'esse episodio insignificante que veiu reaccender na minha alma o desejo feroz de reivindicção. Senti-me humilhado, esmagado, enfraquecido por uma vida de estudo, a servir de juguete, de irrisão a esses pöderosos todos por ahí. Hoje que sou um tanto letrado sei que Stendhal dissera que são esses momentos que fazem os Robespierres. O nome não me veiu á memoria, mas foi isso que eu desejei chegar a ser um dia.

Escrevendo estas linhas, com que saudade me não

recordo d'esse heroico anseio dos meus dezoito annos esmagados e pizados! Hoje!... E' noite. Descanço a penna. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho unico. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande accento de resignação. Levantome, vou á varanda. A lua, no crescente, banha-me com meiguice, a mim e a minha humilde casa roceira. Por momentos deixo-me ficar sem pensamentos, envolto na fria luz da lua, e embalado pela ingenua cantilena de minha mulher. Correm alguns instantes; ella cessa de cantar e o brilho do luar é empanado por uma nuvem passageira. Volto ás minhas reminiscencias: vejo o bonde, a gente que o enchia, os soffrimentos que me agitavam, a rua transitada...

Os meus desejos de vingança fazem-me agora sorrir e não sei porque, do fundo da minha memoria, com essas recordações todas, chega-me tambem a imagem de uma pesada carroça, com um grande lagedo suspenso por fortes correntes de ferro, vagarosamente arrastada sobre o calçamento de granito, por uma junta de bois enormes, que o carreteiro fazia andar com gritos e ferroadas desapiedadas...

V

A sua intimação era para as onze horas.

— Não me foi possivel vir a essa hora. Só a recebi ás duas... Estive fóra...

— Entretanto, segundo disseram no hotel, o Sr. costuma almoçar lá, e sahe pouco antes das onze não é?

— E' verdade; mas, excepcionalmente, hoje, sahi muito cedo, almocei com um amigo e...

— Bem. Sente-se e espere o Delegado...

Fallava a verdade. Era de facto meu habito sahir

do hotel pouco antes das onze, para ir rondar as proximidades da Camara. N'esse dia, porém, aquella subita inspiração de ir procurar de madrugada o deputado, tinha-me feito quebrar o habito. Accresce que, ao voltar, vim a encontrar o dr. Gregorovitch. Estivemos instantes conversando e elle convidou-me para almoçar. Não era a primeira vez que o fazia; o meu orgulho obrigava-me sempre a recusar. D'essa feita accedi. Estava deprimido, desalentado; a minha vontade era frouxa; os meus sentimentos tinham-se enfraquecido durante aquella longa viagem de bonde a pensar na vida, a curtir odosi, a architectar vinganças e a farejar a miseria proxima. Fui desejoso de encontrar uma afeição, uma sympathia, n'aquelle estrangeiro, um aventureiro, um ente cujos precedentes não conhecia, cuja lhaneza de trato, communicabilidade especial e generosidade, porém, me attrahiam e solicitavam fortemente. Foi almoço de camaradas, rico de confidencias, trocamos ideias, contou-me um pouco de sua vida e eu contei-lhe a minha. Era da Romania. Seu pae era um emigrado russo; sua mãe, grega. Estudára no Cairo e acabara o seu curso em Sophia, correrá a Europa, a Asia e America. Tinha cincoenta annos e sentia-se absolutamente sem patria, livre de todas as tyrannias moraes e psicologicas que essa noção contem em si. Era capaz de aprender todas as linguas, escrevel-as, em tres ou quatro mezes. Em cada paiz demorava-se pouco, cinco ou seis annos; procurava os jornaes, defendia esta ou aquella questão, ganhava dinheiro e vivia. Contava-me isso bebendo e á proporção que bebia vinhos francezes os seus olhos de conta e azues com reflexos metallicos ficavam mais brilhantes e mais penetrantes. Falou-me em poetas, em philosophos; traçou, a grandes golpes o destino da humanidade, provocou-me grandes e consoladoras visões patrioticas, e só vim a deixal-o sau-

doso pelas duas horas, quando me dirigi ao hotel. Ali recebi a intimação do delegado e corri á delegacia obedientemente, depois d'esse delicioso almoço que quasi me fez esquecer os dolorosos momentos da manhã.

Troquei as necessárias explicações com o inspector de dia. O seu autoritarismo não me amedrontou. A sua pessoa era sem força, combalida, desanimada, muito pallido, com uns lindos cabellos negros e uma miseria physica de penalisar. Transpirava desgosto, resignação e um pouco de bondade no seu olhar semi-aberto e nos seus labios frouxos.

Obedecendo á sua ordem, sentei-me entre outras pessoas de cujas physionomias não fiz grande reparo. Puz-me a olhar pela janella aberta uma nesga dô céo. As nuvens pardacentas que, pelo caminho, eu vira subirem por detraz da cortina de montanhas, só deixavam agora vêr, do céo, um rasgão irregular.

Até então, eu não sabia ao certo o que viera fazer áquella delegacia. O copeiro que me transmittira a ordem da autoridade, falou-me por alto n'um roubo que houvera no hotel pela noite ultima. Ao coronel Figueira, furtaram cerca de seis contos em dinheiro, afóra objectos de valor.

— Que vou fazer lá? indaguei do copeiro.

— Depôr, naturalmente.

Sentado na estação policial é que me lembrei que elle sublinhára a resposta com um piscar de olhos cheio de canalhice... Seria possível? Quall! Eu era estudante, rapaz premiado... Quall! Nem por sombras!..

A delegacia continuava silenciosa e as pessoas sentadas pelas cadeiras não ousavam entreolhar-se. Não havia duas horas que eu, no *restaurant*, me puzera a imaginar grandes cousas. Gregorovitch incitara-me a trabalhar pela grandeza do Brazil; fez-me notar que era preciso diffundir na consciencia collectiva um ideal de força, de vigor, de violencia mesmo, destinado a corrigir a

doçura nativa de todos nós. Pela primeira vez de labios humanos, ouvi dizer mal da piedade e da caridade: sentimentos anti-sociaes, enfraquecedores dos individuos e das nações... Virtudes dos fracos e dos cobardes resumia elle.

Houve um grande estupor em mim; eu tinha do meu natural um grande respeito por essas virtudes e a minha educação isolada, comprimida, orphã de affectos, só fizera estimular e augmentar esse meu respeito. Não sei como a conversa foi variar para belleza. Elle riu-se da nossa opinião habitual d'ella, da insignificancia do criterio dos nossos litteratos. Gente, disse-me elle, que vive perturbada, desejosa de realizar ideaes de povos mortos, ideaes que já se esgotaram; prisioneira da archeologia, e muita certa de que a verdade está ahi, como se houvesse uma belleza absoluta, existindo fóra de nós e independente de nos? Por ahi elle fez uma formidavel *charge* aos nossos intellectuaes. Eu sinto não poder reproduzil-a aqui. Estavamos em meio do almoço e o vinho dava azas ás suas palavras e tornara mais lucido o meu espirito. Referindo-se ao Lage, chamou-o de aguia, homem de presa, super-homem e por mais que eu quizesse tirar informações sobre o padeiro, elle se limitou sempre a ditos sybillinos que mais me augmentaram as velhas suspeitas.

O meu conhecimento com o dr. Ivan, se bem que recente, vinha sendo mantido e fortalecido com frequentes encontros na rua do Ouvidor. O meu provincianismo e acanhamento davam-se perfeitamente no tumulto que a anima. N'ella, eu combinava as minhas necessidades de sociabilidade com o meu temperamento delicado e desconfiado, ao qual uma sociabilidade mais perfeita expunha a offensas e a indelicadezas dolorosas. Depois, olhava, olhava a faltar: homens, moços e velhos, mulheres, senhoras. Quando acontecia encontrar o jornalista internacional, trocavamos cumprimentos com

os chapéus, polidamente, attentiosamente. O genio communicativo do russo e o habito de viajante de adquirir rapidamente relações e camaradas, foram vencendo aos poucos a minha reserva e a desconfiança. Convite como este, já me fôra feito varias vezes e eu sempre recusara com delicadeza e dignidade. Entrando no hotel, logo ao sentar-me, tive impetos de confessar os meus desgostos ao jornalista; o meu orgulho irracional fez-me callar...

Por esse tempo, passos fortes na escada vieram perturbar os meus pensamentos. Todos nos viramos para a porta de entrada. Pela sala a dentro entrou aquelle senhor de cartola e calças brancas que me disseram senador n'um bonde de Barcas. Tirou a cartola com repugnancia, enquanto o inspector levantava-se respeitosamente.

— V. Ex.^a?!

— Bôa tarde. Barros não está?

— Não, senhor. Sahiú e só voltará para a audiencia das seis horas.

— Que diabo! fez aborrecido o senador.

— Se V. Ex.^a quer alguma cousa urgente, póde procural-o agora no Paschoal... Elle me disse que ia para lá...

O alto dignatario da nação fez menção de retirar-se e o inspector já se tinha sentado, quando subitamente o senador se voltou dizendo:

— Era cousa urgente... você bem me podia informar se...

Olhou ao redor cautelosamente e depois continuou a falar naturalmente:

— Você bem me podia dizer se o *Nove dedos* está preso aqui?

— Aqui, não, senhor senador. Até agora, só temos no xadrez um ébrio...

- Mas... disseram-me que tinha feito um roubo.
 Esse rapaz é um doido!
 — Onde foi, Ex.^a?
 — No Largo de S. Francisco.
 — Ahn! Não é aqui comnosco; é com a nona.
 — Obrigado.

Apertou a mão do rapaz cheio de agradecimento, e sahio murmurando de modo que fosse ouvido por todos nós: aquelle doido só me leva a incommodar!

A sala da delegacia, voltou novamente ao seu silencio primitivo. Um soldado veio apresentar-se, trocando rapidas palavras com o inspector. Um relógio proximo bateu quatro horas. Dos compartimentos do fundo, chegou um personagem ventruado, meão de altura, de pernas curtas, furta-côr, tendo atravessado no peito um grilhão de ouro, d'onde pendia uma immensa medalha cravejada de brilhantes. Dirigiu-se ao inspector:

- Raposo, vou sahir: ha alguma cousa?
 — Nada, capitão Viveiros.
 — E' o caso do Jenikalé? Já appareceu o tal *mulatinho*?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lagrimas me vieram aos olhos. Eu sahira do collegio, vivera sempre n'um ambiente artificial de consideração, de respeito, de attentões commigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de intelligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, especie de homem differente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epitheto d'aquelles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés d'estes e outros mais brutaes, sou outro, insensivel e cynico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuido de mim proprio, do meu

primitivo ideal, cahido dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível d'essas não me torna a fazer chorar. Entretanto, isso tudo é uma questão de semantica: amanhã, dentro de um seculo, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava n'aquelle tempo, porque sentia na baixeza do tratamento, todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. O que mais me feriu, foi que elle partisse de um funcionario, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu a consciencia juridica dos meus direitos ao Brazil e como tal merecia d'elle um tratamento respeitoso.

As lagrimas seccaram-se-me nos olhos, antes que o inspector me apresentasse ao escrivão Viveiros. Olhou-me com olhar de entendido. Creio que sondava as minhas algibeiras detidamente, antes de me fazer esta pergunta:

- O Sr. é o moço do hotel Jenikalé?
- Sou um d'elles.
- Qual é a sua profissão?
- Estudante.

Houve algum espanto na sua physionomia deslavada. Conteve-se e continuou-me a perguntar:

- Tem documentos?
- Alguns.
- Ah! Póde-se justificar perfeitamente.
- Como?
- Com testemunhas e documentos.
- Se não conheço ninguem aqui no Rio...
- Eu lhe arranjo.
- Aceito e obrigado.

- Mas custa-lhe trinta mil réis.
- Não posso pagar, capitão. Não tenho dinheiro.
- E o seu correspondente?
- Não tenho.
- Então meu caro...

Encolheu os hombros, afastou-se cheio de indiferença, sem olhar qualquer dos circumstantes. O inspector continuou a escrever o seu interminavel livro. De onde em onde, muito policialmente, passeava o olhar dissimuladamente sobre cada um de nós. Nuvens plumbeas já de todo tinham coberto a nesga do céu vista pela janella. Havia como que fuligem na atmosphera e a luz do sol tornara-se de um amarello pardacento e funebre. A temperatura continuava elevada e o ar abafado da sala incommodava-me. A resonancia especial das ruas subia até nós cada vez mais nitidamente. O bimbalhó das campainhas era mais agudo, o rolar dos vehiculos mais redondo e, mais dissonante o ranger das ferragens dos bondes, os estalos dos chicotes e os apitos caprichosos dos cocheiros. Da delegacia, por entre essa bulha, percebemos que um vozeiro se approximava. O inspector levantou a penna e esperou. Um grande magote de povo invadia a sala. Os soldados correram e contiveram a multidão. Na frente, vinham duas mulheres do povo, desgrenhadas, rôtas, que dois soldados, com esforço, mantinham separadas. Um d'elles, sem largar a mulher, explicou ao inspector.

— Estavam brigando e pelo caminho ainda se atracaram; nós...

E logo ambas as duas se quizeram justificar, falando ao mesmo tempo. O inspector reprehendeu-as severamente. O soldado expôz. Moravam em uma estalagem proxima, eram lavadeiras, uma era casada e outra tinha *seu homem*.

— Porque foi? perguntou o policial.

De novo quizeram narrar ao mesmo tempo o motivo de tão apaixonado pugilato.

— Assim não pôde ser, fez o inspector. Ou uma ou outra... Vá, fale a senhora, acabou designando uma d'ellas.

— V. S. sabe: sou pobre... Tenho uma gallinha. Mais de uma; mas foi a pedrez. E não é de hoje, ha muito tempo, sim senhor. A gente não pôde, é verdade; mas que se ha-dê fazer? Um bichinho é sempre bom, *seu* inspector: dá alegria e ajuda a gente... E' por isso que a comadre...

— Diga a senhora afinal porque foi... Vá! intimou o inspector.

— Eu já digo, sim senhor. Ha muito tempo que a minha gallinha punha e eu nada de ver os ovos. Procurava d'aqui, procurava d'ali, nada de achar... Hoje eu tinha sahido para levar o jantar do Manduca e quando voltei vi que a gallinha vinha sahindo de casa d'essa mulher com a cara de quem já pôz... Ah! seu inspector! deu-me uma gana, uma cousa que eu mesmo não sei... Xinguei, fez ella por fim; e foi por isso...

Acabou a narração humilde com uma modulação de choro na voz.

— E a senhora que diz a isso? perguntou a autoridade á outra.

— Não foi assim, não senhor... Essa mulher sempre embicava comigo... Não sei porque, sempre andava com resinga... Um dia era isso, outro dia era aquillo... Se o vento punha a sua roupa no chão, era eu; se...

— Mas afinal a gallinha sahio ou não sahio de sua casa?

— Sahiu, sim senhor; mas foi por acaso...

— Por acaso, o que! sua ladra, sua p...

— Que é isso! exclamou severamente o inspec-

tor. Isto aqui é estalagem? Mette-a no xadrez! Está ouvindo?

A mulher descahiu logo a cabeça, que tinha erguido de um só movimento cheio de arrogancia e com voz entrecortada pelo chôro, desculpou-se:

— *Me perdõe, seu inspector!* A gente é pobre... Foi a patrôa que me deu o *bichinho*... A gente pensa: vamos ter uma gemada, uma fritada, um doce, uma cousa ou outra... Compra-se milho e se espera... e se espera... No fim a gente vem a saber que os outros é que comem os ovos... Ah! Meu Deus!... E' duro! E' duro! E' sina da gente...

A rapariga falava desigualmente: ora, alongava as syllabas, ora fazia desaparecer outras; mas sempre possuida das palavras, com um forte accento de paixão, superposto ao choro. As palavras sahiam-lhes animadas, cheias de uma grande dôr, bem distante da pueril querella que as provocára. Vinham das profundezas do seu ser, das longinhas partes que guardam uma inconsciente memoria do passado, para manifestarem o desespero d'aquella vida, os soffrimentos millenares que a natureza lhe fazia soffrer e os homens conseguiram augmentar. Senti-me communicado de sua immensa emoção; ella penetrava-me tão fundo que despertava nas minhas cellulas já esquecidas a memoria enfraquecida d'esses soffrimentos continuos que me pareciam eternos; e achando-os por debaixo das nações livrescas, por debaixo da palavra articulada, no fundo da minha organisação, espantei-me, aterrei-me, tive desesperos e crystallisei uma angustia que me andava esparsa.

O inspector procurou acalmal-a; a outra, muito popularmente, poz-se a chorar explicando que não furtára os ovos, que não os comera, mas que guardara unicamente o primeiro temendo, que fosse *mandinga, coisa feita*, e que, depois, com a continuação, não os restituira com vergonha, mas que o faria logo que chegasse

a casa. Acalmadas e reprehendidas, foram-se e a delegacia em breve regressou á sua athmosphera enervante. A ella e ao meu abalo moral, juntavam-se a tonalidade amarellaça da tarde e o ambiente de forja para me dar um mal estar nunca sentido. Esperava o delegado, procurando devanear, sonhar, analysar-me, mas era em vão: a intelligencia não me obedecia. Havia em mim um grande vasio mental, e a imagem que me vinha aos olhos era a da pobre mulher a imprecar, sem nenhuma grandeza, contra o destino implacavel, dentro d'aquella feia e triste sala. De repente a treva fez-se mais espessa. Na sala da delegacia accenderam as luzes, ao tempo que um relampago veio illuminal-a instantaneamente. Ouviu-se um estalido agudo, um ronco de trovão e, estremecendo, sentimos nós todos que um raio cahira nas proximidades. A chuva começou a cahir fracamente, sem a violencia que o rigor do céu ameaçava, quando a poderosa autoridade entrou. Passava das seis horas; a oppressão da athmosphera diminuiira muito e o calor abrandara razoavelmente.

Chegou e eu esperei ainda. Afinal, fui levado á sua presença. Ao lado, em uma meza mais baixa, lá estava o capitão Viveiros, o tal escrivão, muitosolemne, com a ~~pequena~~ ^{pequena} atraz da orelha, o seu olhar cupidoe a sua papada farta. O delegado pareceu-me um mediocre bacharel, uma vulgaridadé com desejos de chegar a altas posições; no entanto, havia na sua physionomia uma assustadora irradiação de poder e de força, alvez se sentisse tão unguido da graça especial de mandar, que na rua, ao ver tanta gente mover-se livremente, havia de considerar que o fazia porque elle deixava. Interrogou-me de máu humor, impaciente, distrahido, ás sacudidellas. Repizava uma mesma pergunta; repetia as minhas respostas. A sua impaciencia levava-o a perder tempo. Não dava grande attenção ao interrogatorio; olhava com insistencia a rua, os bondes que

passavam com cortinas arriadas. N'um dado momento, como querendo levar a cousa ao cabo, perguntou pela terceira vez:

— Qual é a sua profissão?

— Estudante.

— Estudante?!

— Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.

— Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me attonito. Que havia n'isso de extraordinario, de impossivel? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, porque não o podia ser eu? D'onde lhe vinha a admiração duvidosa? Quiz-lhe dar uma resposta mas as interrogações a mim mesmo me enleivavam. Elle por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com ar escarminho perguntou:

— Então você é estudante?

D'essa vez tinha-o comprehendido, cheio de odio, cheio de um santo odio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante d'aquellas tôlas humilhações que eu já soffrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada *à priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E affirmei então com a voz transtornada:

— Sou, sim, senhor!

— Pois então diga-me de quem é este verso: — *estava mudo e só na rocha de granito?*

— Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...

— Mas um estudante sempre os conhece, fez elle com falsa bonhomia. E' de admirar que o Sr. não conheça... Sabe de quem é este outro: — *é o triumpho immortal da carne e da belleza?*

— Não sei absolutamente, e é inutil perguntar-m'o, pois nunca li poetas,

— Mas' o senhor, um estudante, não saber de quem são estes versos! Admira!

— Que tem uma cousa com outra, *seu* doutor? fiz eu sem poder reprimir um sorriso.

— Está rindo-se, *seu* malcreado! fez elle mudando repentinamente de tom. Muita cousa! E' que você não é estudante nem nada; não passa de um *malandro* muito grande!

— Perdão! O Sr. não me póde insultar...

— Qual o que! continuou o Delegado no auge da colera. Não ha patife, tratante, malandro por ahí, que não se diga estudante...

Eu começava a exaltar-me tambem, a sentir-me offendido injustamente, agredido sem causa e sem motivo; contive-me, no entanto.

— Mas eu sou, asseguro-lhe...

— Qual o que! Pensa que me embrulha... você o que é, é um gatuno, sabe?

Por ahí, houve em mim o que um autor russo chamou a convulsão da personalidade. Todo eu me agitei, todo eu me indignei. Senti n'um segundo todas as injustiças que vinha soffrendo; revoltei-me contra todos os soffrimentos que vinha supportando. Injustiças, soffrimentos, humilhações, miserias, juntaram-se dentro de mim, subiram á tona da minha consciencia, passaram pelos meus olhos e então expectorei sacudindo as syllabas:

— Imbecil!

— Que diz? perguntou elle com auctoridade.

— Que você é um imbecil, ouviu? Não me disse mais nada; não se lembrou mesmo de determinar que o escrivão lavrasse auto de flagrante. Ergueu-se cheio de fúria, esperei-o prompto para jogar os sopapos; mas o terrivel delegado ia unicamente á porta para ordenar que me mettessem no xadrez.

Fui para o xadrez convenientemente escoltado.

Pelo caminho, tudo aquillo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer que, no intervallo de horas, eu pôdesse ter os enthusiasmos patrioticos do almoço e fosse detido como um réles vagabundo n'um xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessario aliás, porque não oppuz a menor resistencia. As lagrimas correram-me e eu pensei commigo: A patria!

VI

Despertei hoje cheio de um mal estar que não sei d'onde me veiu. Nada occorreu que o determinasse. Hontem, vivi um dia igual a todos. Não tive nem mesmo uma questão com o collector. Porque não estou satisfeito? Não sei. E quem o poderá saber! Ha em nós tanta cousa mysteriosa, tantos sentimentos cujas origens nos escapam, que me esforço em vão por explicar este meu actual estado d'alma. De uns tempos a esta parte, acontece-me isso ameudadas vezes. Tudo vae correndo normalmente; os dias com o mesmo enfado de sempre, e as noites serenas e placidas; entretanto, esta ou aquella manhã, ergo-me e olho pela janella aberta o rio que deslisa lá em baixo, ensombrado de melancholia, cheio de lassidão, com maus desejos passando-me pela cabeça. Penso — não sei porque — que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de soffrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamente, me venham ar sensações dolorosas já semi-mortas? Talvez mesmo seja angustia de escriptor, porque vivo cheio de duvidas, e hesito de dia pra dia em continuar a escrevel-o. Não é o seu valor litterario que me preoccupa; é a sua utilidade para o fim que almejo.

Quem sabe se elle me não vae sahindo um puro falatorio?! Eu não sou literario, detesto com toda a paixão essa especie de animal. O que observei n'elles, no tempo em que estive na redacção do «O Globo», foi o bastante para não os amar, nem os imitar. São em geral de uma lastimavel limitação de ideias, cheios de formulas, de receitas, só capazes de colher factos detalhados e impotentes para generalisar, curvados aos fortes e ás ideias vencedoras, e antigas, adstrictos a um infantil fetichismo do estylo e guiados por conceitos ábsoletos e um pueril e erroneo criterio de belleza. Se me esforço por fazel-o litterario é para que elle possa ser lido, pois quero fallar das minhas dores e dos meus soffrimentos ao espirito geral e no seu interesse, como a linguagem accessivel a elle. E' este o meu proposito, o meu unico proposito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali «O Crime e o Castigo» de Dostoiewsky, um volume dos Contos de Voltaire, «A Guerra e a Paz» de Tolstoi, o «Rouge et Noir» de Stendhal, a «Cousine Bette» de Balzac, a «Education Sentimentale» de Flaubert, o «Antechrist» de Renan, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de litteratura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. Mas, não é a ambição litteraria que me move o procurar esse dom mysterioso para inimar e fazer viver estas pallidas «Recordações». Com ellas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigar-os a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha ha dez annos passa-

dos. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença.

Entretanto, quantas dores, quantas angustias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intellectuaes de qualquer ordem. Cercam-me dois ou tres bachareis idiotas e um medico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. Claudicam na orthographia, e um mesmo, o Juiz municipal, acaba de publicar um artigo no «Diario de Cachamby» sobre a «Sociedade actual em face da Sciencia», onde falla em raios hertzianos. Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar n'este livro — que espanto! que sarcasmo! que critica desanimadora não fariam. Depois que se foi o Dr. Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhadã, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intellectuaes a ninguem, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite fóra, grita-me do quarto:

— Vem dormir, Isaias! Deixa esse relatorio p'ra amanhã!

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas «Recordações» preenchem o fim a que as destino; se a minha inhabilidade literaria está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortural! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquella passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher publica... Soffro assim de tantos modos, por causa d'esta obra, que julgo que esse mal estar, com que ás vezes acordo, vem d'ella, unicamente d'ella. Quero abandonal-a; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na collectoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso n'ella. A noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente approximo-me da meza e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preoccupi em fazel-a publica, annunciar e arranjar um

bom recebimento dos detentores da opinião nacional. Que ella tenha a sorte que merecer, mas que possa tambem, ámanhã ou d'aqui a seculos, despertar um escriptor mais habil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer.

E' esta passagem do xadrez que me faz vir estes pensamentos amargos. Imagino como um escriptor habil não saberia dizer o que eu senti lá dentro. Eu que soffri e pensei não o sei narrar. Já por duas vezes, tentei escrever; mas relendo a pagina, achei-a incolôr, commum, e, sobretudo, pouco expressiva do que eu de facto tinha sentido. Estive no xadrez mais de tres horas, depois fui de novo á presença do delega. Encontrei-o outro homem, mais brando e disposto á sympathy, tratando-me por *menino* e *meu filho*.

— Você menino, precisa deixar esse genio. Olhe que a vida não se leva assim... Você sabe o que eu lhe podia fazer? Lavrar um processo por desrespeito á autoridade... Não faça nunca mais isso, meu filho; hoje foi commigo, que enfim... mas ámanhã — quem sabe?

Em começo mantive o mesmo humor aggressivo, respondendo-lhe seccamente ás perguntas que fazia sobre os meus precedentes; por fim, rendendo-me á sua brandura, desculpei-me, satisfazendo-as com respeito, acatando-as com toda a doçura de que é capaz o meu natural, doce e sensível ao bom tratamento.

Ha muita bondade no nosso character, mas tambem muita arrogancia, muito exaggero no mandar e um doentio impudor no desobedecer. Esses arrependimentos, essas voltas atraz são frequentes e fa'aes no modo de agir das nossas autoridades. Eu não sei até que ponto me excedi, até onde fui inconveniente; não tenho ainda observado essa face do character nacional, espantei-me com a delicadeza com que me tratou a autoridade, pela segunda vez em que fui á sua pre-

sença. Julgava-a transformada pela intervenção de algum protector desconhecido, mas fiquei certo de que não era esse o motivo, pois me perguntou logo:

— Você não tem relações aqui, no Rio, menino?

— Nenhuma

Admirou-se muito, extraordinariamente, a ponto de repetir de outro modo a pergunta:

— Mas ninguem? Ninguem?

— O meu conhecimento mais intimo é o dr. Ivan Gregorovitch Rostoloff — conhece?

— Oh! como não? Um jornalista, do «O Globo» não é?

— Esse mesmo.

— Porque não me disse logo? Quando se está em presença da policia, a nossa obrigação é dizer toda a nossa vida, procurar attestados de nossa conducta, dizer os amigos, a profissão, o que se faz, o que se não faz...

— Não sabia que era um homem importante, por isso...

— Pois não! Um jornalista é sempre um homem importante, respeitado e nós, da policia, temol-o sempre em grande conta... Vá-se embora, disse-me elle por fim, e procure mudar-se d'aquelle hotel quanto antes... Aquillo é muito conhecido... Os furtos se repetem e os ladrões nunca apparecem... Mude-se quanto antes, é o meu conselho. Vá!

Eu ia sahindo e, antes de transpor a porta, o delegado viu ao meu encontro e recommendou em voz baixa:

— Não diga nada ao dr. Rostoloff — sabe? Elle pode publicar e ambos nós temos que perder...

Dirigi-me ao hotel indifferente á chuva que continuava a cahir. Ia profundamente vexado e firmemente decidido a abandonal-o quanto antes. Presentindo que o hoteleiro tinha insinuado ao delegado que eu bem

podia ser o autor do furto, reflectia sobre uma decisão a tomar. O meu primeiro pensamento foi insultal-o, dar-lhe pancada; mas seria recommençar as humilhações da delegacia... Andando, cheguei ao Campo de Sant'Anna. Ahi já tinha deliberado. Entraria naturalmente e nada diria a respeito, esperaria que elle falasse. Entrei; estavam todos na sala de jantar, dei-lhes boas noites e troquei com os circumstantes algumas explicações sobre o facto. Nenhum d'elles se animou á mais leve insinuação e subi ao meu quarto aparentando a maior calma. Não conciliei logo o somno. Encarei a eventualidade de voltar para minha casa familiar. O caminho na vida parecia-me fechado completamente, por mãos mais fortes que as dos homens. Não eram elles que não me queriam deixar passar, era o meu sangue covarde, era a minha doçura, eram os defeitos de meu character que não sabiam abrir um. Eu mesmo amontoava obstaculos á minha carreira; não eram elles... Não seria tolice, pusillanimidade escondida fazer repouzar a minha felicidade na presteza com que um qualquer deputado attenda um pedido de emprego? Era possivel tel-os sempre á mão para os dar ao primeiro que apparecesse? As condições de minha felicidade não deviam repouzar senão em mim mesmo—conclui... Mas não era só isso que eu via. O que me fazia combalido, o que me desanimava eram as malhas de desdem, de escarneo, de condemnação em que me sentia preso.

Na viagem, vira-as manifestar-se; no Lage da Silva, na delegacia, na attitude do delegado, n'uma phrase meio-dita, n'um olhar, eu sentia que a gente que me cercava, me tinha n'uma conta inferior. Como que percebia que estava prohibido de viver e fosse qual fosse o fim da minha vida os esforços haviam de ser titanicos. Foi talvez esse adjectivo que me fez deliberar de outro modo. Passou-me pela memoria a anedocta mythologica que elle evoca. Representou-se-me a luta

d'aquelles heroes com os Deuses, a sua teimosia em escalar o céu, a energia que puzeram em tão insensata empreza... Vi o quadro com todas as côres e com todas as figuras... Abalei-me de emoção; achei n'essa attitude uma extranha grandeza, não sei que fulgurante belleza que me tornou logo interiormente alegre — tanto é verdade dizer-se que a belleza é uma promessa de felicidade! Abandonei a volta covarde para a casa materna e decidi-me a lutar, a bater-me para chegar — aonde? — não sabia bem; para chegar fosse como fosse. Trabalharia — em que? em tudo. E, emquanto considerava a delicadeza das minhas mãos e a fragilidade dos meus musculos, adormeci placidamente, satisfeito commigo e com a minha coragem e firme na resolução de procurar no dia seguinte qualquer occupação, por mais humilde que ella fosse. A noite passou depressa e quando descí á rua, ainda brilhava em frente á Prefeitura um combustor de gaz. O ambiente não era de luz nem de treva — era uma penumbra algodoada e nevoenta com que começam certas manhãs no Rio de Janeiro. Os raros transeuntes moviam-se esbatidos n'aquella ambiencia indecisa. Andei. Ao chegar á rua do Ouvidor, a rua dos lentos passeios elegantes, havia uma agitação de mercado. Cestos de verduras, de peixes, de carnes, passavam á cabeça de mulheres e homens; os quitandeiros ambulantes corriam por ella acima; pequenas carroças de hotéis caros davam-se ao luxo de atravessal-a em toda a extensão; e pelas soleiras das portas immensas môlles de jornaes diários eram subdivididas pelos vendedores de todos os pontos da cidade. As polemicas malcriadas de uns contra os outros sobrepunham-se, abraçavam-se fraternalmente ao impulso do italiano indifferente: *Gazeta! Paiz! Jornal do Commercio!*

Os cafés já estavam abertos e ainda illuminados. Comprei um jornal e entrei n'um d'elles. Por essa

hora, teem uma freguezia apressada e especial. Notivagos, vagabundos, operarios, jogadores, empregados em jornaes — gente um tanto heterogenea que lá vae e se serve rapidamente.

E' raro uma mulher; n'esse dia, por acaso, havia duas môças, acompanhadas de uma senhora e um rapaz. Tomavam chocolate e vinham naturalmente de um baile.

A velha cochilava e as duas môças tinham os olhos pizados, e o rosto macerado pela longa e fatigante vigilia.

Saturadas de notas musicaes, uma d'ellas ainda balançava a cabeça como se estivesse ouvindo um dolente compasso de valsa. Estavam desbotadas, com os olhos encovados, e pelo rosto, n'este ou n'aquelle ponto, uma parte de pintura resistira e ficara. Viam-se os ossos da face e os rostos estavam escaveirados. O rapaz, entretanto, continuava a conversar ternamente embevecido... Observei-as muito tempo ainda, considerando como era difficil áquelles dois entes achar o fim natural de sua vida... Quantos tropeços as praxes punham! A quanto trabalho eram obrigadas!

Dansar-se noites e noites!... Levado por taes considerações ia esquecendo os meus proprios interesses. Puz-me a lêr o jornal, os annuncios de *precisa-se*. Dentre elles, um pareceu-me accetavel. Tratava-se de um rapaz, de conducta affiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Lorangeiras. Estava resolvido a accetar; trabalharia um anno ou mais; guardaria dinheiro sufficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um logar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem familia, sem origens.. Que mal havia? Mais tarde, se chegasse a alguma cousa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietario do estabelecimento. Não me recordei mais das suas feições, mas tenho na me-

moria as suas grandes mãos com um enorme «solitario» e o seu alentado corpo de arrobas.

— Foi o snr. que annunciou um rapaz para...

— Foi; é o snr.? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.

— Sou, pois não.

O gordo proprietario esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

— Não me serve.

— Porque? atrevi-me eu.

— Porque não me serve:

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu sahia litteralmente esmagado. N'aquella recusa do padeiro em me admittir, eu descobria uma especie de sitio posto á minha vida. Sendo obrigado obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificaveis. Facilmente generalisei e convenci-me de que esse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer cousa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veiu aquelle odio do bonde, quando de volta da casa do deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despende tanta força de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouca gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberaes que não podiam accusar particularmente o padeiro. Que diabo! eu offerecia-me, elle não queria que havia n'isso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral, e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu proprio ra-

ciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao anterior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquella egreja de frontão grego e columnas doricas e tive a sensação de estar em paiz estrangeiro.

O alcool não entrava nos meus habitos. Em minha casa, raramente o bebia. N'aquella occasião, porém, deu-me uma vontade de beber, de me embriagar, estava cansado de sentir, queria um narcotico, que fizesse descansar os nervos tendidos pelos constantes abalos d'aquelles ultimos dias. Entrei no café, mas tive nojo. Limitei-me a beber uma chicara de café e caminhei tristemente em direcção ao mar, olhando com inveja um carregador que bebia um grande calice de paraty. Eu tinha uma immensa lassidão e uma grande fraqueza de energia mental. Quiz descansar, debrucei-me na muralha do caes e olhei o mar. Estava calmo; a limpeza do céu e a luz macia da manhã faziam-n'o avelludado. Os ultimos signaes da tempestade da vespera tinham desaparecido. Havia satisfação e felicidade no ar, uma grande meiguice, em tudo respirava; e isso pareceu-me hostile. Continuei a olhar o mar fixamente, de costas para os bondes que passavam. Aos poucos elle hypnotizou-me, attraheu-me, parecia que me convidava a ir viver n'elle, a dissolver-se nas suas aguas infinitas, sem vontade nem pensamentos; a ir nas suas ondas experimentar todos os climas da terra, a gozar todas as paesagens, fóra do dominio dos homens, completamente livre, completamente a coberto de suas regras e dos seus caprichos... Tive impetos de descer a escada, de entrar corajosamente pelas aguas a dentro, seguro de que ia passar a uma outra vida melhor, afogado e beijado constantemente por aquelle monstro que era triste como eu. Os electricos subiam vasos e des-tiam cheios. Inglezes de chapéos de palha cintados de fitas multicores, com pretensões á originalidade, en-

chiam-nos. Fumavam com desdem e iam convencidos na sua ignorancia assombrosa que a lingua incomprehen-sivel escondia de nós, que davam espectaculo a essa gente mais ou menos negra, de uma energia sobre-humana e de uma intelligencia sem medida. Os bondes continuavam a passar muito cheios, tilintando e dan-sando' sobre os trilhos. Se acaso um dos viajantes dava commigo, afastava logo o olhar com desgosto. Eu não tinha nem a sympathia com que se olham as arvores; o meu soffrimento e as minhas dôres não encontra-vam o menor echo fóra de mim. As plumas dos cha-péos das senhoras e as bengalas dos homens parece-ram-me ser enfeites e armas de selvagens, a cuja terra eu tivesse sido atirado por um naufragio. Nós não nos entendiamos; as suas alegrias não eram as minhas; as minhas dôres não eram sequer percebidas... Por força, pensei, devia haver gente boa ahi... Talvez tivesse sido desthronada, presa e perseguida; mas devia haver... Naquella que eu via ali, observei tanta repulsa nos seus olhos, tanta paixão baixa, tanta ferocidade que eu me cri entre *yahus* e tive impetos de fugir antes de ser devo-rado... Só o mar me contemplava com piedade, sug-gestionando-me e promettendo-me grandes satisfações no meio de sua immensa massa liquida...

— Vem, dizia-me elle, vem commigo e, no meu seio, viverás esquecido, livre e independente... Aqui, eu te abrirei perspectivas infinitas á tua vida limada e os conceitos, as noções e as ideias nada valerão. Zom-barás d'elle, não os sentirás, não terás consciencia, nem pensamento, nem vontade...

Deviam ser oito horas e eu vim descendo a pé pela borda do caes. Pensava n'um alvitre a tomar. Preci-sava sahir do hotel. Estava sem dinheiro; depois de paga a pensão, restar-me-iam uns seis mil e tanto. Ti-nha que o deixar em breve, fosse como fosse. Aquella sociedade com pessoas que me tinham suspeitado la-

drão, pesava-me, abatia-me. A esperança n'um emprego humilde esvaira-se. A recusa systematica do padeiro fizera-me suppor que era assim em todas as profissões. Assim seriam os hoteleiros os donos de cafés, de confeitarias, de cocheiras... Não sabia por onde sahir; era de um verdadeiro sitio á minha vida que eu tinha sensação. Durante o dia inteiro não me deixaram esses pensamentos. Almocei no hotel silenciosamente, sentindo a irritante observação do copeiro. Sahi logo demandando a cidade. Tinha entrado na rua do Rosario, quando alguém bateu no hombro:

— O snr. não é Isaias Caminha?

— Sou.

— Não se lembra de mim? Eu sou o Agostinho...

O Agostinho Marques... Não se lembra?

— Recordo-me, sim. Você se sentava junto ao Felício da Costa, não era?

— E' verdade. Chegou ha muito tempo, Isaias?

— Ha um mez, e você o que está fazendo?

— Sou empregado no escriptorio do dr. Leitão Fróes — e você?

— Eul... Procuo a vida...

O meu antigo collega não se demorou muito, tinha pressa e eu prometti-lhe que o procuraria para conversar, tanto mais que elle tinha serviço a dar-me. Passei o resto do dia vagueando. Veiu a tarde, uma tarde doce e azul, e eu não tive forças para me apresentar no hotel. Fui ao Passeio Publico. Entrei e sentei-me n'um banco afastado, fóra do caminho habitual dos visitantes. Estive instantes pensando a olhar o regato na minha frente e as arvores que me cercavam. Os patos e os gansos nadavam satisfeitos e as garças pensativas perfiladas nas margens espiavam assombradas vendo tanta alegria. A tarde punha um brilho particular nas cousas, de doçura e satisfação. Aqueile descanso no jardim, fez-me lembrar não sei que passagem do

meu livro de cabeceira, d'esse perverso liyro que eu quiz fazer bussola para minha vida. Abri-o e desejoso por encontrar a passagem, não reparei que uma pessoa viera sentar-se no mesmo banco que eu. N'um dado momento, vriei-me e dei com uma rapariga de côr, de olhos tristes e feições agradaveis. Tinha uma bolsinha na mão, um chapéo de sol de alpaca e o vestuario era pobre. Considerei-a um instante e continuei a ler o livro, cheio de uma natural indifferença pela visinha. A rapariga começou a murmurar, perguntou-me qualquer coisa que respondi sem me voltar. Subitamente, depois de fazer estalar um desprezível muchocho, disse-me ella á queima-roupa:

— Que typo! Pensa mesmo que é doutor...

Fechei o livro, levantei-me e, já afastado, ainda ouvi d'ella alguns desaforos. Cheguei ao portão. Os bondes passavam, havia um grande movimento de carros e pedestres. Considerei a rua, as casas, as physionomias dos transeuntes. Olhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos.

Eu estava só.

VII

Havia dias que notava com surpresa a indifferença que tinha então pelos meus destinos. Aquelle meu fervor primeiro, tinha sido substituido por uma apathia superior a mim. Tudo me parecia acima de minhas forças, tudo me parecia impossivel; é que não era eu propriamente que não podia fazer isso ou aquillo, mas eram todos os outros que não queriam, contra a vontade dos quaes a minha era insufficiente e debil. A minha individualidade não reagia; portava-se em presença do querer dos outros como um corpo neutro; ador-mecera, encolhera-se timidamente acobardada.

Houve duas ou tres crises de vontade que me obrigaram a procurar emprego. Nas duas primeiras, recuei passado o primeiro impeto; na terceira, fil-o de tal modo, tão transtornado, tão lamuriento e frouxo que fui mal' succedido. Vendi os meus livros para apurar algum dinheiro. Pago o hotel, fiquei reduzido á ultima extremidade, com um curto praso para d'elle retirar a minha insignificante bagagem. Esperava resposta de uma carta em que pedira algum dinheiro a minha mãe. Não se demorou em responder, mandandome cincoenta mil reis. Aluguei um quarto e os primeiros dias que n'elle passei foram do mais absoluto enfado.

Sahia, mas evitava a rua do Ouvidor e o Lage da Silva, que passara a tratar-me de outro modo. Dei em passear de bonde, saltando de um para outro, aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o vehiculo em outros bairros. Da Tijuca ia ao Andarahy e d'ahi á Villa-Isabel; e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade — tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada e despovoadas, com grandes hiatos entre ruas de população condensada e toda ella, agitada, dividida, convulsionada pelas collinas e contra-fortes da montanha em cujas vertentes crescera. Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma cousa ou outra fiz. Descobri a Bibliotheca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet. Estava na casa de commodos havia perto de quinze dias. Uma noite, acabara de chegar e despia-me, quando me bateram á porta. Abri: «Bôa noite», fallou-me um rapaz do lado de fóra. O Sr. podia permittir que eu acendesse á minha véla na sua?» Cheguei sem phosphoros e vendo que no seu quarto havia luz, vinha-lhe pedir esse favor.» Ficamo-nos conhecendo, aos poucos

nos aproximamos e entabolamos relações mais estreitas. Abelardo Leyva, o meu recente conhecimento, era poeta e revolucionario. Como poeta tinha a mais sincera admiração pela belleza das meninas e senhoras de Botafogo. Não faltava ás regatas, ás kermesses, ás tombolas, a todos os logares em que ellas appareciam em massa; e a sua musa — uma pallida musa, decentemente abôtoada no Castilho e penteada deante dos espelhos de B. Lopes e Macedo Papança — quasi diariamente lhes cantava a belleza *olympica e lyrial*. Como revolucionario, dizia-se socialista adiantado, apoiando-se nas predicas e brochuras do Sr. Teixeira Mendes, lendo tambem formidaveis folhetos de capa vermelha, e era secretario do Centro de Resistencia dos Varredores de Rua. Vivia pobremente, curtindo miserias e lendo, entre duas refeições affastadas, as suas obras predilectas e enchendo a cidade com os longos passos de homem de grandes pernas.

Depois de nossas relações, era frequente passearmos juntos. Sabiamos ás dez horas, tomavamos café e andavamos até ás tres ou quatro da tarde. A essa hora separavamo-nos em obediencia a uma convenção tacita. Tratava-se de jantar e cada um de nós ia arranjar-se. A' tarde, encontravamo-nos e íamos conversar a um café com alguns outros amigos d'elle; na mór parte desprovidos de dinheiro, com magros e humildes empregos, pretendendo virar a face do mundo para ter almoço e jantar diariamente. Leyva era o chefe, era a intelligencia do grupo, pois, além de poeta, tinha todos os preparatorios para o curso de dentista. Eu gostava de notar a adoração pela violencia que as suas almas pacificas tinham, e a facilidade com que explicavam tudo e apresentavam remedios. Embora mais moço que elle, varias vezes cheguei a sorrir aos seus enthusiasmos.* Creio que lhes não faltava intelligencia, sinceridade tambem; o que não encontravam era uma som-

ma de necessidades a que viessem responder e sobre as quaes apoiassem as suas furiosas declamações. Insurgiam-se contra o seu estado particular, oriundo talvez mais de suas qualidades de caracter do que de falhas de temperamento. Eram todos honestos, orgulhosos, independentes e isso não leva ninguem á riqueza e á abastança. Leyva era quem mais exaggerava nos traços do caracter commum e se encarregava de pintar os soffrimentos da massa humana. Era um grupo de protestantes, detestando a politica, dando-se ares de trabalhar para obra maior, a quem as periodicas *revoluções* não serviam. Um ou outro acontecimento vinha-lhes dar a illusão de que eram guias da opinião. Leyva gabava-se de ter feito duas *grèves* e de ter modificado as opiniões do operariado do Bangú com as suas conferencias applaudidas. Os outros, sem a sua enfiatura, os seus rompantes de atrevimento e a sua ambição occulta, mais sinceros talvez por isso, limitavam-se a falar e a manifestar as suas terriveis opiniões em publicações pouco lidas.

No entanto, Leyva parecia-me mais sincero na sua poesia palaciana e de modista do que nas ideias revolucionarias. Não o julgava perfeitamente hypocrita; era a sua situação que lhe determinava aquellas opiniões; o seu fundo era sceptico e amoroso das commodidades que a riqueza dá. Cessassem as suas difficuldades, ellas desapareceriam e surgiria então o verdadeiro Leyva, indifferente aos destinos da turba, dando uma esmola em dia de máo humor e preocupado com uma ruga no fraque novo que viera do alfaiate.

No café, em certos momentos, quasi sem transição, elle passava das objurgatorias mais terriveis a recitar versos, cheios de detalhes de modas e ardendo de admiração pelas cousas de luxo. Havia n'isso muito da sua forte mocidade para que eu me lembrasse de George Ohnet. Bem parecido, de rosto bem feito e um nariz

classico e uns bigodes e uns cabellos pretos, tratados com especial carinho de manhã e á tarde, elle tinha a insignificante boniteza dos homens, tanto do agrado das nossas mulheres. Era um adorador temivel. No seu quarto, além da meza e alguns volumes com que preparava as arengas revolucionarias, tinha uma cama de vento, nua e orphã de lençoes e travesseiros com fronhas, uma grande mala cheia de camisas, collarinhos, punhos, gravatas e perfumes. Ganhava noventa mil reis no Centro dos Varredores, gastava vinte e cinco no quarto e o que sobrava era mais para as coisas de *toilette* do que para a sua alimentação. Frequentava os lugares elegantes, ou tidos como tal, e uma noite levou-me ao Parque Fluminense, onde encontrei o Agostinho Marques, o elegante Agostinho, cheio de aneis e alfinetes, que eu não quiz reconhecer. Desde que nos demos a conhecer, isso havia perto de um mez, nunca mais o tinha visto; elle, porém, chamou-me amigavelmente. Era o solicitador do dr. Leitão Fróes, ganhava um conto e tanto por mez e pretendia formar-se em direito precisando de mim, para lhe explicar uns preparatorios. Disse-me isso no momento em que Leyva se deixára absorver por uma dama elegante da nossa visinhança. Estavamos sentados a uma meza do botequim, e serviamo-nos de cerveja, a convite de Marques. Quando Leyva se voltou de sua preocupação extra-revolucionaria, Agostinho queixou-se dos calos:

— Não ha sapateiro que preste no Rio de Janeiro... Mandei fazer essas botinas no Martinelli, dei quarenta e cinco mil réis e é esta desgraça! Apertam-me como diabo...

O Abelardo tinha opinião um pouco differente sobre os sapateiros da cidade. Antigamente, mandava fazer as botinas de *encommenda*; ultimamente, porém, comprava-as feitas. Eram estrangeiras e melhores...

— Mas o Martinelli, *seu* Abelardo, objectou semi-indignado o solicitador. O cabedal, os aviamentos, tudo vem da Europa; só são cortadas e montadas aqui...

— Ora, continuava Leyva, eu já tive botinas d'elle e sei tudo-isso; mas não vale a pena, é um engano... Olhe, o Sr. dá trinta e cinco mil reis por uma Walk-Over ou Clark e fica mais bem servido do que com elle. E são bonitas... Veja!

Mostrou o pé e durante minutos os dous estiveram a debater-se, procurando toda a sorte de argumentos para defenderem as suas firmes opiniões sobre a distincção, a commodidade do calçado comprado feito e mandado fazer de encommenda.

Agostinho Marques, *solicitador nos auditorios d'esta Capital*, chegou a empregar argumentos de natureza jurídica; Abelardo Leyva, apostolo do socialismo revolucionario, inimigo da execravel burguezia, procurou justificativa nos elegantes do mundo chic parisien-se. A minha reserva só os fazia prolongar a discussão; estavam diante de um juiz, a quem expunham as suas razões com delicadeza e urbanidade.

— Lá vae o Raul Gusmão, exclamou Marques.

Voltei-me um pouco. Era de facto elle de braço com o Oliveira. Vestia um grande fraque de xadrez; tinha botinas de verniz com os canos de panno e marchava conversando com o companheiro, apertando os olhos e procurando os mais surprehendentes gestos que lhe viessem augmentar a reputação jornalística.

— E' um rapaz de talento, disse Marques.

O *corrousel* moía uma musica banal, preguiçosa e irritante. Leyva esteve pensando um instante e disse:

— E', e parece que faz prosperar o seu talento com praticas suspeitas.

— E' verdade o que se diz por ahí d'elle? indagou a meia voz o solicitador.

— Não sei, nunca vi, mas, no domingo, nós...
— não foi Caminha?

Fiz um signal affirmativo e o meu amigo continuou:

— ...no domingo vimol-o entrar n'uma hospedaria da rua da Alfandega com um fuzileiro naval.

— Qual, disse Leyva, não creio. Elle faz constar isso e faz suspeitar, para se ter em melhor conta o seu talento. O publico quer que todo o talento artistico tenha um pouco de vicio; aos seus olhos, isso o augmenta extraordinariamente, dá-lhe mais valor e faz com que o escriptor ganhe mais dinheiro.

— Como é então que entrou na hospedaria? indagou Marques.

— Tinha-nos visto e, mediante uma gorgeta, obrigou o soldado a prestar-se ao papel... Aquillo é o genio do *reclame*...

Em torno de nós, sob a chuva meuda do vapor condensado do motor de illuminação, grupos de passeiantes moviam-se de um lado para outro, isochronamente, lentamente, tristemente, como se obedecessem a uma lei inflexivel a cujo imperio não se pudessem furtar. Só o Carnaval tira essa triste gravidade aos nossos passeios. Os rapazes excedem-se, sahem fóra da bitola, e as moças e as senhoras abandonam-se aos impulsos do temperamento. Lembro-me que em um dos ultimos carnavaes a que assisti, ás oito e meia da noite, vi duas moças afastarem-se um pouco para o interior do escriptorio da «Gazeta de Noticias», d'onde assistiam á passagem de cordões, e lá dentro requebrarem lascivamente com as exigencias que um *maxixe* tocado por uma banda de musica a passar pedia. Fóra do Carnaval sempre senti essa mesma tristeza nos nossos passeios publicos, tendo presente sempre a tyrannia domestica e a preocupação do dia seguinte.

Os dois continuavam a conversar, quando voltei

a ouvil-os. Tinham passado imprevistamente para a reforma social que Leyva annunciava. Agostinho, que se sentia chegar a homem rico e considerado, fazia immensós esforços para contestar as doutrinas subversivas de Leyva:

— Mas o sr. o que quer é desordem, e anarchia; é extincção da ordem social...

E Leyva sorria um instante, satisfeito que elle viesse ao encontro da sua resposta querida.

— Mas é isso mesmo, não quero outra cousa! Pois o sr. acha justo que esses senhores gordos, que andam por ahí, gastem n'uma hora com as mulheres, com as filhas e com as amantes, o que bastava para fazer viver familias inteiras? O sr. não vê que a patria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude d'essa mesma exploração, e que domina fazendo crêr á massa que trabalha para a felicidade d'ella? O publico ainda não entrou nos mysterios da religião da Patria... Ah! quando elle entrar!

Levado pelo calor da phrase Leyva continuou a falar cheio de força, enthusiasmo: — Não ha na natureza nada que se pareça com a nossa sociedade governada pelo Estado... Observe o sr. que todas as sociedades animaes se governam por leis para as quaes ellas não collaboraram, são como preexistentes a ellas, independentes de sua vontade; e só nós inventamos esse absurdo de fazer leis para nós mesmos — leis que, em ultima analyse, não são mais que a expressão da vontade, dos caprichos, dos interesses de uma minoria insignificante... No nosso corpo ha uma multidão de organismos, todos elles interdependem, mas vivem autonomamente sem serem propriamente governados por nenhum, e o equilibrio se faz por isso mesmo... O systema solar... Na natureza, todo o equilibrio se ob-

* têm pela acção livre de cada uma das forças particulares...

Agostinho precisava arranjar uma objecção, mas o conhecimento das noções que Leyva punha em jogo estava completamente fóra da sua actividade mental. O apostolo-poeta, sentindo a fraqueza do adversario, exultou, e, deitando um olhar em torno, exclamou victoriosamente:

— Eu quero a confusão geral, para que a ordem natural surja triumphante e victoriosa!

Deitou um longo e terno olhar para a linda burgueza da visinhança e bebeu voluptuosamente um grande góle de cerveja. Eu creio que se a nova éra dependesse do seu braço, elle não deitaria a bomba para não assustar as meninas bonitas e delicadas.

Foi Leyva o meu iniciador no Rio de Janeiro. Deu-me relações, ensinou-me as maneiras, o calão da bohemia, levou-me aos logares curiosos e consagrados. Com elle fui ao Apostolado Positivista ouvir o sr. Teixeira Mendes. Um grande mathematico, disse-me; a primeira cabeça do Brazil, uma intelligencia encyclopedica, uma erudição segura, e, sobretudo, um character e um coração!

Um domingo, em que havíamos sahido do Apostolado, vinhamos descendo pachorrentamente o caes da Gloria, a conversar.

Leyva viera pela rua de Benjamin Constant abaixo gabandô a eloquencia do veneravel sr. Mendes, a sua virtude, a sua sobriedade e contara-me por alto a surra que elle déra no Bertrand, da Academia Francaza, em assumpto de mathematica. Eu ouvia-o sem coragem de contestar, embora não compartilhasse as suas crenças. Não era a primeira vez que ia ao Apostolado, mas quando via o vice-director sahir rapidamente por detraz de um retabulo, na absida da capella, ao som de um tympano rouco, arrepanhando a batina, com

aquelle laço verde no braço, dava-me vontade de rir ás gargalhadas. Demais, ficava assombrado com a firmeza com que elle annunciava a felicidade contida no positivismo e a simplicidade dos meios necessarios para a sua victoria: bastava tal medida, bastava essa outra — e todo aquelle rigido systema de regras, abrangendo todas as manifestações da vida collectiva e individual, passaria a governar, a modificar costumes, habitos e tradições. Explicava o cathecismo. Abria o livro, lia um trecho e procurava o caminho para allusões a questões actuaes, repetindo formulas para se obter um bom governo que tendesse a preparar a éra normal — o advento final da Religião da Humanidade. E eu achava toda aquella dissertação tão intellectual, tão balda de comunicação, tão incapaz de erguer dentro de mim o devotamento, o altruismo, *o esforço sobre mim mesmo em favor dos outros*, como dizia o apostolo, que me quedava a indagar até que ponto o auditorio respeitoso estava convencido e até que ponto fingia convicção.

Havia trechos em que elle insistia com particular agrado. Via-se que n'elles repousava a conversão dos espiritos. Não me esqueci que elle amava repetir que a physica a chimica, a biologia, a sociologia, todas as sciencias e todo o esforço humano de qualquer ordem tinham preparado lentamente e tendiam para a religião da humanidade; era ella como a coroação, a cúpula do edificio do pensamento e dos grandes sentimentos da humanidade. Citava trechos de grandes poetas n'esse sentido, e procurava dados historicos. Quando se offerecia occasião, esboçava a ordem futura, co-tejando-a com a presente. O medico, o professor e o sacerdote estariam juntos em um mesmo homem, cujos serviços seriam gratuitos; todos exerceriam um officio manual e os capitaes accumulados em poucas mãos, seriam empregados em beneficio social. A quantas necessi-

dades presentes d'aquelle auditorio não iria dar remedio a promessa d'aquella sociedade a vir?! Os homens tem amor á utopia quando condensada em formulas de felicidade; e aquelles militares, funcionarios, estudantes, encontravam n'aquellas affirmações, repetidas com tanta segurança e cuja verdade não procuravam examinar, um alimento para a fome de felicidade da especie e um consolo para os seus máus dias presentes.

Pelo caminho, ouvi repetirem as palavras do Mestre e apoiarem-se n'ellas para criticar actos do Governo, projectos da Camara — esse viveiro de bachareis ignorantes que não sabem mathematica.

Observei que o meu proprio amigo Leyva partia tambem d'essa crença pythagorica das virtudes da mathematica para condemnar e criticar o governo e os governantes; entretanto, além d'aquellas explicações philosophicas do sr. Teixeira Mendes, elle sabia pouco mais do que as quatro operações na sciencia divina.

— Vê tu, dizia-me elle, quem no Brazil tem conhecimentos mais seguros que o T. Mendes? E accrescentava logo: como se póde acreditar que, na nossa epocha scientifico-industrial, um homem que não conhece como se fabricam os encanamentos d'agua, as propriedades do ferro e o seu tratamento industrial, as theorias hydraulicas, poderá aquilatar e dirigir os serviços de uma cidade moderna, cuja primeira necessidade é um seguro e farto abastecimento d'agua?

Leyva gostava de falar; e, quando a materia lhe agradava, o cansaço difficilmente vinha. Eu amava ouvir-o, pois tinha uma bella voz, acariciante e de agradável timbre, e que vibrava musicalmente ao chegar-lhe a paixão. Continuou:

— Antigamente, todos os governantes tinham, ou antes, estavam ao par do saber de seu tempo, e só com a necessidade do estabelecimento de novas sciencias — o que fez á especialisação dos conhecimentos

— deixaram tão salutar regra. Hoje, porém, graças ao sobrehumano cerebro de Comte — o maior talvez* depois de Aristoteles — o saber voltou á unidade util e moral dos outros tempos. A synthese foi feita e os estadistas verdadeiramente dignos, servidores praticos da Humanidade, poderão encontrar n'ella um seguro pharol para guial-os.

Não me animei a perguntar-lhe se a synthese de que fallava continha tambem a questão do abastecimento d'agua. Senti a sinceridade momentanea de suas palavras, ditas até com certo enthusiasmo; e quando alguem me fala desse modo, encho-me de respeito e de amizade. Vinhamos descendo a rua e assim continuamos um instante calados. Houve uma occasião, em que, quasi sem reflectir, perguntei ao Leyva:

— Como você é ao mesmo tempo anarchista e positivista — uma doutrina de ordem, de submissão, que espera a victoria pelo resultado fatal das leis sociologicas?

— Ora você! Eu quero uma confusão geral, um abalo completo d'esta ordem iniqua, para então... O Mendes é simples, é bom, pensa que isso vae como elle quer; mas é preciso... Olhe, o Christianismo...

Olhei um instante a seda azul do mar levemente enrugada e sorvi um pouco da viração que soprava da barra; depois perdemos-a de vista e a viração deixou de açoitar-nos com força e fomos descendo a rua da Lapa, transitada, ladeada de sobrados, d'onde pendiam mulheres publicas em *peignoir*, como descóradas orchidéas de millionario europeu, cujo brilho natural o ambiente de estufa lhes tirou ou não soube dar. Nós olhamo-las com um pouco da nossa mocidade e com um pouco das preocupações que traziamos; e caminhamos para o Passeio Publico, onde iamos esquecer que não jantavamos, olhando a turba resignada que aproveitava o Domingo.

Uma banda de musica enchia o jardim com os seus estridentes compassos. Nas proximidades do coreto, Leyva encontrara um conhecido com quem ficára a conversar. Eu não me detive; avancei vagarosamente para o terraço que deita para o mar. O meu companheiro veio ter commigo meia hora depois e vinha acompanhado de um outro rapaz. Apresentou-nos. Um instante, contemplei a angustiada cabeça do desconhecido, o seu ar orgulhoso e todo elle esguio e alto, ligeiramente curvado como um teimoso canniço que não se poude erguer completamente depois das muitas tempestades que supportou.

— O Plinio, Caminha, disse Leyva, vinha-me contando o seguinte: ha dias, o Florencio — conheces? Fiz signal que não e elle insistiu: o Florencio que redige a secção do «Jornal do Rio» — conheces, não é? Pois bem; o Florencio entrou na «Portier» e pôz-se a ler um livro. De quando em quando mudava de lugar, approximando-se da porta. Assim leva hora e tanto. Elle, porém, não tinha reparado que os empregados vigiavam-no. Num dado momento, metteu a brochura debaixo do paletot e encaminhou-se para a porta. Os caixeiros cortaram-lhe os passos, intimando-o a entregar a obra. Florencio ataranta-se, promptifica-se a pagar, do dinheiro cae e...

— Pagou? perguntei.

— Pagou sim, apressou-se em responder Plinio

— Pagou sim, apressou-se em responder Plinio de Andrade; mas um dos empregados da livraria disse-lhe insolentemente: Você paga este sobre a Grecia, que queria levar agora e tambem o romance francez que levou ante-hontem... A Imprensa! Que quadrilha! Fiquem Vs. sabendo que, se o Barbarôxa resuscitasse, agora com os nossos velozes cruzadores e formidaveis couraçados, só poderia dar plena expansão á sua actividade se se fizesse jornalista. Nada ha tão parecido

como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão é um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausencia de senso moral a toda a prova... E assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida collectiva dependam do assentimento e da sua approvação... Todos nós temos que nos submeter a elles, adular-os, chamal-os genios, embora intimamente os sintamos ignorantes, parvos, immoraes e bestas... Só se é geometra com o seu *plac t*, só se é callista com a sua confirmação e se o sol nasce é porque elles affirmam tal cousa... E como elles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis genios, de genios imbecis; trabalham para a selecção das mediocridades, de modo que...

— Você exagera, objectou Leyva. O jornal já prestou serviços.

— De certo... não nego... mas quando era manifestação individual, quando não era cousa que désse lucro; hoje, é a mais tyranica manifestação do capitalismo e a mais terrivel tambem... E' um poder vago, subtil, impessoal, que só poucas inteligencias podem colher-lhe a força e a essencial ausencia da mais elemental moralidade, dos mais rudimentares sentimentos de justiça e honestidade! São grandes emprezas, propriedade de venturosos donos, destinadas a lhes dar o dominio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burguezes... Não é facil a um individuo qualquer, pobre, cheio de grandes ideias, fundar um que os combata... Ha necessidade de dinheiro; são precisos, portanto, capitalistas que determinem e

imponham o que se deve fazer n'um jornal... Vocês vejam: antigamente, entre nós, o jornal era de Ferreira de Araujo, de José Patrocínio, de Fulano, de Beltrano... Hoje de quem são? A *Gazeta* é do Gaffée, o *Paiz* é do Visconde de Moraes ou do Sampaio e assim por diante. E por detraz d'ella estão os estrangeiros, senão inimigos nossos, mas quasi sempre indifferentes ás nossas aspirações...

Andrade acabou de falar e tirou o chapéo um instante. Vi-lhe o cabello crespo, lanudo e revoltó e toda a sua grande cabeça angustiada e intelligente assomou aos meus olhos com uma grande expressão de rebeldia. Coado atravez das arvores, um jacto de luz veio bater-lhe em cheio e ella mais bella me appareceu quando inundada por aquella luz de ouro. Sentando-se, o seu ar já era outro, manso, passivo, e a sua voz, antes tão energica, passou a ser macia, preguiçosa e tomou um ar distrahido até despedir-se. Nós fomos jantar com o dinheiro que elle deu ao Leyva e soube por este alguma cousa da sua vida passada. Fôra estudante de medicina na Bahia, e frequentava o segundo anno quando um estudante mais antigo lhe disse: «Apanha isto ahi, seu calouro!» Andrade olhou-o devagar e virou-lhe as costas. O veterano exacerbou-se com o olhar, quiz obrigar-o a obedecer, empregando a força; e, como fosse mais forte, Plinio bruscamente apanha de cima da mesa de um guarda uma raspadeira, crava-a varias vezes no ocllega e mata-o. Actualmente, vivia ensinando Historia Natural nos collegios e publicando pamphletos em que a sua irritação lhe congestionava a phrase indignada. Era odiado e gostava de sel-o.

Esse domingo foi um dos ultimos que passei com relativa satisfação. Invadia-me uma indifferença, uma atonia, que me fazia viver sem me decidir a tentar o

menor passo para sahir da situação em que me achava. Media as difficuldades, os obices, os tropeços, achava-os iniquos mas superiores ás minhas forças. Abandonarame á miseria que a protecção de Agostinho Marques impedia que chegasse a ser declarada. Fizera-me seu professor e secretario; mas era difficil dar-me o ordenado que me tinha marcado. Fazia-lhe requerimentos, cartas de amor, ensinava-lhe os prolegomenos de alguns preparatorios; mas a sua pobreza intellectual e a sua malandragem resistiam particularmente á entrada na sua cabeça da menor noção. Nunca chegou a comprehender os theoremas de divisibilidade e a sua memoria não guardava as regras do plural francez. Aos poucos, desistiu da lição e diminuiu-me o ordenado, que era anteriormente de quarenta mil réis, dados aos bocados. Entretanto, cada dia se apurava mais no trajar, fazia amigos entre a gente importante, cercava-os, tinha um cumprimento e um sorriso para cada um.

N'um dia de abandono em que lhe cheguei de manhã a casa, pedindo-lhe dez tostões, contou-me que estivera na vespera n'uma grande *esbornia*. Tinham sido seus companheiros o deputado S., *leader* do governo, e o dr. H; o primeiro foi mais tarde Ministro e o segundo ainda é desembargador da Côrte de Appelação.

Marques preferia que eu lhe pedisse dinheiro a experimentar o seu prestigio junto aos seus poderosos amigos, solicitando uma collocação para mim. Uma vez que lhe falei a respeito, esforçou-se por me mostrar que era impossivel emquanto os seus amigos estivessem por baixo. Emquanto elle esteve no Rio, deu-me roupas; tive com que pagar o quarto e dinheiro para comer com o intervallo de quarenta e oito horas. Um bello dia, porém, disse-me que ia para fóra, para um estado do Norte, tratar de negocios, demorando-se dous ou tres mezes. Foi uma grande epocha de fome e sofri-

mentos na minha vida. Leyva era incapaz do menor obsequio; nada lhe fazia retirar um tostão dos seus perfumes e das suas roupas. Vendi as melhores roupas que tinha, tudo que tinha valor vendi, e, quando nada mais tinha que vender, passei dias inteiros sem tomar café. Lá chegava uma ocasião que alguém, um quasi desconhecido, uma physionomia encontrada momentaneamente, me convidada a jantar; e se não fossem elles, eu talvez tivesse morrido de inanição ou furtado bolos ás confeitarias. Esperava resposta de uma carta minha que não tardou a vir. Recebi-a na «Posta Restante» e, encostado a uma columna, puz-me a lê-la. Tio Valentim dizia-me que lá atravessavam uma grande crise. Minha mãe estava de cama, muito mal, desenganada...

Não continuei a leitura; deixei cahir a mão ao longo do corpo e estive a olhar a rua, sem ver cousa alguma. Morria minha mãe! E via-a logo morta, muito magra, os cirios, o crucifixo, o choro... Passou-me pelos olhos a sua triste vida, humilde e humilhada, sempre atirada a um canto como um movel velho, sem alegria, sem fortuna, sem amizade e sem amor...

Durante aquelles mezes de ausencia, eu pouco me detive na sua recordação; mas agora ellas eram frequentes e a sua figura fluctuava a meus olhos: magra, esqualida, com o corpo premido pelos trabalhos e tendo pelas faces aquellas manchas que pareciam de fumaça entranhada... Eu quiz envolver essa recordação com o que havia em mim de mais terno e tambem as outras que me vieram: a volta do collegio, o abraço que eu lhe dava; a minha doença, como ella me dava remedios... E tudo vinha com pressa do fundo de mim mesmo, subia uma recordação que expulsava outra; por fim, tudo se baralhou, tornou-se confuso e os meus olhos se orvalharam de pranto.

— Oh! Caminha! Onde tens andado? que tens, rapaz?

Era Gregorovitch Rostoloff. Fallei, contei-lhe a vida. Os seus olhos de conta mais se arredondaram de desconfiança; mas, depois de duas ou tres perguntas, de examinar-me o vestuario e algumas palavras de consolo, ao despedir-se, assim me convidou:

— Aparece-me logo, á noitinha, na redacção do «Globo».

VIII

Era uma sala pequena, mais comprida que larga, com duas filas paralelas de minúsculas mezas, em que se sentavam os redactores e reporters, escrevendo em mangas de camisa. Pairava no ar um forte cheiro de tabaco; os bicos de gaz queimavam baixo e eram muitos.

O espaço era diminuto, acanhado, e bastava que um redactor arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na meza detraz, do vizinho. Um tabique separava o gabinete do Director, onde trabalhavam o secretario e o redactor chefe; era tambem de superficie diminuta, mas duas janellas para a rua davam-lhe ar, desafogavam-no muito. Estava na redacção do «O Globo», jornal de grande circulação, diario e matutino, recentemente fundado e já dispondo de grande prestigio sobre a opinião. Falei ao Oliveira, perguntando-lhe pelo Dr. Gregorovitch. O eminente reporter levantou um pouco o olhar de cima do importante escripto (relação dos decretos assignados no ultimo despacho) e, ao dar com a minha physionomia conhecida e humilde, abaixou-o logo e, entre dentes, transcendentalmente superior, respondeu: «ainda não veio». Eu não tinha mais onde dormir, havia dois dias que não comia, tinha a maxima necessidade de falar ao russo. Intimidado com a secura do Oliveira, fiquei de pé hesitando fazer-lhe uma segunda pergunta. Medroso e esfomeado, deixei-me assim permanecer alguns minutos debaixo d'aquelle tecto

que abrigava a phalange sagrada que vinha combatendo pelos fracos e opprimidos.

Felizmente, houve alguém que me fez sentar e me convidou a esperar. Debaixo das pennas, algumas nervosas e rapidas, outras, calmas e vigorosas, o papel rinchava sob o maior silencio. Eram sete horas e pouco; as pessoas importantes do jornal ainda não tinham chegado. Lage da Silva, sempre com aquellas suas maneiras attenciosas, com aquelle seu ar indecifrável, entrou na redacção, não me olhou sequer e foi direito ao Oliveira. Estiveram alguns momentos falando em voz baixa, depois saiu cumprimentando aqui, ali, deixando no ambiente um grande desprendimento de sympathia e seducção. Houve quem dissesse quando saiu:

— Que queria esta *aguia*, Oliveira?

— Nada... Procurava o Rabello... E depois ajuntou: vocês são injustos, não é uma *aguia*... *Aguia* é um cavador de negociatas, de arranjos deshonestos; elle não. Não ha uma bandalheira em que se diga que elle se metteu...

— E as notas falsas?

— Ora! Ninguém está livre de que um tratante pague uma divida em notas falsas e, na boa fé, vir fazer pagamentos com ellas...

— Coitado! fez o outro com um arzinho canalha.

— Afinal, objectou o Oliveira indignado, quem é honesto para você, Menezes? Todos são ladrões, prevaricadores... Livra! que lingual!

A conversa tinha cessado quando o Director penetrou na sala. Era o dr. Ricardo Loberant, um homem muito alto e muito magro, anguloso, com um grande bigode de grandes guias, louro, de um louro sujo, tirando para o castanho, e um olhar erradio, cheio de desconfiança. Era um homem temido, temido pelos fortes, pela gente mais poderosa do Brazil, ministros, se-

nadores, capitalistas; mas em quem, com espanto, notei uma falta de firmeza, de certa segurança de gestos e olhar, propria dos vencedores. Fôra uma irrupção. Ninguém o sabia jornalista, mesmo durante o seu curso mal amanhado não sacrificára ás letras: fôra sempre tido como *viveur*, gostando de gastar e frequentar a sociedade das grandes *cocottes*. Um bello dia, o publico da cidade ouviu os italianos gritarem: O Globo! O Globo! Os curiosos compraram-no e com indifferença leram ao alto o nome do director: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal attrahia, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma critica corajosa ás cousas governamentaes, que, não se sabendo justa, era acerba e parecia severa. Este gostou, aquelle appreciou, e dentro de oito dias elle tinha creado na multidão fôcos de contagio para o prestigio de sua folha. Vieram as informações a seu respeito. Algumas pessoas do fôro informaram que o dr. Ricardo Loberant era um advogado violento, atrevido, que tinha por habito discutir pelos *apedidos* do «Jornal do Commercio», com mais azedume que logica, as causas intrincadas que lhe eram confiadas. E o jornal pegou. Trazia novidade: além de desabrimento de linguagem e um franco ataque aos dominantes, uma affectação de absoluta austeridade e independencia, uma oollaboração dos nomes amados do publico, lembrando por este aspecto os jornaes antigos que a nossa geração não conhecera. O Rio de Janeiro tinha então poucos jornaes, quatro ou cinco, de modo que era facil ao ~~governo~~ e aos poderosos comprar-lhes a opinião favoravel. Subvencionados, a critica em suas mãos ficava insufficiente e cobarde. Limitavam-se aos actos dos pequenos e fracos subalternos da administração; o apparecimento d'«O. Globo» levantou a critica, ergueu-a aos graúdos, ao Presidente, aos ministros, aos capitalistas, aos juizes, e nunca os houve tão cynicos e tão ladrões.

Foi um successo; os amigos do governo ficaram em começo estuporados, tontos, sem saber como agir. Respondiam frouxamente e houve quem quizesse armar o braço do sicario. A opinião salvou-o, e a cidade, agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o governo a demittir esta e aquella auctoridade. E «O Globo» vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se...

Aquelle jornal que era sua propriedade, recebia tambem a sua inspiração. Nenhum dos seus redactores tinha uma personalidade sufficientemente forte para resistir ao ascendente da sua. Mediocres de character e intelligencia, embora alguns fossem mais illustrados que elle, a acção delles no jornal recebia impulsão do dr. Ricardo, o sinete de sua paixão dominante, a sua característica; e esta era o despeito de sua fraca capacidade intellectual, a resistencia que o seu cerebro offercia ao trabalho mental continuo, de modo a não lhe permittir chegar ás altas posições pelo prestigio do talento e do estudo, não lhe deixando o seu grande orgulho que chegasse de outra forma mais geral e mais facil. Com uma grande sêde de dominio e grandes appetites de mulheres e prazeres, mas sem talento, sem pertinacia e paciencia, para attingir á fortuna e aos grandes cargos, consciente d'essas falhas, o dr. Ricardo tinha ahi um deposito inexhaurivel de emoções, sempre a esporeal-o, a excital-o e bastante forte para marcar a sua pessoa e os seus actos.

Demais, o seu desgosto e o seu despeito podiam cevar-se na mediocridade de intelligencia e na geral deshonestidade dos que governavam e dominavam; era só fechar os olhos e estender a mão. Diziam que os primeiros artigos não tinham sido escriptos por elle, mas deviam ter sido inspirados; foi a sua paixão contagiosa que os dictou ao amigo complacente que os escreveu. Durante os cinco annos que estive na redacção,

sentí que o seu estado d'alma *pegava*, alastrava-se pelos amigos e subalternos, tanto que, nas suas ausencias, o diário não perdia o tom e os artigos pareciam ter sido revistos por elle na vespera e sahirem de sua fonte inexaurível de desgosto, despeito e rancor. Entretanto, fóra do momento, fóra do minuto em que se punham a escrever e sentiam a presença do «Globo» diante dos olhos, aquelles redactores eram a gente mais satisfeita d'esta vida, satisfeita comsigo, com a posição que tinham e com a sociedade que os cercava.

O dr. Ricardo Loberant entrou fumando com força seguido de Pacheco Rabello (Ayres d'Avila), redactor chefe do jornal, a segunda cabeça da casa. Era um homem gordo que se movia pela sala com a difficuldade de um boi que arrasta a relha enterrada da charrua. Havia na sua marcha um grande esforço de tracção e um monoculo petulante na face immovel não lhe diminuia o peso da figura. Os dois penetraram na redacção pondo na sala uma inexplicavel atmospheria de terror. Pelos longos annos em que estive na redacção do «O Globo», tive occasião de verificar que o respeito, que a submissão dos subalternos ao director de um jornal só deve ter equivalente na administração turca. E' de santo o que elle faz, é de sabio o que elle diz. Ninguem mais sabio e mais poderoso do que ella na terra. Todos têm por elle um santo terror e medo de cair da sua graça, e isto dá-se desde o continuo até ao redactor competente em litteratura e cousas internacionaes.

Passando por entre as mesas, tal era a concentração das faces e o ar aterrado d'aquelles homens tão arrogantes lá fóra, tão sublimes na rua, que eu pensei que se fossem atirar ao chão para serem pisados por aquelle novo deus, dando-me ali um espectáculo da India mystica.

Ricardo Loberant e Ayres d'Avila entraram no

gabinete onde estava Leporace. O director tirou o chapéu, descançou a bengala n'um canto, sentou-se ao *bureau-ministre* e gritou bem alto:

— *Seu Leporace, como é que o sr. deixa publicar esta porcaria (apontou o jornal) na primeira pagina?*

Leporace era o secretario, arrogante como todo jornalista, apesar de ser uma pura criação de Loberant. Formado, sem emprego, sem fortuna, sem *pistols*, veio a encontrar-se com o dr. Ricardo. Loberant gostou da sua submissão, do ar respeitoso com que era tratado pelo rapaz, d'aquella especie de admiração muda pelo seu genio que ninguem sentia, e começou a inteessarr-se por elle, dando-lhe sociedade na banca, arranjando-lhe clientes. Começou precisando d'elle para apoiar a sua pessoa, teve pena depois da sua cobardia, da sua inaptidão para *cavar*, acabou amando-o inteiramente. Quando fundou o jornal, trouxe-o como redactor. Leporace foi aprendendo com os outros o officio e acabou Secretario, sumidade em litteratura e jornalismo, arbitro do merito, distribuidor de genios e talentos— elle que nunca tivera o minimo gosto, a menor inclinação por essas cousas e passara a meninice e as duas mocidades atracado com compendios e fazendo exames como toda a gente! Hoje, é quasi uma celebridade e passeia de carro pelas ruas asphaltadas do Rio de Janeiro, tendo ao lado a mulher e os pimpolhos.

O berro de Loberant fez estremecer a natureza gelatinosa de Leporace. Ergueu-se, foi até á mesa do director, falou-lhe ciciando, desculpando-se e explicando-se. Na sala, ouvimos todos e o autor da *porcaria*, Adelermo Caxias, recebeu aquella injuria sem o mais leve movimento de revolta, resignadamente, com resignação difficil de esperar em escriptor do seu talento, uma grande esperança das gerações novas.

Estava alli havia mais de meia hora. Depois da

brusca reprimenda do Director, o silencio fez-se de novo, e os redactores continuaram a escrever, indo um, de onde em onde, consultar outro timidamente em voz baixa ou procurar uma collecção de jornaes distante.

A presença do Director na sala contigua era sentida pelo ruido constante do papel rasgado; parecia que elle escrevia tiras para rasgal-as logo que estavam escriptas a meio. Do meu logar, via-lhe a ponta dos hombros e a Ayres d'Avila inteiramente. O jogo de luzes projectava fantasticamente este ultimo no vão da parede defronte. A sua face alongava-se desmedidamente e o craneo diminuia; o maxillar inferior avançava muito, o nariz ficava collado ao superior e vinha terminar com elle; e tudo tomava uma posição obliqua, como se fosse uma immensa cabeça de porco. Escrevia, ora com monoculo, ora sem elle; e fumava com a satisfação de um turco que repousa do jantar para se fatigar no harem. Num dado momento, o dr. Ricardo ergueu-se impetuosamente e surgiu na sala como um vendaval. Gritou:

— Eu já disse aos senhores que isto não é escada para ninguem subir... E' um escandalo! Todo o dia elogios, adjectivos a encher o... d'esses pulhas ahí! Já disse que *eminente* aqui é só o José Bonifacio. — Arre! Quem é esse tal Ruskin que morreu?

Ninguem se animou a responder e elle continuou no seu primeiro tom:

— Um literato ahí qualquer, um contador de caraminhólas... Não quero mais que se chame ninguem de eminente nas columnas do meu jornal, senão o José Bonifacio — saibam de uma vez por todas!

O dr. Gregorovitch não chegava e comecei a sentir-me tambem invadido por aquella atmosphera de terror. O Director tinha voltado ao seu gabinete e continuou a rasgar papel. Certa vez, levantou-se, foi até á janella e, na volta, eu pude ver o seu maxillar proe-

minente e quadrado e o ar terrível que tinha a sua physionomia banhada da turva luz que se desprendia do olhar. Então, admirei-me que aquelle homem, sob cujo nome appareciam tão formidaveis ataques aos nossos problematicos tyrannos fosse elle mesmo, na administração de sua folha, um tyranno malcreado e feroz. Elle parecia não achar socego: sentava-se, levantava-se, ia á janella; por fim sahiu estrepitosamente. Ao chegar a porta que dava para o corredor, voltou e gritou a esmo:

— O Gregorovitch já veiu?

A um só tempo quasi todos responderam prestamente:

— Ainda não, sr. doutor.

— Bem, retrucou o dr. Ricardo. Quando elle chegar, digam-lhe que escreva um artigo sobre o emprestimo da Prefeitura... E' preciso não deixar descaçar esses tratantes! Lá em cima da minha mesa, acrescentou logo, está o começo do meu e elle que continue...

Leporace veiu até á porta receber as recommendações, embora Loberant não se tivesse dirigido a elle, LogLo que o director saiu, correu-lhe á mesa para apañhar os preciosos escriptos. Vi-os. Eram tres delgadas tiras de papel cheias de emendas e de algumas phrases em grandes letras. Sentindo-o longe, os seus auxiliares voltaram a conversar.

— Está com a bicha, disse o Menezes. Ainda não tinhas visto d'isso, hein Adelermo? Aqui é assim...

— Admira-me que só agora tivesse visto que era porcaria... De manhã, nada disse.

— Não ha admirar, fez um outro. A mulher só lhe fala nas cousas do jornal ao jantar, e elle guia-se muito pela opinião d'ella...

Adelermo accendeu um cigarro, tirou uma fumaça calado; depois, impregnado de tristeza, disse vaga-

rosamente que era triste que os seus trabalhos tivessem que ficar sujeitos ao *verdictum* de uma menina das irmãs de caridade. Os outros nada lhe disseram e elle accendeu de novo o cigarro, poz-se a olhar ao longe com tristeza, em seguida essa expressão e quando voltou a trabalhar a sua physionomia sorria de orgulho interior. O Oliveira então interveiu:

— E's injusto com D. Ignez, Adelermo... Não é como tu dizes uma simples menina das Irmãs... E' uma senhora illustrada; fala francez, monta a cavallo e... Ainda outro dia, eu vi uma carta d'ella... Que letra! e que orthographia! Imagina que eram só termos de medicina... therapeutica... psychologia... agapantho... Não é brinquedo! E todos correctos! Eu fui ver no dictionario...

No gabinete, o anafado redactor chefe continuava a escrever, fingindo não dar attenção á conversa. O charuto estava pelo meio e era aspirado com o vigor de uma bomba poderosa. Acabando de escrever, leu o artigo vagarosamente, ergueu-se e veiu até ao humbral do tabique:

— Estás zangado com o Ricardo, Adelermo?

— Não, dr., mas...

— Vocês são assomados... E' da idade... Se não se atravessar certas cousas, não se vae mesmo. Olhem: eu, logo ao sahir da Academia (1), fui trabalhar com meu paê, no *Diario Fluminense*. Uma noite, escrevi um artigo e julgava-o soffrivel. Pois bem: o velho era casmurro, veiu até á sala de redacção e rasgou-o todinho na minha cara e á vista de uma porção de gente...

Parou de falar, tirou uma fumaça e depois de ter franzido a physionomia para manter o monoculo no logar, perguntou victoriosamente:

— E agora, não estou aqui?

— Eu sei, doutor, falou o Adelermo; mas...

— Vocês não tem outro patrão como o Ricardo, continuou Ayres d'Avila, sem se incomodar com o Adelfermo. Vejam (por ahí elle teve um arrotto do jantar saboroso). Vejam o que elle fez com o Sanches?! E' isso... Ha poucos com a sua generosidade e grandeza d'alma... E' um fidalgo, um mãos abertas!

O Oliveira confirmou as asseverações do pachorento redactor, accrescentando:

— E demais vejam quem fala mal d'elle... São esses ladrões, esses rufiões, gente desmoralizada que quer avançar...

— Eu digo isso sempre dos que o julgam mal, disse alguém. Ainda hontem, conversando com o Andrade, tive occasião...

— Você se dá com esse Andrade, indagou o Oliveira.

— Dou-me. E' um bello rapaz, meio...

— Qual! exclamou Oliveira. E' uma besta!

— Não é, Oliveira; é um rapaz que escreve...

— Qual! Eu quero ver esses literatos escreverem duas columnas de incendio, aqui, no duro... O proprio Ruy...

Ayres d'Avila prudentemente interrompeu a critica do Oliveira, Não era tanto em obediencia á sua admiração pelo famoso advogado; com certeza era pelo respeito que lhe inspirava a sua posição politica. Interrompeu, perguntando:

— Quem é esse Andrade?

A amizade subalterna do Oliveira esperava essa pergunta para explodir em arrhas de sua dedicacão ao dr. Loberant.

— E' um moleque ahí, uma besta!

O pachyderme collocou o monoculo e disse com toda a gravidade:

— Ah! Já sei... Um *Habbeur!* Gente que confunde o brilho com a intelligencia... Fracas intelli-

gencia... Fracas intelligencias a que a mocidade dá um brilho fugaz...

E o monstruoso redactor desandou dizendo asneiras. Eu estava ali de collarinho sujo, esfomeado, mas tive impeto de discutir e de quebrar a cara dos idiotas que o ouviam. Entre elles, havia alguns a quem cabia bem a carapuça, mas que se calaram cobardemente. Queria perguntar-lhe se aquelles seus artigos acacianos, cheirando ainda muito á brochura franceza de dous mil e quinhentos se podiam pôr a par dos trabalhos do Tito Livio, do Tobias Barreto; eu queria perguntar-lhe se a sua genialidade no artiguete seria capaz de apparecer se tivesse nascido nas condições desfavoraveis de Caldas Barbosa, do José Mauricio, do Silva Alvarenga e outros!

E não sei que movimento fiz na cadeira, sopitando a vontade de falar, que o *megatherium* notou e perguntou-me:

— Que é que o snr. deseja?

— Falar ao dr. Gregorovitch.

— Oliveira, o Gregorovitch quando vem?

— A's 8 horas.

— Você, meu filho, tem muito que esperar, disse elle com doçura. São 7 1/4 ainda...

— Esperarei, disse eu.

E elles recommçaram a conversar sobre outro assumpto e vieram a cessar instantaneamente quando se ouviram passos na escada. Esperava-se o dr. Loberant, mas entrou o fino, o elegante, o diplomatico, o macio Frederico Lourenço do Couto, com a sua linda barba perfumada e o seu grande queixo erguido e atirado para adiante como um ariete de couraçado. Vinha todo perfumado, de olhar lustruso, desprendendo essencias, com o peitilho da camisa a brilhar immaculadamente e um grande botão de coral ao centro, rodeado de brilhantes. Trazia o sobretudo debaixo do braço e entrou pisando forte, dando amaveis boas noites. Vim a co-

nhecer-o melhor e a minha antipathia não diminuiu; entretanto, hoje, ao recordar-me com que sombria energia elle pôz fim ao seu desespero, ao ver diante de meus olhos a imagem do seu cadaver com aquella fraca cabecinha estourada por uma bala, tenho uma grande e immensa pena e lastimo que a minha total ignorancia das cousas da egreja não me permitta rezar uma oração tavor de sua alma. Era o Floc, pseudonymo com que assignava os seus artigos, os artigos de tres tiras, ligeiros e originaes, ein que, na maxima parte, elle contava uma linda anecdota literaria d'onde concluia as suas substanciosas opiniões.

Na redacção, era conhecido e respeitado como entendido em litteratura e cousas internacionaes. Elle e o Lobo, o consultor grammatical, eram os dois mais altos apices da intellectualidade do *Globo*. Eram os intellectuaes, os desinteressados, ficavam fóra da acção ordinaria d'aquelle exercito. Nunca se mettiam nas polemicas, não procuravam escandalos, não escreviam allusões. Eram os estândartes; as aguias... Gregorovitch era a artilharia. Com o seu estylo desconjuntado e a sua violencia injuriosa, abria brecha nas linhas adversarias e dizimava-as de longe. Estrangeiro, nada sabendo da nossa historia, nem pelo estudo nem a sentimento pela educação e pelo sangue, a sua critica e o seu ataque tinham uma violencia desmedida. Não poupava, não desculpava, não sentia até que ponto o homem era culpado, até que ponto a marcha das cousas fazia o homem culpado. Ligeiramente enfronhado nas causas da politica do momento, elle só via diante de si un aspecto do facto, não sentia inconscientemente os outros que se ligavam com o passado que elle não conhecia, nem os outros que o futuro presentido condicionava. Um brasileiro, educado e criado no meio das tradições, dos usos, dos habitos, das qualidades, dos defeitos do seu meio,

não teria a violencia de sua linguagem, a sua força de critica, a brutalidade de seu ataque.

Acharia na sua educação e nos seus costumes desculpa para as faltas dos outros que elle sentia tambem ser suas. Gregorovitch que, além de estrangeiro, não tinha patria ao certo, era incapaz de apanhar relações, explicações, só via faltas, erros, onde havia simplesmente effeitos, resultados, e atirava-se com toda a violencia de seu temperamento de aventureiro e *condottiere* da penna contra quealle reino de Incas, de Aztecas que elle não comprehendia. Além d'elle, havia o Losque e o Lára, homens de espirito, humoristas, especie de cavallaria partha viva no ataque e capaz ainda de deitar frechas mortaes na retirada. O resto era a infantaria, o grosso do exercito, do qual faziam parte o Oliveira, admirando o director como um deus e suppondo-se extraordinario no seu officio de reporter; o resignado Menezes, indulgente creatura que n'aquelle ambiente de fatuidade e ignorancia, era o unico simples e o unico que estudava; o Rolim, o elegante Rolim, vigorosamente analfabeto, mas lindo como Narciso; o Costa, o Barros, o agente de annuncios que, não contente em auferir vultuosas commissões pela publicação delles, ainda lhe pedia a vaidade a illusão de passar por «homem de penna» nas *partidas* de clubs dansantes e em outras festividades, onde ia sempre representar o jornal e exercer a eloquencia, respondendo aos brindes feitos á folha, assessorado pelo «Orador Popular»; e, além destes, quantos mais?

Muitos. Mas ha dous collaboradores que, em todo o jornal, devem merecer observaões especiaes e estudo á parte. São elles: o charadista e o chronista sportivo.

Destes dous auxiliares das gazetas não sei qual o mais interessante e curioso, embora desemealhantes. O charadista vive sempre pobre e mal vestido; o en-

tendido em cousas de cavallos, apurado no vestuario, sempre com dinheiro, joias, aneis, apesar dos exiguos vencimentos que tem.

Os reporteres e redactores têm por este ultimo um desprezo mal sopitado e não consideram jornalista. Admittem-no como um amator, um curioso, um ornamento inutil, assim como uma filigrana em vaso destinado a misteres uteis ou um reimate caprichoso em um movel indispensavel.

Elles mesmo assim se consideram e admittem tacitamente a opinião dos jornalistas, pois formam sociedades á parte e preferem ao convivio dos collegas das folhas, o commercio de proprietarios de animaes de corridas, de tratadores, de trenadores, de jockeis, de sujeitos de *book-maker*, emfim desses homens de coude-larias e adjacencias que, com um pouco mais de ferocidade e sangue, lembram, pela sua insignificancia e inutilidade e, ao mesmo tempo, pela importancia a que se arrogam e a estima em que são tidos, os retiaros, os myrmillons, os bestiarios e outras especies de gladiadores antigos e o seu cortejo necessario.

Não ha nada mais enfadonho que uma chronica de corridas. Quem lê uma, lê todas. Exceptuando os dados de momento, são escriptas com os mesmos verbos, os mesmos adjectivos, os mesmos adverbios.

Até o tom homerico em que são escriptas, concorre para essa monotonia.

No seu sôpro epico, ha sempre o apello para os «apostós» que se repetem, desde que se fala em tal ou qual animal.

Têm-nos, os chronistas, sempre prompts na memoria e não se esquecem de collocar-os logo que venham a referir-se a dado e certo cavallo.

Se tratam de «Rayon d'Or», por exemplo, immediatamente o annalista dos prados deixa pingar da pena e encaixa, entre virgulas, bem ao lado do nome do

cavallo: o *valente filho de «Bayard» e «Nenive»*; se vai dizer qualquer coisa da egua «Maracanã», não se esquece nunca de escrever como reforço ao nome da alimaria: *a victoriosa pensionista do «stud» S. Francisco.*

A emphase lhes é indispensavel para vasar a emoção que trazem dos prados e cantar as pugnas cavallares.

Para elles, não são pôtros e eguas que se batem ;são heroes de Homero. E' Agamenon, é Priamo, é Heitor, é Achilles que estão a pelejar diante dos muros de Troia e com os Deuses e Deusas nas archibancadas.

Menos considerado do que o chronista de coisas equinas, nos jornaes, só o charadista.

Elle não têm uma classificação justa e certa; e todos homens de imprensa têm escrupulos em qualificar-o de collaborador.

Em geral é um rapazola, empregado aqui ou ali, que não vence ordenado algum na folha, melancolico, curvado, afigurando-se-nos sempre que vive debruçado sobre dictionarios e, não sabemos porque, com uma forte lente como se fosse um gravador de miniaturas.

Vem ao jornal, procura a correspondencia, entrega com timidez a «secção» ao secretario e ninguem lhe nota a presença resignada e paciente de tenaz fabricante de quebra-cabeças.

O do meu jornal, embora fosse pouco assiduo á redacção, como os seus semelhantes, pude conhecer mais de perto.

Era elle um velho de cerca de 60 annos, empregado do Ministerio da Marinha, no Arsenal ou em uma Fabrica de Polvora.

Usava costelletas sempre bem aparadas a thezoura, tinha uma côr terrosa, baça, pince-nez, não largava a piteira de côco com um cigarro modesto e pi-

zava como se quizesse dar pequenos saltos. Tinha um ar de saracura.

Além de charadista, julgava-se poeta, pelo simples facto de compôr uns monologos desenxabidos e recital-os nas salas.

Dei-me muito com elle e posso garantir que não conheci nunca pessoa tão cheia de candido orgulho como esse maniaco de charadas.

Imaginava-se uma grande cousa, um intellectual, um escriptor e era rara a vez que, conversando commigo, não se queixasse da sua situação no functionalismo publico, da pouca importancia que davam aos seus talentos.

— Veja você só: estou ha quasi quarenta annos no Ministerio e não fazem nada por mim. Tenho tido varias commissões importantes. Organizei o catalogo da Bibliotheca da Escola de Aprendizizes e, ainda ha dias, recitei um monologo meu — «Os Barbados» — casa do Contra-Almirante Esteves. As moças gostaram muito e a filha do almirante até me disse: «vou falar a papae, para aproveitar a intelligencia do senhor».

Soube mais tarde que, de facto, não havia festa em casa de qualquer magnata da Marinha, para que elle não fosse convidado. Orgulhava-se muito com isto e, ao dia seguinte, contava aos collegas as attentões que tinha recebido, como para provocar a inveja delles.

A verdade, porém, é que lá figurava como um musico de banda, um cantador de modinhas ou em pelotiqueiro que lá fossem para distrair as moças, sem ficar no mesmo pé de igualdade que os outros convidados. Mesmo assim, a sua vaidade de poeta domestico ficava satisfeita.

A promessa da filha do Esteves deu-lhe muitas esperanças; e, após algum tempo, eu lhe perguntei:

— O senhor já arranjou alguma cousa?

— Qual! Não me fizeram nada. E isto: quando querem versos, pedem-me, rogam; quando querem recitativos, chegam quasi a chorar; mas,....

— Que é que o senhor queria?

— Eu queria ir para a Secretária.

— Por que não o nomeiam?

— Ha a tal historia de concurso... Uma bandalheira... Fazem, mas não sabem nada. Um dia destes, conversando com o Chaves, 2º official da Secretaria, elle não sabia o que era chrematistica... E' assim!

Era a sua obsecção, além das charadas, ser ama-nuense da Secretaria de Estado do seu Ministerio,

Pobre velho! Queria, no fim da vida, occupar um lugar de menino!

Antonio Gallo, era este o seu nome, não deixava os dictionarios e almanaques de lembranças, e dizia que, na repartição, pelo vicio do maneio de vocabularios e dictionarios, tinha substituído o habitual aos funcionarios publicos de ler jornaes.

Era assim composta aquella peça jornalística que tinha irrompido pela vida politica e administrativa do Brazil com a violencia e com o inesperado de um phenomeno vulcanico.

A' frente, estava o dr. Ricardo Loberant, bacharel em direito, de intelligencia duvidosa e saber inconsciente, com o seu estado maior, formado de Ayres d'Avila, um monstro geologico com prematuros instinctos de raposa; e o Leporace, um secretario mechanico, automatico, sêr sem alma, sem defeitos nem qualidades, que recebia os seus movimentos do exterior, e os communicava ás outras peças da machina; á parte, um tanto afastado, como aquelles traficantes que acompanham os exercitos, havia o Alberto Pranzini, o gerente, um italiano de olhar torvo a abranger um grande arco de circulo no horizonte, calculador de nickeis, que joeirava a despeza e trazia para as gavetas do jornal

os tostões da população e um pouco dos lucros do commercio portuguez no Rio de Janeiro, isto é, de todo o commercio da cidade, pois todo elle é portuguez, tem o seu espirito, a sua alma, e as suas regras.

Floc, porém, sobre todos tinha o grande prestigio de ter estado em Paris e ter sido segundo secretario da nossa legação em Quito. Por isso, elle mesmo se julgava mais depuradamente artista que o resto dos rapazes que faziam litteratura pelo Brazil em fóra; e o seu estagio diplomatico em Quito dava-lhe tambem um infallivel julgamento nas cousas de alta elegancia e um saber inarravel nas maneiras de tratar duquezas e princezas. Fazia a chronica litteraria, as chronicas theatraes dos espectaculos de todas as celebridades, as informações sobre litteratura e pintura, além do plan-tão semanal em que ageitava phrases lindamente litterarias, dados da psychologia *chic*, ás noticias de assassinos perpetrados por soldados ebrios na rua de S. Jorge, não esquecendo nunca dizer que *o criminoso é o typo acabado do criminoso nato, descripto pelo genial criminalista italiano Lombroso*. Ia a um banquete diplomatico. A sua entrada não perturbou a conversa.

— ... um molequel zurrou o Oliveira.

— De quem falas, Oliveira? indagou o recém-chegado.

— Um mulato ahi, um tal Andrade...

— Incommoda-te o que elle escreve?

— Com certeza, pois se chama o dr. Ricardo de pirata, de Barbaroxa...

— Ora! Tu! Essa gente está condemnada a desaparecer; a sciencia já lhes lavrou a sentença...

Elle de sciencia sabia o nome e ignorava a conta de dividir. Calou-se um instante e accrescentou:

— E' preciso fulminar os nullos!

Lobo tinha-se mantido calado. Durante toda a conversa, dissera uma ou outra phrase ligeira. Revia absorvido um artigo e não queria distrahir-se de modo a perder a menor regra grammatical com que podesse emendar o original.

Tendo o Floc e o Oliveira cessado de falar, alguém perguntou-lhe:

— Dr. Lobo, como é certo: um copo d'agua ou um copo com agua?

O grammatico descançou a pena, tirou o *pince-nez* de aros de ouro, cruzou os braços em cima da meza e disse com pachorra e solemnidade:

— Conforme: se se tratar de um copo cheio, é um copo d'agua; se não estiver perfeitamente cheio, um copo com agua. Explanou exemplos, mas não poudé leval-os á dezena, pois alguém apontou na porta, o que mereceu uma exclamação do Ayres d'Avila: o Veiga!

Todos se viraram e immediatamente apanharam no ar uma physionomia sorridente repassada de admiração. Voltei-me tambem. Descobri logo quem era. Os retratos, espalhados pelos quatro cantos do Brazil, tinham tornado familiar aquella physionomia; mas, de perto, ali a dous passos de mim, o seu olhar fixo, atraz de fortes lentes, a testa baixa e fugidia, quasi me fizeram duivdar que fosse aquelle o Veiga Filho, o grande romancista de luxuoso vocabulario, o fecundo *conteur*, o emphatico escriptor a quem eu me tinha habituado a admirar desde os quatorze annos... Era aquelle o homem extraordinario que a gente tinha que ler com um dictionario na mão? Era aquelle a forte cerebração litteraria que escrevia dous e tres volumes por anno e cuja gloria repousava sobre uma bibliotheca inteira? Fiquei pasmado. Com aquelle frontal estreito, com aquelle olhar de desvairado, com aquella physionomia fechada, balda de sympathia, appareceu-me sem mobilidade, sem ductibilidade, rigido, sinistro e limitado.

Accresce que o branco da sua t̄ez soava falso, e do seu espirito julguei logo, vendo o esforço que punha a escova na testa para ganhar diariamente terreno aõ cabello! Foi uma má impressão que se desfez mais tarde.

— Veiga, disse Floc depois dos cumprimentos, gostei muito da tua conferencia. Foi uma epopéa, uma ode triumphal ao grande Corso!

— Houve pedacinhos lindos, intrometeu-se o Oliveira. Quando por exémplo, o doutor falou n'aquelle inglez lá da ilha que tinha feito soffrer «o ultimo grande homem da nossa especie», foi como se eu tivesse visto o proprio Napoleão — grande, alto, com aquelle cavaignac.

— Napoleão era baixo e não tinha barba, disse alguem.

— E' um modo de dizer, quero falar na figura, na... Era extraordinario mesmo! E a gente, continuou Oliveira, e a gente fica admirado que um homem d'esses tenha sido cercado, acuado em Sedan!

— Em Waterloo, é que você quer dizer...

— Em Waterloo! Não foi em Sedan? O Zola, na *Derrocada*... Eu li!

— Ah! Isto é Napoleão III, accudiu Floc.

— E' verdade! fez o Oliveira. Que confusão!

Veiga Filho passeava o olhar pela sala, distraido, sem dar grande attenção ao Oliveira. Digeriu o seu triumpho e só saiu d'essa digestão difficil, quando Floc lhe disse:

— E quanta gente! Muitas senhoras... moças... gente fina... Estavam as Wallesteins, as Bostocks, as Clarks Walkovers... Podes-te gabar que tens o melhor auditorio feminino da cidade... Nem o Bilac.

Por ahi os seus olhos tiveram uma grande e forte expressão de triumpho. Disfarçou com um movimento de modestia e perguntou:

— Já déste a noticia?

— Ainda não; não tenho tempo... Vou ao banquete do Ministro e...

— Quando a vaes fazer?

— Hoje não posso, vou ao banquete; mas o Leporace podia dar... Leporace (gritou para o Secretario), escreve a noticia da conferencia do Veiga!

— Não tenho tempo, objectou o fanhoso secretario, aproximando-se do grupo.

Durante minutos estiveram discutindo quem devia dar ou não a noticia, sem chegar a um acordo. Leporace, então, lembrou que o proprio Veiga Filho a fizesse:

— Estás doido! objectou o romancista. Não viste o que aconteceu da outra vez? Que diriam?

— Ora! Que tolice! Como se houvesse alguém que acreditasse no murmúrio d'esses literatecos... Umas bestas, uns vagabundos; escreve, anda!

A sua natureza de bôa fé e complacente fel-o acceder.

Eu demorei-me ainda muito e pude ouvir-o ler a noticia. Começou dizendo que era impossivel resumir uma conferencia de um artista como Veiga Filho. Para elle, as palavras eram a propria substancia de sua arte. Dizer em alguns periodos o que elle dissera em hora e meia, era querer mostrar a belleza do fundo do mar com uma gota d'agua trazida de lá (não citou o autor). Em seguida, a grande gloria das letras patrias mostrou como tinha começado: citou Nietzche, de quem, hoje, entre nós, Veiga Filho é um dos mais profundos conhecedores e á cuja philosophia a sua inspiração obedece. Começou com o Zaráthrusta: o homem é uma ponte entre o animal e o super-homem. D'ahi partiu seguindo o grande Corso na passagem d'esta ponte. Serviu-se dos mais modernos historiadores Masson, Albert Sorel, Lord Roseberry. Descreveu a batalha de Austerlitz, contou a campanha da Russia e a passagem do Beresina foi motivo para uma descripção

das mais artisticas que até agora se fez na nossa lingua. Pelo auditorio, quando elle mostrou aquelles milhares de homens, caindo ao rio gelado, amontoando-se uns sobre os outros, debatendo-se, luctando sob uma chuva de metralha, correu um *frisson* de terror. Contestou theorias de Tolstoi, pôz finas notações aos ataques feitos a Napoleão e ao estudo do seu genio por Lombroso. Patenteou uma grande erudição e conhecimentos não suspeitados; e, quando a sua palavra colorida descreveu os supplicios d'esse titan roido pelo enfado, houve na sala um soluço.

Foi um duplo triumpho, terminava assim a noticia, de Veiga Filho e de Napoleão, o ultimo grande homem que a nossa especie viu, cuja grandeza e cujos triumphos aquelle grande artista soube pintar e descrever, jogando com as palavras como um malabarista habil faz com as suas bolas multicores. Raro e fugace gozo foi essa conferencia do eminente cultor das letras patrias.

Veiga Filho acabou de ler a noticia no meio da sala, cercada de redactores e reporters. Enquanto elle lia cheio de paixão, esquecido de que fôra elle mesmo o autor de tão lindos elogios, fiquei tambem esquecido e convencido do seu malabarismo vocabular, do sopro heroico de sua palavra, da sua erudição e do seu saber...

Cessando, lembrei-me que amanhã tudo aquillo a ser lido pelo Brazil boquiaberto de admiração, como um elogio valioso, isto é, nascido de enthusiasmo sem dependencia com a pessoa, como coisa feita por um admirador mal conhecido! A Gloria! Gloria! E de repente, repontaram-me duvidas: e todos os que passaram não teriam sido assim? e os estrangeiros não seriam assim tambem?...

Mas, a indiferença da nossa gente, pelas cousas de espirito, talvez, justifique taes manejos, pensa agora.

Naquella hora, presenciando tudo aquillo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso apablado de magica e espelho de prestidigitador, provocando illusões, phantasmagorias, resurgimentos, glorificações e apótheoses com pedacinhos de chumbo, uma machina Marinoni e a estupidez das multidões.

Era a Imprensa, a Omnipotente Imprensa, o quarto poder fóra da Constituição!

IX

Aos poucos, esqueci-me dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. Tinha já um quarto, cama e um lavatorio de ferro, pensão de almoço e jantar; e, ainda, do ordenado, me sobravam sempre alguns mil reis para comprar, de quando em quando, umas botinas de abotoar ou um chapéo da palha mais catita. Gregorovitch dera-me um terno de roupa e por todo o tempo em que fui continuo, conheci varios alfaiates caros por intermedio do corpo dos outros.

No começo, custei a conformar-me com a posição de continuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heroes do «Poder da Vontade»; e não foi sem desgosto que acceitei as fatiotas d'aquelles desconhecidos. Custou-me muito curvar-me a tão vil necessidade; com o tempo, porém, conformei-me, e de tal modo me habituei que, mais tarde, quando a minha situação mudou, foi-me preciso um grande esforço, para me habituar a comprar roupa em primeira mão. Achava-a cara, e o dinheiro gasto n'ella, despendido inutilmente, como se o gastasse em orgias e bebedeiras. Os meus vencimentos eram augmentados pelas gorgetas. Havia-

sa de duzentos reis, mas, em geral, eram de quinhentos reis para cima. A gente dos jornaes é prodiga como jogadores e gosta de aparentar desprezo pelo dinheiro e generosidade. Uma vez, recordo-me bem, um reporter, entrando alta noite na redacção, com o olhar brilhante e o passo um tanto tropego, disse-me cheio de effusão:

— Caminha, tens dinheiro?

— Tenho, sim senhor, dous mil reis... O sr...

Elle não entendeu bem a minha resposta e continuou com a voz pastosa:

— Sabes d'onde venho? Do *Aplomb-Club*. Gachei oitocentos mil reis no *baccarat*... Arrel! Que d'esta vez levei a melhor ao Lage... Sabes quem bancava? O Demosthenes, o dr. Demosthenes Brandão, pretor; primo de um Ministro.

O reporter falava bamboleando a cabeça e agitando os braços mollemente. Esteve alguns instantes callado, a revirar os olhos, e depois puxou da algibeira uma nota de vinte mil reis e disse-me:

— Toma! Vae procurar um bom fim de noite...

Eu tinha cem mil reis por mez. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fôra só a miseria passada que assim me fizera; fôra tambem a ambiencia hostile, a certeza de que um passo para diante me custava grandes dôres, fortes humilhações, offensas terriveis. Relembra-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquelle choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciencia, justos, acobardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no logar de continuo da redacção do «O Globo». Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrara-me a um ilheu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os

mariscos bastavam-me e os insectos já se me tinham feito grossa a pelle...

De tal maneira é forte o poder de nos illudirmos, que um anno depois cheguei a ter até orgulho da minha posição. Senti-me muito mais que um continuo qualquer, mesmo mais que um continuo de Ministro. As conversas da redacção tinham-me dado a convicção de que o dr. Leborant era o homem mais poderoso do Brazil; fazia e desfazia Ministros, demittia directores, julgava juizes e o Presidente, logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual acto seu tinha tido o *placet* desejado do dr. Ricardo. Participar de uma redacção de jornal era algo extraordinario, superior, acima das forças communs dos mortaes; e eu tive a confirmação d'isso quando, certa vez, na casa de commodos em que morava, dizendo ao encarregado que trabalhava na redacção do «O Globo», vi o pobre homem esbugalhar muito os olhos, olhar-me de alto abaixo, tomar-se de grande espanto como se estivesse diante de um ente extraordinario. As raparigas que residiam junto a mim, lavadeiras e costureiras, creadas de servir appellidaram-me o *jornalista*, e mesmo quando vieram a ter exacto conhecimento da minha real situação no jornal, continuei a ser por esse appellido conhecido, respeitado e debochado.

Fiquei enervado de orgulho pueril, tratando toda a gente com um desdem sobranceiro, sentindo-me tocado, attingido por um pouco da grandeza que cabia ao dr. Leborant, ao Losque e ao inimitavel Floc.

Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial alumno de D. Erther que a de continuo n'uma redacção sagrada. Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d'*O Globo* me agradava, me dava prazer. Comecei a admirar as sentenças litterarias

do Floc, as pilherias do Losque, a decorar a grammatica homœopathica do Lobo e a não supportar uma leitura mais difficil, mais densa de ideias mais logicamente architectada, mesmo quando vinha em jornal. Era pesado e..

Nos jornaes do Rio, os seus sacerdotes consumados entendem por artigo pezado os extensos ou aquelles que não desenvolvem, até á tollice minuciosa, noticias de crimes sensacionaes *et reliqua*. Nada influe para modificar-lhes o julgamento a attracção do artigo, já pelo assumpto, já pelo modo de tratá-lo, já pelo estylo do escriptor. Desde que não se trate de crimes espantosos, de idiotas intrigas politicas, uma chronica mais pensada ou um artigo mas estudado será refugado como pezado. A gente dos jornaes do Rio só tem idéas feitas e *clichés* de opiniões de toda a natureza incrustados no cerebro.

A não ser o «Jornal do Commercio», pode-se dizer que os diarios do Rio nada têm o que se leia e todos elles se parecem, pois todos têm a preocupação de noticiar crimes, escandalos domesticos e publicos, curiosidades banaes e, em geral, illustrados com zincographias que nada têm com o caso, quando não são hediondas ou immoraes, como aconteceu com «O Globo» que, certa vez, deu a de um cadaver exhumado, inteiramente nu.

A imprensa popular de qualquer paiz, por exemplo: o «Matin», o «Journal» (falo dos que conheço) — não é tão indigente de leitura, de attractivos outros que não o vulgar noticiario, como os jornaes do Rio, nos quaes quasi não existe collaboração de qualquer natureza.

Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quasi a um unico criterio, todos elles se parecem; e, lido um, estão lidos todos.

Continuemos, porém, a narração da minha vida de quasi jornalista.

Em menos de anno e tanto, tinha já construido uma pequena consciencia jornalística para meu uso. Julguei-me superior ao resto da humanidade que não pisa familiarmente no interior das redacções e cheio de intelligencia e de talento, só porque levava tinta aos tinteiros dos reporters e dos redactores e participava assim de um jornal, onde todos têm genio. Os continuos, os revisores, os caixeiros de balcão, o gerente, os redactores, os homens das machinas, os typographos, os agentes de annuncios, todos têm genio, muito genio mesmo, quando de sobra não têm tambem muito espirito, muito mesmo! Aquella casa, como todas do seu feitio, em que se fabricam novidades para o publico, era uma colmeia de genios. Colmeia é bem o termo porque era pequena e acanhada. Os redactores escreviam uns em cima dos outros; na revisão, que ficava misturada com a composição, não se podia andar; e pela noite os bicos de gaz sem vidros illuminavam tudo aquillo lobregamente, com grandes hiatos de sombras como um porão de navio. Pela sala em que esses dois departamentos funcionavam, fluctuava um forte odor de ourina, despreendido de um mictorio, que existia entre duas caixas da typographia. No dia que notei isso, não faiza oito, que um artigo furioso atacava o governo pelas más condições hygienicas do Hospicio Nacional de Alienados.

Quando se tratava de per si com qualquer dos empregados do jornal, ficava-se admirado que a folha se imprimisse e se escrevesse diariamente. Floc tinha em pouca conta Losque: um bufão, dizia elle; Bandeira desprezava Floc; um ennucho; e todos como que pareciam querer entredevorar-se até aos ossos. Entretanto, quando um fazia annos, a secção competente genia e os adjectivos mais ternos e mais camaradarios

não eram poupados. De secção para secção, a guerra era terrível. A revisão dizia que a redacção era analphabeta; a typographia accusava ambas de incompetentes; e até a impressão que não lia nem via originaes tinha uma opinião desfavoravel sobre todas tres.

A redacção não perdoava a menor falha da revisão. A's vezes, eram os originaes defeituosos; em outras, havia descuido ou a pretensão fazia emendar o que estava certo; mas sempre as reclamações choviam por parte dos redactores, dos collaboradores e dos reporters.

Um caso curioso deu-se com um artigo de Ayres d'Avila. Na sua cantillena diaria, o pachydermico plumitivo tinha escripto *pesados 200\$000 impostos pelo Congresso*, mas, passando de uma linha para outra, cortara a quantia pelo cifrão, sem o qual, a revisão e a typographia entenderam: *200 ovos postos pelo Congresso*. Avila ás nove horas da manhã, veiu ao jornal furioso, com as banhas agitadas, todo elle nervoso de pasmar, pois sempre me pareceu sem nervos. O que tinha sido uma simples obra do acaso, attribuia elle a uma canalhice da revisão, uma pilheria de máo gosto.

De tarde o chefe da revisão foi chamado, quiz explicar o *gato*; mas a nada se attendeu e houve algumas demissões. Não eram raras aliás. No jornal, ha-as de mez a mez; por dá cá aquella palha, o director ou o secretario demitte, suspende, multa nos ordenados. D'ahi vem o terror dos subalternos, a lisonja, o respeito religioso de que são cercados os chefes. Entretanto, quantas vezes se não lêem acres censuras ao Ministro que demittiu este ou aquelle funcionario, por motivos em geral mais plausiveis!

Unicamente Gregorovitch não fazia carga sobre a revisão. Para elle, tanto se lhe dava sahir *nós fomos* como *nós foi*. Não tinha nenhum amor pelos escriptos; eram como cutiladas, tanto fazia matar, ferin-

do no pescoço como rachando a cabeça meio a meio. O que elle queria era matar, ferir, golpear: a maneira pouco se lhe dava. E era uma felicidade para a revisão que elle pensasse assim. No jornal, só o russo tinha prestigio e iniciativa. Os outros, curvavam-se servilmente ao director. O que não seria se o doutor em exegese biblica tivesse os cuidados puristas do Oliveira, que reclamava um *propositamente* por propositadamente! Toda a sua grammatica estava ahi. Elle conseguira saber que *propositamente* não era aconselhado pelo Ruy e ai do revisor que deixasse escapar um na sua secção! O proprio Leborant, tão ignorante como o Oliveira, pessimo escriptor, tinha furias extraordinarias quando lhe trocavam uma palavra no luminoso artigo. Diariamente, mesmo quando não escrevia, corria o jornal de manhã, de principio ao fim, auxiliado pela mulher, para descobrir erros segundo a grammatica do Lobo. Graças a leituras das *sorites*, do esqualido grammatico, Loberant julgava-se um purista; demais, elle sempre tivera culto pelo dictionario, pelo purismo. Era um gosto ver surgir nos seus artigos-descomposturas, termos catados ao Moraes e ao Domingos Vieira. E essa sua crença de purista e cultor da lingua, juntara-se com o tempo, a de ser tambem um grande homem, um messias, um homem providencial. Com cuidado e atilamento, afastara do jornal toda e qualquer pessoa de mais talento que elle. Proprietario da folha, absorvera-a toda em si: os artigos, a creação das secções, as referencias elogiosas, as *cavações*, tudo só se fazia com sua audiencia e approvação. Elle pairava sobre o jornal como um satrapa que desconhecesse completamente qualquér especie de lei, fosse juridica, moral ou religiosa. Não havia regulamentos, praxes; o jornal era elle e a coherencia de suas opiniões vinha dos impulsos desordenados de sua alma, que o despeito agitava em todos os sentidos. No curto praso de uma

semana, o seu jornal atacou, elogiou e qualificou heroe o Ministro da Guerra; e nenhum dos tres artigos, sahio da sua penna; foram escriptos á sua ordem pelo Adelermo Caxias, que se gabava de honestidade intellectual. Na redacção era assim: escrevia-se, mediante ordem do Director, hoje contra e amanhã a favor. Floc, entretanto, gabava-se de ter autonomia nos seus artigos. Eram puramente litterarios, ou tinham esse proposito, e, á luz da intelligencia de Leborant, era-lhe perfeitamente indifferente que o naturalismo fosse elogiado e o nephelibatismo detratado; que a Academia de Letras tivesse referencias elogiosas ou recebesse epigrammas acêrados. Floc era contra a Academia, contra os novos, contra os poetas, contra os prozadores; só admittia, além d'elle, com a sua obra subjacente, que se poetassem e fizessem versos, certos rapazes de sua amizade, bem nascidos, limpinhos e candidatos á diplomacia. Confundia arte, litteratura, pensamento com distracções de salão; não lhes sentia o grande fundo natural, o que póde haver de grandioso na função da Arte. Para elle, arte era recitar versos na salas, requestrar actrizes e pintar umas aguarellas lambidas, falsamente melancolicas.

Na critica, tinha-se na convicção de um fazedor de poetas, um consagrador de reputações; com aquelle endosso da firma burlesca — Floc — o autor que lhe recebesse elogios, passava immediatamente para o Larousse. Ignorante, insciente, com uma leitura de pacotilha, não se animava a desenvolver qualquer theoria, a ter um ponto de vista qualquer; bordava umas banalidades — *uns deliciosos momentos de gozo esthetico deu-nos, etc.; a sua alma vibra e palpita, etc.*

Ainda tenho nõs meus papeis a noticia que elle deu de uma *plaquette* de versos do poeta Almeida Lopes. Começava assim portentosamente a noticia: *Eis aqui um caso singular, e que desnor-tea os principios*

geralmente admittidos em hereditariedade. O Sr. Almeida Lopes, filho de escriptores, nasceu tambem poeta e escriptor.

Não sabia Floc que, como grande numero de sabios, o povo sentencia: *filho de peixe sabe nadar; quem sae aos seus não degenera*, etc., etc.

Certamente, elle possuia, sobre herança psychologica, noções muito mais elegantes, branquinhas e limpinhas que as admittidas geralmente.

Com isso, e repetidos elogios aos outros jornalistas, adquiriu elle uma linda reputação e um grande prestigio de talento e de artista. Quando se suicidou (oh! como isto é triste de recordar!), quando se suicidou fui-lhe ver os livros; lá havia a «Grande Mar-nière», de Onhet; «Je suis belle», de Victorien de Haussay; uns volumes de Bourget, alguns de Maupassant, nenhum historiador, nenhum philosopho, nenhum estudo de critica litteraria, mas dez de aneddotas litterarias de autores de todos os tempos e de todos os paizes. A sua critica não obedecia a nenhum systema; não seguia escola alguma. As suas regras estheticas eram as suas relações com o autor, as recommendações recebidas, os titulos universitarios, o nascimento e a condição social. Elogiava nephilbatas, se eram de sua amisade, se eram *limpos*; detratava se não eram. Tinha, além, dois principios: a aristocracia da arte e a fulminação dos nullos. Entendia a seu modo aristocracia da arte, isto é, arte feita pelos aristocratas como elle, cujo pae tivera na primeira mocidade uma taverna em Barra Mansa.

Uma tarde, chegou á redacção com uma *plaquette*, impressa em Portugal, tendo por titulo — «Coração Magoadado». Encontrando Leporace, mostrou-lhe a brochura:

— Conheces?

— Não. Deixa-me vel-a.

Leporace quiz dar á sua physionomia flacida, aos musculos inexpressivos de sua face, uma expressão de finura, de atilamento particular de entendido. Leu o titulo, o nome do autor, folheou o livro e perguntou:

— Quem é Odalina?

— Uma poetisa portugueza de muito talento... Está de passagem e vem tratar de uma revista — «O Bandolim»... Os versos são lyricos, mas de uma pureza de sentimento e cheios de um accento pessoal de encantar... Eu não gosto da arte pessoal; a arte (tomou outra attitude) deve reflectir o mundo e o homem, e não a pessoa... Penso como Flaubert... Vê só este:

Meu coração por desgraça
 Entrou no meu pensamento
 E' como crime de faca
 Que nunca tem livramento.

— Notaste, acrescentou ao terminar a leitura, como está bem aproveitada a devida cadencia da trova popular para exprimir um alto conceito philosophico? Ella quer dizer que o julgamento, a lucidez de sua intelligencia é perturbada pelo Amôr, pelo sentimento... E como ella compara bem com um dizer popular, essa coisa alta e transcendente! O livro é notavel... Vê só esta quadrinha, que perfeição! Quanta emoção ha n'ella! Ouve:

Quem tem amores vae dormir
 Na porta do seu amôr
 Das pedras faz cabeceira
 Das estrellas cobertor.

Leporace pediu de novo o livro e pôz-se a folhear-o, lendo aqui e ali. Não teve uma palavra para dizer, descançou o livro e perguntou:

— Quem te apresentou?

— O Raul de Gusmão.
— O Raul! Com mulheres! E' casada?
— E', com o Visconde de Varennes, um fidalgo francez.

— Olá! Deve ser uma grande familia, nobreza antiga... O nome é historico, rematou Leporace satisfeito por ter encontrado uma observação a fazer.

— Não sei se é.

— O marido veio com ella?

— Não. Ella vive separada do marido...

— Ahn! Vaes escrever sobre ella, não?

— Naturalmente.

E os dous sorriam: Floc cheio de satisfação, recordando vagamente as mulheres já gozadas; Leporace com um evidente travo de amargura nos labios. O critico preparava-se para se pôr á mesa, quando entravam o dr. Leborant e Gregorovitch. O director vinha com a physionomia alegre. Floc e Leporace, este mais que aquelle, acolheram com as grandes mostras de respeito de sempre a presença do dr. Ricardo Loberant. O desbotado secretario deu-lhe conta das recommendações do dia seguinte. Tinha posto mais uma «brotoeja» contra o Prefeito e fizera escrever um solto combatendo o emprestimo da Prefeitura; e, se não sahira a *porrada* na gente do Paraná, fôra porque o vira a conversar com o Chavantes.

— Ora, *seu* Leporace! exclamou o director. Que é que tem isso! O jornal é uma cousa e eu sou outra...

— Pensei...

— Bem... Foi bom... Mas não me deixe de bater na Prefeitura... E' um escandalo! Uma vergonha! Só o Machado vae agnhar mil contos... Embirro com esse Machado... Um tratante que não me cumprimenta... Ainda se fosse outro, vá! E não é isso; é um nullo, um titulo desvantajoso, e que juro!... Não o

deixem, não o deixem; havemos de vêr se o «O Globo» vale ou não vale...

E o director rematou as suas recommendações com um baixo palavrão insultuoso. Floc e Leporace tinham ficado a ouvir o veneravel director; Gregorovich, sentado, fumando, estivera a ler o livro da poetisa portugueza.

— De quem é isto? perguntou.

— E' meu.

— E' o autor que pergunto?

— O autor! E' uma fidalga portugueza...

— Livral São versos de folhinha...

— De folhinha!

— De folhinha, sim. Este aqui. *Quem tem amores vae dormir* — é verso de hoje até!

— Não é possível! Não é possível! reclamou o critico litterario.

— Queres ver? Caminha, gritou o russo para mim, traze-me ahi o verso de hoje.

Procurei-o nos papeis de uma cesta e entreguei-o ao redactor polyglotta. O estrangeiro passou os olhos no papelucho e entregou-o ao Floc. O oraculo artistico do jornal correu rapidamente os versos e confessou: é verdade, accrescentando — que cynismo! mas sem convicção nem indignação.

O director tinha entrado para o gabinete seguido de Leporace e nenhum dos dois ouvira o breve dialogo trocado na sala entre os dois redactores. De repente, com aquella soffreguidão que lhe era peculiar e que elle punha nos actos, nos affectos e nos seus mediocres artigos, chegou-se á porta e perguntou ao Floc:

— Vi esse tal Andrade na rua... O jornaleco d'elle ainda continua a sahir?

— Penso que sim.

— Tens lido?

— A's vezes.

— Continua a insultar-me?

— Sempre. E accrescentou: o dr. se incommoda com o que diz esse vagabundo?

— Não... Ora! Mas... Deixa estar que elle ha de precisar de mim, ha de cahir em alguma; então veremos... Não se esqueçam d'elle, quando fôr occasião, casquem... Patife!!!

E passou por mim ainda com os dentes rilhados, cheio de raiva, desabotoando a barguilha, apressado para o mictorio, olhando para o lado em que eu estava, como querendo dar a entender que elle era forte, muito forte, e havia de esmagar um dia aquelle pigmeu que ousava por-se diante do seu caminho triumphante, atirando-lhe alfinetadas com uma comica violencia liliputiana. Havia de esmagal-o, inutilizal-o para sempre e fazel-o soffrer eternamente o grande desaforo de o não suppor Deus ño «Domingo», á elle, dr. Ricardo Leborant, director proprietario d'«O Globo», jornal independente, organ do povo e dos soffredores, pesadello dos Mnístros, espada de Damocles suspensa sobre a triade politica e administrativa da Republica. E elle tinha razão.

O terror que inspirava dentro do jornal, irradiava para fóra. Aquelle homem magrinho, fraco de corpo e de intelligencia, sem cultura, amedrontava a cidade e o paiz. Todos o cortejavam; os collegas que o combatiam, evitavam feril-o de frente. Um ou outro, n'um momento de desespero, tinha a coragem de enfrental-o; mas era n'um momento de desespero. Armados, cercados de todos os lados, tinham uma convulsão e atiravam-se, desferindo golpes para a esquerda e para a direita. Se porventura algum era mais certo e parecia esmagar o dr. Leborant, ficava-se pasmado que se desse o contrario. Longe de perder prestigio, esses ferimentos augmentavam-no. O povo não queria ver a sua ignorancia, a sua inhabilidade no escrever; era va-

lente e dizia a verdade. Houve uma polémica sobre um tratado de limites em que o seu desconhecimento da geographia patria ficou patente; o jornal foi mais lido. Em outra vez, deu como tendo feito offerecimentos a conventos do Brazil, reis da dynastia de Borgonha; recebeu uma ovação. De dia para dia, o jornal crescia em venda. Todos o liam; era o jornal dos desgostosos, dos pequenos empregados, dos *ratés* de todas as profissões e tambem dos ricos que não podem ganhar mais e dos dethronados das posições e das honras. Na venda avulsa, nenhum o excedia, nem o proprio «Correio da Manhã». Só o «Jornal do Brazil» se mantinha emparelhado com elle, e a rivalidade era accessa. Julgando que a prosperidade do outro era devida aos bonecos, Leborant punha na sua folha bonecos. Parecendo-lhe que isso não era o bastante, forjava annuncios, *calhãos*, calhãos de *precisa-se, de aluga-se*, de pequenos annuncios que, em abundancia, parecem ser o indice da prosperidade de um jornal. Mas não contente com esses expedientes todos, um dia o dr. Leborant, suppondo a popularidade do rival devida á falta de grammatica nos artigos, chegou á redacção furioso e, com o seu modo habitual, berrou:

— Não. quero mais grammatica, nem literatura aqui!... Nada! Nada! De lado essas porcarias todas... Coisa para o povo, é que eu quero!

O Lobo que estava na sala, teve em começo um grande olhar de tristeza com que envolveu toda a sala e a collecção de jornaes dependuradas pelas paredes. Depois de um momento de hesitação, tomou coragem e observou:

— Mas, doutor...

— Ora, Lobo! Já vem você...

— Mas, dr., a lingua é uma cousa sagrada. O culto da lingua é um pouco o culto da patria. Então

o sr. quer que o seu jornal contribua para corrupção d'este lindo idioma de Barros e Vieira...

— Qual Barros, qual Vieira! Isto é brasileiro — cousa muito diversa!

— Brasileiro, dr.! fallou mansamente o grammatico. Isto que se falla aqui não é lingua, não é nada: é um vasadouro de immundicies. Se frei Luiz de Souza resuscitasse, não reconheceria a sua bella lingua n'essa amalgama, n'essa mistura diabolica de gallicismos, africanismos, indianismos, anglicismos, cacophonias, cacothenias, hiatos, collisões... Um inferno! Ah, dr.! Não se esqueça d'isto: os romanos desapareceram, mas a sua lingua ainda é estudada...

Leborant não ficou abalado com a exhortação do grammatico. Manteve a ordem que lhe parecia necessaria para o augmento de alguns milheiros na venda de sua folha. Comquanto affectasse esse desprezo pela litteratura, elle não deixava de ter pretensões a intellectual. Com a prosperidade do jornal, a sua pretensão augmentava. Julgava-se um Patrocínio, um Ferreira de Araujo, um Bocayuva; embora não escrevesse com destaque, elle ia buscar o seu parentesco espiritual em Rochefort, Luiz Veuillot e outros nomes de jornalistas estrangeiros de que tinha informações.

O seu gabinete era alvo de uma peregrinação. Durante o dia e nas primeiras horas da noite, entrava toda a gente, militares, funcionarios, professores, medicos, geometras, philosophos. Uns vinham á cata de elogios, de gabos aos seu talentos e serviços. Grandes sabios e activos parlamentares eu vi escrevendo os seus proprios elogios. O *leader* do governo enviava notas, já redigidas, denunciando os conchavos politicos, as combinações, os jogos de interesses que se discutiam no recesso das ante-camaras ministeriaes. Foi sempre cousa que me surprehendeu ver que amigos, homens que se abraçavam effusivamente, com as maiores mos-

tras de amigos, vinham ao jornal denunciar-se uns aos outros. N'isso é que se alicerçou o «O Globo»; foi n'essa divisão infinitesimal de interesses, em uma forte diminuição de todos os laços moraes.

Cada qual mais queria, ninguem se queria sub-metter nem esperar; todos lutavam desesperadamente como se estivessem n'um naufragio. Nada de cerimonia, nada de piedade; era para a frente, para as posições rendosas e para os privilegios e concessões. Era um galope para a riqueza, em que se atropellava a todos, os amigos e inimigos, parentes e extranhos. A republica soltou de dentro das nossas almas toda uma grande pressão de appetites de luxo, de femeas, de brilho social. O nosso imperio decorativo tinha virtudes de torneira. O ensilhamento, com aquellas fortunas de mil e uma noites, deu-nos o gosto pelo esplendor, pelo milhão, pela elegancia, e nós atiramo-nos á industria das indemnisações. Depois, esgotado, vieram os arranjos, as gordas negociatas sob todos os disfarces, os desfalques, sobretudo a industria politica, a mais segura e a mais honesta. Sem a grande industria, sem a grande agricultura, com o grosso commercio nas mãos dos estrangeiros, cada um de nós, sentindo-se solicitado por um fervor de desejos caros e satisfações opulentas; começou a imaginar meios de fazer dinheiro á margem do codigo e a detestar os detentores do poder que tinham a feerica vara legal capaz de fornecel-o a rodo. D'ahi a receptividade do publico por aquella especie de jornal, com descomposturas diarias, pondo abaixo um grande por dia, abrindo caminho, dando esperanças diarias aos desejosos, aos descontentes, aos aborrecidos. E os outros jornaes? Nos outros o suborno era patente; a protecção ás negociatas da gente do governo não soffria ataques; não demoliam, conservavam, escoravam os que dominavam.

Leborant sabia o segredo do seu successo e ve-

lava pela folha com cuidados especiaes. Diariamente lhe vinham informações sobre a venda avulsa, sobre o movimento de annuncios. Se decahiam um pouco, logo procurava um escandalo, uma denuncia, um barulho, em falta um artigo violento fosse contra quem fosse. Havia na redacção farejadores de escandalos; um, para os publicos; outro, para os particulares. Este era o mais interessante. Tinha uma imaginação doentia; forjava coisas terriveis, inventava, creava crimes. Eram carceres privados, enterramentos clandestinos, incestos, tutores dolosos, etc.

Porém, os grandes escandalos, os grossos, as ladroeiras publicas eram denunciadas pelos proprios funcionarios desgostosos, por politicos pedinchões e não satisfeitos e pelos proprios subornados. A venda cresceu sempre, mas com todos esses alvitres houve um momento em que estacionou. Leborant encheu-se de temor, carregou mais nas descomposturas, começou a implicar com o chefe de policia; mas nem assim subia. Uma phrase equivoca que lhe sahira da penna, determinou o apparecimento de um *apedido* no «Jornal do Commercio», denunciando-o como inimigo da colonia portugueza, tanto assim que não tinha um portuguez na redacção da sua gazeta. Foi Ayres d'Avila quem leu o *apedido* e o mostrou ao director. Era habito de muitos annos, depois de ver o palpito do bicho correr os *apedidos* dos jornaes e lê-los attentamente. Ali, elle procurava caminho para as *cavações*, informava-se das reputações, preparava os *ganchos*. Leborant, quando teve noticia da mofina, considerou bem a falta e pediu o alvitre do Flóc.

— Conheces ahi algum capaz?

— Qual, não ha!

— Como poderiamos arranjar um portuguez para redactor, dize lá?

— Annos mais tarde, elle não teria difficuldades,

O chefe do gabinete da monarchia lusitana encarregar-se-ia de arranjar-lhe um. Floc lembrou um alvitre:

— Encommenda-se a Portugal.

E fui eu encarregado de levar o telegramma ao submarino. Não se tratava já de um redactor; pedia-se a uma livraria de Lisboa um redactor e dous correspondentes litterarios. Nos dias seguintes, era o seu primeiro cuidado indagar se já tinha chegado a resposta. Veiu afinal. Os correspondentes já estavam arranjados, mas não havia quem quizesse vir. Iam ver. Dias depois, ao abrir a correspondencia, Leporace deu com a resposta de Lisboa e correu alviçareiro para o director.

— Cá está elle... Está arranjado...

— O quê!

— O redactor portuguez.

— Ahn!

E leu o telegramma. Embarcaria no primeiro paquete. Era espirituoso, entendido em cousas portuguezas e queria setecentos mil reis fracos. Aceitou e n'esse sentido telegraphou para Lisboa. Quando voltei da *Western*, Pranzini, o gerente entrava na redacção. Chegava com o sobreceño carregado e os olhos fuzilando indignados. Pranzini era o cão de fila do director. O cofre e a economia do jornal estavam-lhe inteiramente entregues. Elle pagava e recebia, depositava dinheiro, arbitrava os preços da materia paga. Todos estavam sob a sua tyrannia; precisavam adular-o, amimal-o e elle abusava extraordinariamente dos grandes poderes de que estava investido. Ficava-lhe bem a função. Era cupido, methodico, organizado. No jornal, vivia sempre em mangas de camisa e a fieira dos botões do collete não se afastava nunca do eixo do peito. A physionomia era larga e dura; grandes faces asymetricas, queixo forte e quadrado, pouco distincto do maxillar, uma grande difficuldade em sorrir. Aquella intelligencia rudimentar de aldeão italiano tinha finuras de doutor

da escolástica. Certa vez furtou-se ao pagamento de uma comissão do annuncio de uma casa, sob o pretexto de que a autorização falava em «Bal Masqué» e o nome do estabelecimento era «Au Bal Masqué». Murmurava-se no jornal que elle desviava um pouco as rendas do director, mas dizia-se tambem que este não se importava porque assim indirectamente pagava as doces intimidades com a amante do italiano, uma pequena mulher, coberta de um pello fino e abundante, de carnes duras e grandes ancas provocadoras.

— Sabes, Pranzini? Temos o homem... De Lisboa chegou-nos a resposta.

— E' bom... Vocês sabem, sem portuguez, nada aqui vae adiante. Os patricios exigem, é justo: elles são talvez trezentos mil, pagam rios de dinheiro em annuncios — é justo!

Depois, tomando outro tom de voz falou assim ao director:

— Tenho aqui este vale para o Sr. visar.

— Eu já disse a você que não é preciso...

— Não é isso. E' que com este tive duvidas. Tratava-se de um artigo que não sahi assignado. Não parecia ser collaboração e eu...

— De quem é o vale?

— Do Veiga Filho.

— De que artigo?

— Um sobre o Teixeira de Almeida.

— Mas o que! exclamou o director. Pois se foi elle proprio que pediu para escrevel-o, dizendo-me que tinha sido collega de escola do homem, como é que cobra?... Emfim deixa-me vel-o.

O doutor considerou bem o pedaço de papel que tinha na mão, abanou a cabeça e veiu dizendo:

— Esses litteratos! Livra! Até as lagrimas cobram.

Floc nada dissera. Evitava fazer qualquer cri-

tica ao mestre incomparavel da nossa lingua. Logo, tendo deixado de escrever, metteu-se na palestra. Tinha a mania do *espírito*; mas não era propriamente espirito que elle queria ter. A sua mania era ser um ironista, á moda ingleza — um humorista. Fazia de si um retrato de Sterne, de Lamb, de Swift; embora não soubesse uma linha de inglez filiava a sua graça, o seu feitio de rir, no genio britannico. Não é que isso, de facto, houvesse n'elle; faltava-lhe na ironia o imprevisto, o alcance moral e philosophico, aquella meditação por absurdo que Taine achou em Swift. Elle tinha a graça facil dos pequenos autores e muitas das suas *boutades* tinham origem nos autores portuguezes e francezes de segunda ordem. Não era uma attitude de pensamento, um estado d'alma constante, um julgamento sobre os homens e as cousas; era uma profissão, um ganha pão, que elle executava automaticamente.

Adaptavel, sem rebeldia nem independencia de character, escrevia pilherias como um amanuense faz officios. Nunca tinha escripto obra de vulto, a não ser uma novella de *calembourgs*, em que explorava esse velho filão do roceiro acanhado. Combinava a sua virtuosidade pilherica com a de escriptor de estirados artigos sobre a crise do assucar e o policiamento da cidade. Era autor de varias revistas, com algumas pilherias novas e bem achadas. Sem ser moço, não era velho e ia fazendo a sua carreira nos jornaes com vagar e submissão, tendo já uma vaga reputação no seio do publico. Sabendo da vida de todo o mundo, inventando mesmo, quando os dados lhe faltavam, punha um grande esforço, uma nota de arte no cultivo da maledicencia, da *trepação*. Diariamente estudava assumptos, organizava pilherias e logo que o momento se offerencia desandava. Viera disposto n'esse dia. Ao entrar, enquanto Leporace conversava na sala, puzera-

se a escrever a sua celebrada secção — Pulgas e Brotoejas, — constantemente cheia de allusões, de ditinhos, de versos aos politicos, em que elle gastava uma certa dóse de talento, já um tanto diminuido pelo automatismo adquirido. Acabando de escrever a secção, procurou um rodeio e dirigiu a conversa para o ponto que queria:

— De facto este Rio tem cousas bem singulares. Vocês conhecem a viuva Paes Brandão?

Nem todos responderam, mas Leporace que se gabava de conhecér toda a cidade: — as ruas, beccos, segredos — accudiu promptamente:

— Ora! Como não? Uma loura de forte nariz romano, que anda sempre de preto? Ora, muito!

— E' essa mesma. Mora n'um palacio na rua das Laranjeiras...

— Mas que tem ella? indagou Floc.

— E' um caso curioso.

Leyva veiu interromper a conversa. Ha dias que elle estava no jornal, fazendo policia. Sabendo que eu me fizera continuo, começou a procurar-me e por ahi foi travando relações, *engrossando* habilmente, até que um dia entrou como *reporter* e começou a gritar comigo para que eu lhe trouxesse pennas. Losque continuou:

— Passa por seria, por ser um poço de virtudes. Ninguem se anima a requestal-a. O rosto é de Messalina, mas a alma é de Cornelia; entretanto...

Calou-se um pouco, suspendeu o auditorio, para obter o effeito desejado.

— Mas é curioso, continuou de vagar; é curioso que o seu egoismo familiar a tivesse levado tão longe.

— Porque? perguntou alguem.

— Porque!? Porque vive em mancebia com o sobrinho e com o filho.

Os circumstantes não se espantaram; sorriram incredulamente.

— Quall fez um.

— Engraçado, adduziu sem ir de encontro á vida geral, é que ella não póde supportar um só Hão de ser os dous, juntos, um do lado esquerdo e outro do lado direito... Disse-me a Fulgencia, que foi lá creada, que uma noite, não vindo um d'elles, ella a passou toda na sala de jantar chorando e arrancando os cabellos.

— E' um caso curioso de psychopathia sexual, falou Leborant. Em Londres, ha casas especiaes quasi em genero semelhante; mas ao contrario: é um homem para duas mulheres, parentas proximas, irmãs, mãe e filha; mas como este não conhecia... Mas quem te informou, Losque?

— Uma rapariga que é minha creada, e foi da viuva. E' maravilhoso! Que revulsão na alma! Que ímoeis íntimos a levaram a isso! Que forte ideal amoroso não encontrado foi esse que a obrigou a reunir dous rapazes para satisfazel-o!

Leporace então observou:

— Está sociedade está muito corrupta.

Gregorovitch entrava e ainda ouviu as palavras do secretario. Parou um instante, concertou os oculos de aros de ouro e exclamou com malicia.

— Oh! Catão!

— Não sou Catão, mas o que ha por ahi, pelos bastidores, causa espanto. A sociedade, ao que parece, despenha-se...

— Sempre houve quem dissesse isso, objectou o russo. Se examinares os satyricos de todos os tempos, elles te revelarão a sociedade sempre corrupta e desbôcada... Eu julgo a moral impossivel!

— Porque? *

— Porque é feita para diminuir em nós o que

é de mais estrutural e de mais profundo: a individualidade, o prazer e os instintos!

— Mas a sociedade precisa repousar n'ella; se não... disse Leporace.

— Não ha duvida!

— Então concordas que, em face da propria sociedade, nós nos devemos esforçar por justificar as regras moraes, manter sempre de pé os seus preceitos.

— Mas se tem sido inuteis todos os esforços das religiões — a força mais poderosa para uma modificação inteira do individuo, como havemos de conseguilo? Demais... demais, para que?

— Para eternidade da especie, falou com emphase Leporace.

— Valeria a pena? retrucou Gregorovitch.

E todos se calaram sem achar de prompto uma resposta cabal.

X

Os meus primeiros conhecimentos foram-se paulatinamente afastando de mim. Lage da Silva, desde que me vira de botas-rotas e esfomeado, passara a cumprimentar-me friamente, superiormente; Leyva tratava-me bem ainda, mas marcando distancia, desde que se fizera «reporter»; e o próprio Gregorovitch esquecera-se da maneira por que nos conhecemos e tratava-me com a brandura que usava com todos os inferiores. Só o Plinio de Andrade, mais por systema do que por quer outra cousa, continuava a dispensar-me a consideração de igual. Fôra elle que me explicara a questão do empréstimo da Prefeitura. Era verdade que o titulo não era bom; mas a questão não girava só em torno d'isto. O pomo de discordia residia na commissão do

lançamento do empréstimo, e sendo esta avultada, perto de mil e tantos contos, permittia gordas gorjetas aos jornalistas e politicos. O governo queria o corretor Machado, mas organisara-se um syndicato no intuito de obtel-o para o banqueiro Rodrigues. Ayres d'Avila, occultamente, fazia parte do partido de Rodrigues e o dr. Ricardo, que já de ha muito antipathizava com o Machado, foi por elle convencido que devia combater com todas as forças a operação projectada. Raro era o dia em que na folha não sahisses algumas linhas tendentes a contrariar o lançamento do grande empréstimo interno. Todos collaboraram para esse fim. Ayres d'Avila, sempre na estacada, desovava argumentos no seu artigo diario, escripto num estylo de exercicio de classe; Gregorovitch escrevia os soltos, *sueltos*, curtos, breves, mas fortes, cheios de injurias, atrevidos; Floç, nas suas esforçadas chronicas litterarias ou theatraes, dava alfinetadas; mas quem ia desmoralizando a operação era Losque com as quadrinhas satyricas das «Brotoejas». A cidade inteira sabia-as de cór e pelos bondes, nas confeitarias, nos cafés, nas escolas, nas espeluncas, nas casas mal afamadas, por qualquer cousa se dizia o estribilho com que ellas acabavam: — *e dinheiro não virá*. Se alguém perdia no jogo e era jocoso, ao apostar segunda vez, dizia: *e dinheiro não virá*. Em conversa de familia, se qualquer pessoa queria referir-se ao gorado casamento rico de um desembargador, que partira para Paris á caça de uma herdeira, commentava: elle vae e... *o dinheiro não virá*. Era bastante que em qualquer momento, fosse como fosse, se encaixasse o estribilho, para se obter um franco successo de riso.

A attitude do governo era curiosa. A's vezes ostentava-se forte, mandava dizer pelos seus jornalistas que o lançamento pelo corretor que entendesse. Os artigos rompiam, mostrando as vantagens da opera-

ção, mas Leborant, ou alguém por elle, atirava no dia seguinte um artigo descompassado, pejado de descompostura, e os adversarios esfriavam. Nelles não se raciocinava, não se ia adiante dos argumentos do adversario. Affirmava-se e insultava-se o contendor com alguns palavrões do calão do quinhentos ou do seiscentos. E essas palavras resuscitadas eram de effeito seguro. A multidão guardava-as de cór, procurando-lhes a significação e o sentido.

Nos *apedidos* do «Jornal do Commercio», era interessante o combate. Havia artigos sisudos, cheios de citações, Leon Say, Leroy-Beaulieu, versos de Racine; havia epigrammas, ligeiros e ageis que nem um torpedeiro, e venenosos que nem uma cascavel.

No meio de todo esse emmaranhado de coisas graves, desse espesso enleamento de paixões, de vellezas e ambições, lá apparecia, na famosa sub-divisão do velho quotidiano, uma clareira de desinteresse, de afastamento do mundo, das cousas vis e baixas. Era o «apedido» de um louco que parecia sorrir, na sua loucura, das nossas brutaes preoccupações de cada dia. Pairava alto, muito longe.

Era um antigo funcionario de Fazenda que se dizia grande poeta epico e se propunha a cantar a immortalidade de um sertanejo que havia guiado corajosamente não me recordo que viajante estrangeiro, lá nos igapós da Amazonia.

Assim começava ó poema:

*Rapaz! Tua glória quero cantar
Immortal como se fosse Waterelo
Neste poema que é todo meu
E que de ninguem fui copiar*

E seguia:

- 30 *por uma tinha*
 40 *por uma migalha*
 60 *por uma cara*
 70 *por um borralho*

Continuava assim dezasado, delirando; mas desdenhoso das contendas que se travavam bem junto delle.

Os velhos lembravam-se do «Mal das Vinhas», do «Príncipe Ubá» e outros dementados, constantes frequezas da secção paga do velho «*Jornal do Commercio*».

Os moços, como eu, tinham um grande prazer em ver como superiormente brilhava, com altas virtudes, a loucura, naquelle trevoso enquadramento de baixos interesses, de injurias e sordicia monetaria.

O mais notavel porém, eram as verrinas, allusões a vícios e máus habitos dos adversarios. Causava pasmo o esforço de imaginação despendido em se obter circumloquios bastante claros para serem comprehendidos no seu verdadeiro sentido por toda a gente e bastante velados para não haver impedimento na sua publicação. O director era alvejado com encarniçamento; não se incommodava, mas nos artigos fingia-se ferido, desgostoso. Ayres d'Avila recebia tambem um bom quinhão. Veiu até publicado um epitaphio seu, em verso, terrivelmente sarcastico, que era attribuido a um poeta famoso pela perfeição dos seus versos, pelo seu humor bohemio e veia satyrica. Dizia assim:

P. R.
 (A. A.)

Quando elle se viu sósinho
 Da cóva na escuridão,
 Surripiou de mansinho
 Os bordados do caixão.

Apezar d'isso tudo, ambos se mantinham inalteráveis e calmos. Aquillo era como um torneio de xadrez e elles o estavam jogando calmamente a fumar um charuto. A população é que vivia inquieta, ora, pendendo para aqui; ora, para ali, mas sempre tendo em vista a opinião d'«O Globo». Havia, porém, n'esse torneio um premio, um grande premio, de mil e tantos contos, dos quaes algumas dezenas iriam parar ás algibeiras de Ayres d'Avila e de Lage da Silva, cujas visitas ao ventruado jornalista eram assiduas e prolongadas. O antigo padeiro de Itaporanga continuava no seu semi-mysterio, mas sempre solícito, bem relacionado, procurando um e outro. Ultimamente explorava uma casa de divertimentos na Lapa, «Folies Bergéres», onde se dizia haver jogo occulto. Não havia estreia de uma cantora que não mandasse convites individuaes para o pessoal de todos os jornaes. Elle sabia os nomes de um por um, desde a redacção até á administração, passando pelas officinas, revisão e expedição.

A batalha, entretanto, não se decidia. As duas hostes em lucta não ganhavam terreno. Um dia era da gente do perfeito; outro dia, era dos adversarios. Vinha um assassinato, um incendio; havia uma tregua. O governo temia um fracasso e esperava. Surgiu, porém, a questão dos sapatos obrigatorios que precipitou os acontecimentos. E' de pouco tempo esse motim e muitos dos meus leitores ainda se recordam perfeitamente os acontecimentos. Escrevendo agora estas paginas, eu tenho escrupulos. Parece-me que vou accusar o dr. Leborant de ter movido essa sangrenta arruação e ser culpado da morte de algumas dezenas de cidadãos nas barricadas improvisadas. Não é o meu fito esse, pois estou bem certo de que elle, como ninguém, não é capaz de medir e avaliar as multiplas reacções que as nossas palavras podem operar nos ou-

tros quando transmittidas. Seria ignobil que eu o quizesse accusar. Elle foi, por assim dizer, um bem-feitor meu e todos menos eu podem fazel-o e tem esse direito que me escapa. Contudo, embora possam ser tomadas n'esse sentido, as minhas palavras dirão fielmente o que vi e o que senti.

Nascera a questão dos sapatos obrigatorios de um projecto do Conselho Municipal, que foi approved e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que sahisses á rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passavamos então por uma d'essas crises de elegancia, que, de quando em quando, nos visita. Estavamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; a visã de Buenos Ayres, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualal-a. Havia n'isso uma grande questão de amôr proprio nacional e um estulto desejo de não permittir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de criticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejavamos Buenos Ayres imbecilmente. Era como se um literatõ tivesse inveja dos carros e dos cavallo de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversarios das leis voluptuarias que appareceram pelo tempo: «A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Ayres era uma verdadeira capital européa. Como é que não tinhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hoteis de casaca, clubs de jogo?»

Lage da Silva, farejando o que continha de negociatas nos melhoramentos em projecto, propugnava-os com ardor. Nas suas conversas na redacção constantemente dizia:

— Que são dez ou vinte mil contos que o Estado gaste! Em menos de cinco annos, só com as visitas dos estrangeiros, esse capital é recuperado... Ha

cidade no mundo com tantas bellezas naturaes como esta? Quall.

Ayres d'Avila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a intelligencia nacional.

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoraveis á transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimonios respectivos com indemnizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Hausmanns pululavam. Projectavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palacios, e, como complemento, queriam tambem uma população tatita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irreprehensiveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azues, com o uniforme como se viam nos jornaes de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espirito que dictou o famoso projecto dos sapatos.

Ao ser apresentado, ninguem lhe deu importancia, mesmo porque dias antes houvera um crime sensacional que monopolizara a attenção da cidade.

Eu tinha feito o serviço de dia e ia sahir. Seriam cinco para as seis horas, quando o Lemos, reporter de policia, entrou offegante, e deslumbrado. Chegou e falou ao secretario, nervoso, de contentamento, com a palavra entrecortada, opprimido de felicidade:

— Um crime! Um grande crime!

— Onde?

— Em Santa Cruz, nos campos de S. Marcos... Uma mulher e um homem foram encontrados ortos a facadas e decapitados... Vestiam com luxo... Parecem pessoas de tratamento... Um mysterio!

Todos os circumstantes ouviram estuporados a breve narração do reporter. Depois de um curto si-

lencio, choveram as perguntas. Lemos nada sabia; recebera a noticia do Teixeira que estivera na policia, onde pouco mais sabiam. A noticia viera de Santa Cruz pelo telegrapho... Leporace, que raramente sahia de sua natureza de celenterio, poz-se nervoso e começou a dar as providencias, a explorar o caso:

— Já um boletim... Já!

E logo rapidamente, Adelermo começou a traçar em letras garrafaes a noticia que o Lemos trouxera. Eu fui pregal-o á porta; da sacada, Leporace avaliava o effeito. O primeiro curioso que passou, parou e quedou-se a ler. Vieram outros e em breve uma multidão estacionava em frente do jornal. A noticia espalhou-se rapidamente, com uma rapidez de telegrapho, com essa rapidez peculiar ás noticias sensacionais que nas grandes cidades, se transmittem de homem a homem quasi com a velocidade espantosa da electricidade. O dr. Leborant entrou, atravessando a custo por entre a multidão. Tinha ouvido qualquer cousa e correu ao jornal. Que houve? perguntou. Contaram-lhe. A sua phisionomia abriu-se risonha, sorridente, e feliz. Ia vender mais mil ou dous mil exemplares. Chegou á janella e viu a multidão crescer sempre. Veiu até á sala da redacção e perguntou com imperio:

— Quem está fazendo a *cabeça*?

Chama-se *cabeça* nos jornaes ás considerações que precedem uma noticia. Feita com a moral de Simão de Nantua e a leitura dos folhetins policiaes, a *cabeça* é a pedra de toque da intelligencia dos pequenos reporters e dos redactores anonymos.

Para dar um exemplo, vou reproduzir aqui trechos de uma *cabeça*.

Tratava-se de uma briga entre amantes e o reporter, após intitular a noticia — O ETERNO CIU-

ME. — começou a philosophar, com muita logica e inedita psychologia:

«O ciuime, esse sentimento damninho que embrutece a imaginação humana e a arrasta á concepção de crimes, cada qual mais tragico e horripilante, não cessa de produzir seus effeitos maleficos.»

Continuava, após um periodo intermediario:

«No caso de que nos vamos occupar, trata-se da briga entre dois amantes, motivada de uma parte pelo ciuime e da outra pela repulsa natural de quem se sente offendido e maltratado.»

São assim, com poucas variantes, as *cabeças*.

No «Despacho» havia um especialista n'esse genero 'jornalístico que era tido por genio.

— Não ha como o Mattoso! Que facilidade! Que rapidez! Escreve trinta tiras em uma hora! diziam os collegas.

Isto lhe valia uma fama e um conceito, entre os seus, superiores aos que o conselheiro Ruy Barbosa goza em todo o Brazil. E' preciso saber-se que as tiras no jornal são menores e levam menos palavras que as redigidas por qualquer pessoa não affeita ao officio. São escriptas com grandes intervallos entre as linhas e grandes espaços entre as palavras, para facilitar a composição.

Demais eram as banalidades, os conceitos familiarés sobre o crime e os criminosos que elle desenvolvia com a convicção de quem estivesse fazendo um estudo profundamente psychologico e social. Oh! A vaidade dos desconhecidos da imprensa é immensa! Todos elles se julgam com funcções excepçoes, proprietarios da arte de escrever, acima de todò o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma noticia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redacção official. Quasi todos os

reporters e burocratas dos jornaes desprezam a litteratura e os litteratos. Não os grandes nomes victoriosos que elles veneram e cumulam de elogios; mas os pequenos, os que principiam. Extranha ignorancia de quem, por intermedio dos artigos dos que sabem, copia os processos dos romancistas, as phrâses dos poetas e deturpa os conceitos dos historiadores, imitando-lhes o estylo com uma habilidade simiesca...

Leporace, apanhado em falta, respondeu timidamente, ao director:

— Ninguém.

— Pois já deviam ter pensado n'isso... Vá, seu Adelermo, faça a cabeça; e o sr., seu Lemos, já para Santa Cruz!

— Só ha trem d'aqui a uma hora e com certeza não apanho o que volta de lá ás sete e quarenta e cinco...

— Não faz mal. Vá, durma lá, telegraphe... Passe na caixa e diga ao Pranzini que lhe dê duzentos mil réis...

O director retirou-se e Adelermo começou a escrever.

— Qual será o titulo? fez elle suspendendo a penna.

— Crime no Pampa, gritou o Oliveira.

Oliveira, Carlos Oliveira, era da Bahia. Maneiroso, measureiro, captara a amizade e o compadresco do director, de Ayres d'Avila e Losque; fizera-se grande influencia no jornal, no qual já collocara dous redactores, Adelermo e Losque, e muitos *reporters*. Ganhava como redactor importante; mas o seu serviço era trazer noticias da Estrada de Ferro e dos Telegraphos. Na redacção, limitava-se a escrever: *Foram concedidos passes aos telegraphistas F. e S.; a linha de Vista Alegre, 9.º districto, está interrompida, devido, etc.*; na rua, porém, entre os auxiliares de escripta e

os directores, fazia constar que escrevia artigos e chronicas. Vendia a sua pomada.

Adelermo Caxias não comprehendeu bem o titulo de Oliveira e perguntou:

— Porquê Pampa?

— Pampa, não é campo?

Caxias, apezar da justificativa, não o quiz e perguntou a outro:

— Qual deve ser, Floc?

— «Bucolismo e tragedia»?

— Qual! E' erudito...

— «Ciume e crime».

— Porquê ciume?

Porfim, chegou Leporace e lembrou um titulo rocambolesco de romance popular: *Descampado da morte*. Bôa ideia! — gritaram todos; e Adelermo poz-se a escrever.

A calma voltou um instante á redacção, mas foi logo interrompida pelo tilintar do telephone. Lemos, que estava na policia, mandava dizer que se tinha encontrado um chapéu de palha, quasi junto aos cadaveres. A multidão, em frente ao jornal augmentava sempre. Muitos subiam pedindo informações. A curiosidade era geral; o crime impressionara a população. Por essa extranha e mysteriosa faculdade das multidões, aquelle caso, vulgar um mez antes ou depois, n'aquelle dia tomou a proporção de um acontecimento, de um facto pouco commum. Para attender á impaciencia da massa, constantemente se telephonava para a policia. A resposta era a mesma; não havia noticias. O director, por detraz da veneziana semi-cerrada, espreitava o povilêu em baixo. Os reporters chegaram trazendo para a redacção a anciedade das ruas, a emoção dos cafés — toda a imprevisita vibração da cidade em face d'aquelle facto de policia quasi banal.

Cá do outro lado da sala de redacção, sentia-

mos que o *doutor* ouvia todas aquellas noticias com interesse. Havia estalidos na cadeira, tenues ruidos de movimentos de attenção. Houve um momento em que não se conteve. Veiu á sala geral, inquirindo este, perguntando áquelle; e certo da super-excitação do publico, da extensão que a noticia tinha alcançado na cidade, da intensa curiosidade que dominava toda a gente e ainda mais que o «Jornal do Brazil» punha, de quando em quando, um boletim — determinou que o Adelermo inventasse qualquer cousa, indicios, depoimentos, quaesquer informações. E fez isso em altas vozes, congestionado, meio zangado e meio contente, expectorando injurias contra o rival.

Adelermo era a imaginação do jornal. Nascera no Maranhão e escrevia regularmente. Apesar de nunca se ter feito notar por uma associação mais original de ideias, no jornal era imaginoso porque nascera no Norte e tinha uma boa dóse de sangue negro nas veias. As generalisações dos jornaes são infalliveis...

Mas... Adelermo era a imaginação do jornal, e em seus hombros recaia todo o peso da necessidade de informações immediatas ao publico quando os documentos faltavam ou eram omissos.

Se havia um attentado anarchista ou um terramoto na Europa e o telegramma era por demais conciso, Adelermo tinha o encargo de desenvolvê-lo, de explicitá-lo, de reconstruir a scena para o gosto publico. A's vezes, pediam-se-lhe mais detalhes; o director queria a descripção do *compôt*, a scena da *sorte*, á lobreza luz de um fumarento lampeão, em uma mansarda. Adelermo era obediente e fazia. Intimamente desgostava-se com aquelle papel de mentiroso; mas temia ser despedido, posto na rua. Era esse o grande terror de todos. Não eram os ordenados, não era a miseria que os apavorava; temiam não encontrar outro lugar nos jornaes e perderem por isso a impor-

tancia, a honra suprema de pertencer ao jornalismo. Elles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho.

Nas invenções de Adelermo, quasi sempre se passavam cousas fantasticas e curiosas.

Havia então complicações de topographia, ruas mettidas umas nas outras; mas o terramoto que a potente imaginação de Adelermo levava ás grandes cidades da Europa, passava completamente desapercibido ao publico e ninguem, dias depois, se lembrava de cotejar as noticias dadas pelo «O Globo» com as que vinham nos jornaes da Europa.

Caxias não se deteve; poz-se logo a escrever. Elle não conhecia a região; nunca passara de S. Francisco Xavier e fôra uma vez acompanhar um figurão argentino á Bello Horizonte em serviço de reportagem, n'um rapido. Para os lados de Santa Cruz; nunca tinha ido, não sabia cousa alguma da situação da localidade, da sua posição relativa ás outras estações. Tendo tido noticia que os empregados da Estrada não se lembravam de ter visto desembarcar na estação um par nas condições do assassinado, concluiu que o casal tinha ido a-pé de Cascadura — estação que lhe parecia ser muito proxima do tradicional curato.

O boletim ia ser posto, quando alguem mais bem informado objectou:

— Cascadura! Não é possível, Adelermo!? Fica leguas distante de Santa Cruz.

— Então de onde podia ser? Elles foram a pé da estação mais proxima... Isso não ha duvida! Qual a estação mais proxima que conheces?

O outro fez um grande esforço de memoria, esteve uns instantes a pensar, e disse por fim:

— Ha Realengo... Depois... Depois... Campo Grande! Devia ser Campo Grande!

Immediatamente, sem que de todo ficasse apa-

gada a palavra. Cascadura, Caxias emendou e o novo boletim foi pregado.

A rua encheu-se ainda mais. Havia gente de toda a sorte: velhos, moços, burguezes, operarios, senhoras — gente de todas as idades e condições. Os que ficavam mais distante, no passeio fronteiro, para vêr melhor, punham-se nos bicos dos pés, cheios de anciedade. Quando subi a escada, voltei-me um instante e vi aquella centena de pessoas, com as palpebras arregaladas, o pescoço erguido, esforçando-se por ler aquelle carapetão formidavel, forpicado n'aquella fabrica de carapetões que se chama o jornal.

A redacção recebera uma visita. Era a viscondessa de Varennes, que conversava com Floc. Os dois estavam no periodo de namoro; ella, retirando todo o proveito, em notícias, pessimos sonetos publicados na primeira pagina; elle, oleoso, gastando os seus melhores sorrisos e alguns mil réis de sua algibeira economica.

— Oh! Senhor dr. Couto! dizia ella. Que coisa! Como isto está! Que malvadez! Eu vinha rindo, quando li... Fiquei apavorada!... Não sei. Meu Deus! Quando vejo isso até tenho medo de viver...

Leporace passou e deitou sobre a poetisa um olhar cheio de desejos. Os enormes olhos de boi da poetisa voltaram um instante para o secretario que se desfez em cortezias. A viscondessa estava em relações com todos os redactores e reporters e todos elles esperavam cedo ou tarde tel-a uma noite nos braços.

Com a sua finura de profissional do Amôr, ella bem percebia a fome que todos aquelles homens tinham do seu corpo fatigado. Não desanimava a nenhum, recebia homenagens, sorria com o seu longo sorriso, contraindo as grandes maçãs carminadas, abanava-se um instante com o leque, ageitava a saia de sêda de modo a lhe desenhar melhor as pernas e pedia favores: uma

referencia, uma notícia, a publicação de um soneto, de um conto. Assim se valorizava. Os únicos da gazeta que não a queriam absolutamente, eram o director e Gregorovitch. Este quando a ouviu tão temerosa, prorompeu bruscamente com a sua voz metálica:

— Ora, minha senhora! Nós todos somos criminosos... A senhora também o é!

— Eu, doutor!

— Sim! A senhora para viver tirou a vida de muita gente; para ter esse vestido, esses laçarotes, tira a de muitos outros... A nossa vida só se desenvolve com grandes violências sobre as coisas, sobre os animaes e sobre os semelhantes...

— Mas d'essas não o sabemos!

— Talvez não seja tanto assim...

A viscondessa estendeu a mão ao viçoso Floco, abarcou com o olhar a sala toda e sahio arrastando o corpo pequeno e pesado.

Caxias continuava no seu serviço dos boletins periódicos. Alguns jornaes da tarde deram uma segunda edição. «O Globo», porém, com os seus cartazes continuos, distrahia os compradores. Nos portaes, já não havia mais logar. Os boletins iam de cima a baixo; alguns já cobriam os outros. O povo continuava agglomerado. Escurecia. Houve alguém que accendeu um phosphoro para lêr melhor. O dr. Ricardo, que viera de jantar, vendo o gesto do popular, mandou que o fóco eléctrico da fachada fosse acceso.

Nós outros jornaes, que tinham também afixado boletins, logo o imitaram; e a rua do Ouvidor, áquella hora da tarde excepcionalmente transitada e illuminada, surgiu como n'um dia de festa. Todô o jornal convergia para o crime. Mandou-se retirar uma grande parte da matéria, sahir o lindo artigo da festejada collaboradora Pilar de Giralda, uma velha senhora das salas burguezas de Botafogo e Petropolis, que dera em

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO

escrever, depois de avó, uns contos collegialmente eróticos ou uns artigos com pretensões a propagar a emancipação da mulher e o divorcio. Saiu tambem o folhetim do joven Deodoro Ramalho, um discipulo de Veiga Filho, autor de uns contos pastosos, pejados de phrases redondas, redondinhas, que escapavam quasi diariamente pelas columnas d'«O Globo», com a mólle resistencia da massa de tinta que sahe de uma bisnaga.

O seu folhetim tinha sempre pretensão á graça, á cousa ligeira e leve, sem deixar de ser intellectual. Além do folhetim semanal, escrevia tambem um conto aos domingos, historias juvenis de namoros burguezes e casamentos de bachareis e doutores. Era de uma fecundidade de parvo. Não havia tolice que lhe passasse pela cabeça, que não escrevesse. Mas tinha admiradores: sua noiva, os futuros sogros, alguns collegas de escola e meia duzia de meninas da rua dos Voluntarios.

O dr. Ricardo respeitava a sua literatura por sabel-o com distincção em Materia Medica, no que elle encontrava grande competencia para o valor litterario de producções do rapaz. Demais, as suas relações, o rigor collegial da sua vida, os seus olhos azues, tinham-lhe valido a respeitosa consideração de todos os reporters, redactores e collaboradores.

Raul Gusmão, com aquella covardia moral que o caracterisava, logo que o soube tão relacionado nas Larangeiras, com influencia entre os collegas, falando familiarmente com deputados e senadores — gente influente para a gloria e tudo o mais — começou a elogiá-lo pelo seu jornal. O «Binoculo» não cessava de accusar-lhe a passagem pela rua do Ouvidor: O doutor Deodoro Ramalho, o fino *conteur* do «O Globo». E elle, por sua vez, echoava no jornal de Leborant: «*o nosso amigo Florencio Silva, cujo temperamento tu-multuario foi um bello espectaculo para a geração actual, acaba, etc., etc.*»

E assim se foi fazendo uma celebridade, homem notavel, admirado nos salões e houve (elle disse uma vez na redacção) uma moça que o achou de qualquer modo parecido com o Pierre Veber, no estylo e na physionomia. Elle perguntou então ao Floc quem era esse tal Veber.

— Oh! Não conheces?! E' uma celebridade ultra-parisiense, *parisianissima*... Só lá póde haver d'estas... Nada de calhamaços, de cousas pantafaçadas e solemnes; ligeirizas, *gauloiseries*, um quasi tudo e um quasi nada, como disse alguém... E' dos cinco reis do espirito francez actual: elle, o Tristan Bernard, o Courteline, o Alphonse Allais... Nunca leste — *Vous m'en direz tant* — d'elle e do Tristan Bernard?

— Nunca.

— Pois é preciso... vocês levam-se voltados para o calhamaço, têm a mania livresca, e não conhecem a verdadeira literatura franceza... E' o papá Flaubert e o vovo Hugo...

E, durante todo o seu curso, o joven Deodoro Ramalho desovou contos, artigos, folhetins e tirou dezenas de distincções na Faculdade de Medicina. Na escola, as distincções vinham-lhe do seu prestigio de jornalista; no jornal, a sua superioridade partia das suas distincções na escola.

No dia do crime, porém, o director não poupou o seu folhetim engraçadissimo. Ordenou que não sahisse, pois queria pagina e meia sobre o crime; que se inventasse, que se dessem os menores pormenores, as suspeitas mais desarrazoadas; que se fizesse o historico de Santa Cruz e da E. de Ferro Central do Brazil. Fosse com que fosse, elle queria pagina e meia e vinte e cinco mil exemplares para a venda avulsa.

Dividido o serviço, cada um dos reporters e redactores ficou encarregado de uma parte das muitas em que se dividiu a noticia do crime sensacional. A pri-

meira pagina, a pagina sagrada dos conselhos sidosos do austero Ayres d'Avila, da alta literatura do Veiga Filho, do ciclar amoroso da velha Pilar, foi literalmente cheia com o historico de Santa Cruz (columna e meia), a *cabeça* de Caxias, os retratos de D. João VI, da rainha D. Carlota, de D. Pedro I, de José Bonifacio, do Visconde de Cayrú. Os cadaveres, além das suas photographias, vinham descriptos com muita minucia e larga fantasia e não se esqueceram de informar tambem que junto a elles havia fragmentos de *grés*, granito em decomposição, mas, *grés*, segundo a petrographia jornalística.

Os dictionarios, os manuaes, os indicadores de toda a sorte, andavam de mão em mão. A redacção trabalhava soffregamente, quando veiu interrompel-a no afan o joven dr. Franco de Andrade, grande premio da Faculdade da Bahia, literato, alienista e clinico ao mesmo tempo. Viera na comitiva de um ministro bahiano e já possuia quatro empregos. Além de lente substituto, era medico do Hospicio, legista da Policia e sub-director da Saude Publica. Escrevera um volume de poesias mysticas e espalhava nas aulas o mais vulgar materialismo. Era idealista em verso; em prosa, positivista. Com isso, era dono de umas maneiras delicadas, de uma amabilidade que captivava as redacções em peso. Penetrou na sala sorridente, dizendo uma pilheria a um, fazendo uma pergunta a outro. Alguem perguntou a sua valiosa opiniao sobre o crime; o extraordinario sabio não se fez de rogado:

— Penso que o exame medico-legal não se deve limitar a uma simples autopsia... Convinha que se o fizesse mais amplo... A exemplo do que se procede na India, onde a confusão de raças é immensa e, portanto, a raça é um bom dado para identificar, seria bom que se fizessem mensurações anthropologicas...

— Sem a cabeça, é possível doutor? perguntou Losque.

— Perfeitamente.

E o grande premio da Bahia, alternativamente Maeterlinck, Charcot e Legrand du Saule, tomou uns ares doutoraes como convinha, e continuou:

— O professor Broca indicava trinta e quatro mensurações de primeira ordem; Topinard era de opinião que havia dezoito necessarias e quinze facultativas; mas Quételet, na sua *Anthropométrie*, exige quarenta e duas.

A redacção estava embasbacada. Todos deixaram de escrever para ouvir o sabio moço. O joven medalhado passou um instante pela sala o seu immenso olhar cheio de appetites e ambições, e emendou:

— D'essas, muitas são tomadas nos membros e no tronco: o talhe, a bacia, o femur, etc., etc. Demais, ainda se tem outros dados auxiliares: a secção dos cabellos, o exame microscopico do pigmento... Um operador habil pode com taes meios indicar perfeitamente a raça e a sub-raça do individuo...

No dia seguinte, o jornal desenvolvia os conselhos do joven e notavel dr. Franco de Andrade; e a medida era tão sabia que, no mesm odia, o chefe de policia escalava-o para fazer o serviço medico-legal, exigindo-lhe o estudo anthropologico dos cadaveres.

Não lhe foi difficil fazel-o. Vinte e quatro horas depois o laudo estava publicado e o «O Globo» desfazia-se em elogios ao notavel trabalho scientifico do dr. Franco de Andrade, *um moço, d'esta nossa forte geração moderna, que sabe alhar o saber e a simplicidade.*

E como se o valente orgão tivesse falado no interior de uma abobada, todos os outros jornaes, neutros, governistas, opposicionistas, lhe repetiram as phrases e os gabos ao talento do dr. Franco.

O crime ficou sendo a grande preocupação pu-

blica durante os sete dias que se seguiram. O laudo do dr. Franco concluía que o homem era mulato, muito adiantado é verdade, um quarterão, mas ainda com grandes signaes anthropologicos da raça negra. As testemunhas, porém, entre ellas o chefe e os conductores dos trens, não se lembravam de ter transportado nenhum par em taes condições. Só um dentista, politico na localidade, depuzera ter cruzado na estrada com um casal nas condições indicadas pelo laudo do dr. Franco. As indagações continuavam e o crime sacudia a cidade. A sua brutalidade e o seu mysterio como que continham ameaças a todos; além do que estava envolvido n'uma atmosphera de amôr, de amôr, prohibido, embalsamada de luxo, de elegancia e mocidade, que abalava e preocupava todas as imaginações.

Durante a semana o dr. Ricardo não se esqueceu um só dia de indagar como ia a venda. A tensão da opinião era grande e augmentava. Não se falava em outra cousa nas casas, nos bondes, nas repartições. Os jornaes super-excitavam-na mais, inventando detalhes, fazendo supposições, indicando pistas. Adelermo não cessava de imaginar: foi o rei do jornal n'aquelles dias, com grande inveja de Floc.

— Oh! Como você tem imaginação! dizia elle com amargura.

A's vezes, fóra de todo o proposito, fingia desdenhar a faculdade primordial de Adelermo, taxando-a de qualidade inferior. Não bastando este, veio tambem com o seu burilado Veiga Filho, que ganhou algumas centenas de mil reis...

Passaram oito dias e nada se adiantava. Um acaso permittiu a identificação dos assassinados. Um dono de hotel, tendo um dos seus quartos occupados por um casal que não apparecia, desconfiou que tivesse sido elle o assassinado. Foi á policia, ás autoridades arrombaram as portas e as malas. N'uma d'ellas, encontra-

ram uma carteira de identificação, passada pela policia de Buenos Ayres. Um sargento teve a ideia de confrontar a ficha dactiloscopica com a do cadaver do homem; e descobriu-se que o morto era o cidadão italiano Paschoal Martinelli, estabelecido com fabrica de massas na capital portenha, que partira para a Europa com a mulher, tencionando demorar-se uns dias no Rio de Janeiro. Um dia antes d'essa elucidação, o dr. Franco de Andrade era nomeado director do serviço medico-legal da policia da cidade do Rio de Janeiro.

XI

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de commodos na altura do Rio Comprido. Era longe; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa n'uma eminencia, a cavalleiro da rua Malvino Reis e, actualmente, os dous andares do antigo palacete que ella fôra, estavam divididos em duas ou tres dezenas de quartos, onde moravam mais de cincoenta pessoas.

O jardim, de que ainda restavam alguns grammados amarellecidos, servia de córadouro. Da chacara toda, só ficaram as altas arvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem sympathy, sombra ás lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que alli tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o rythmo do cantô de saudades que a velha casa suspirava; e era de ver, pelo estio, a resignação de uma velha e nodosa mangueira, furiosamente atacada pela variegada pequenada a disputar-lhe os grandes frutos, que alguns annos atraz bastavam de sobra para os antigos proprietarios.

Houve noites em que como que ouvi aquellas paredes falarem, recordando o fausto socegado que tinham presenciado, os cuidados que tinham merecido e os qua-

dtos e retratos veneraveis que tinham supportado por tantos annos. Lembrar-se-iam certamente dos lindos dias de festa, dos casamentos, dos anniversarios, dos baptisados, em que pares bem postos dansavam entre ellas os lanceiros e uma veloz valsa á franceza.

A' noite, quando entravam aquelles cocheiros de grandes pés, aquelles carregadores suados, o soalho gemia, gemia particularmente, dolorosamente, angustiadamente... Que saudades não havia n'esses gemidos dos breves pés das meninas quebradiças que o tinham palmilhado tanto tempo!

A casa pertencera talvez a um official de marinha, um chefe de esquadra. Havia ainda no tecto do salão principal um Neptuno com todos os attributos. O salão estava dividido ao meio por um tabique; os cavallos marinhos e uma parte da concha ficaram de um lado e o Deus do outro, com um pedaço do tridente, cercado de tritões e nereidas.

N'um commodo (em alguns) moravam ás vezes familias inteiras e eu tive alli occasião de observar de que maneira forte a miseria prende solidamente os homens.

De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por ahí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela côr; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mutuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse uma desintelligencia para que os tratamentos despreziveis estalasses de parte a parte.

Certo, quando assistia a taes scenas, não ficava contente, mas tambem não sabia reflectir por aquelle tempo, que, seja entre que homens fôr, desde que surjam desintelligencias, logo rompem os tratamentos despreziveis mais á mão.

Vi ahí, na casa do Rio Comprido, os mais dispara-

tados casos; e, pela manhã, aos domingos, quando me debruçava á janella, olhava brincando no terreiro uma pequenada em que se misturava o sangue de muitas partes do mundo. Em nenhum d'elles havia o garrullo e a innocência dos meninos ricos; quando não eram humildes e tristes, eram irritaveis. Facilmente surgia uma rixa entre elles e o chôro passava do contendor vencido a ser geral entre todos, com os castigos infringidos pelas mães aos culpados e não culpados.

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a molestia e contra a civilisação; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e difficuldades. Não sei que extranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miseravel. Vivia na casa uma rapariga preta que supportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miseravel prostituição; entretanto á menor dôr de dentes chorava, temendo que a morte estivesse proxima.

Quando reflectia assim, era tarde e, da janella do meu quarto, eu via bem a cortina de montanhas desde St. Thereza ao Andarahy. O sol descambara de todo e a garganta da Tijuca estava cheia de nuvens douradas. Um pedaço do céo era violeta, um outro azul e havia mesmo uma parte em que o matiz era puramente verde.

Olhei aquellas encostas cobertas de arvores, de florestas que quasi desciam por ellas abaixo até ás ruas da cidade cortadas de bondes electricos. Quantas fórmas já as cobriram — quantas vidas já as não tinham pisado! Depois que a civilisação viera, quantas vezes ellas não tinham sido despovoadas, e perdido o seu tapete de verdura! E pelos seculos, apesar dos cataclysmos, das evoluções geologicas, da acção do

homem, nem uma só vez aquella terra deixara de fazer surgir plenamente, nas ramagens das arvores e nas plumagens do passaredo, a energia vital que estava nas suas entranhas!

A minha vida passava-se um pouco á parte n'aquelle grande casarão. Cumprimentava a todos, mas pouco falava. Só a minha lavadeira mantinha relações commigo, e era por ella que eu sabia da vida d'aquelle vasto cortiço.

Era uma velha mulata, já muito feia e de physionomia desfeita. De genio folgazão e communicativo, gostava de conversar, considerando com scepticismo especial as cousas da vida, as suas variações.

— Já fôra gente, dizia-me, hoje...

Assim é a vida continuava, a noite vem depois do dia, isto para uns como eu. Para outros, é o contrario, o dia vem depois da noite. Não viu a Maria, exemplificava, em sua voz preguiçosa enquanto eu conferia a roupa. Não conheceu?

Respondia-lhe que não; ella então explicava... —

— ... aquella rapariga clara, casada, que morava n'um quarto lá em baixo.

Eu insistia que não, e a velha mulher retorquia.

— Não vem ao caso — e continuava: — O marido dera em beber, e em maltratal-a. Uma noite, voltando muito bebedo da rua, espancou-a. Foi para a Misericordia e lá encontrou alguém, um doutor, não sei, que se enfeitou por ella... Hoje, menino, anda n'um estadão! Chi! E' assim: para uns, a noite vem depois do dia; para outros é o contrario...

E por fim accrescentava com desgosto:

— Eu tambem tive homem por mim; mas não soube aproveitar... Quando elle morreu, as filhas quasi me tiraram a roupa do corpo... Ah! Está vida!... Estão certos, os collarinhos?

Por ahí, calava-se e ficava olhando o chão, absorta em recordações e em saudades. Eu então indagava:

— Não teve filhos, D. Felismina?

— Tive dous: uma moça e um rapaz.

— Estão bem, não?

— Um, o rapaz, morreu; e a moça...

— Está casada?

— Não... Vive com um homem... Deu muitas cabeçadas... Não foi ella... O senhor sabe: nós, quando não temos ninguém, é isso...

E levantou-se, sacudindo a cabeça como querendo enxotar a magoa que a queria invadir...

Levantara-me muito cedo n'aquella manhã para ir ao jornal. Não me competia o serviço diurno n'aquelle dia; mas o redactor portuguez chegava ás dez horas eu recebera ordem para ir ao seu encontro no caes. No jornal, o director é uma especie de senhor feudal a quem todos prestam vassallagem e juramento de inteira dependencia: são seus homens. As suas festas, são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus odios são odios de suzerano, que devem ser compartilhados por todos os vassallos, villões ou não. A recepção do redactor portuguez era uma festa sua e elle exigia esse apparatus para que tivesse uma repercussão favoravel na grande colonia portugueza. Todos tinham que ir. E se bem que simples continuo, o director exigia terminantemente a minha presença, para mostrar aos outros periodicos rivaes que no seu não havia distincções vãs, *era uma tenda de trabalho onde mourêjavam irmãos.*

E' outra mentira dos jornaes que logo senti.

Não ha repartição, casa de negocio em que a hierarchia seja mais ferozmente tyrannica. O redactor despreza o reporter; o reporter, o revisor; este por sua vez, o typographo, o impressor, os caixeiros do balcão. A separação é a mais nitida possivel e o sentimento de superioridade, de uns para os outros, é palpavel, perfeitamente palpavel. O director é um deus inacessivel, caprichoso, especie de Tupan ou de Jupiter

Tonante, cujo menor gesto faz todo o jornal tremer. Para sciencia dos povos, porém, aquillo é *uma tenda de trabalho onde mourejam irmãos*; e por ser assim eu tive que me levantar cedo e pedir na vespera um par de punhos a D. Felismina. Ella entregou-m'os, indagando:

— Diga-me uma cousa, *seu* Caminha: ha ahi uma lei que obriga todos a andarem calçados?

— Ha uma postura municipal.

— Mas é verdade isso mesmo? Pois então todos, todos?

— Na rua, é. Porque se assustá?

— Dizem que as folhas falam n'isso e que até, contam ahi, que quem tiver pé grande tem que soffrer uma operação para diminuir os pés, como os chinas... E' verdade?

— Qual! E' ballela! Quem lhe contou?

Ao sahir, ainda ouvi que, pelos corredores, se discutia o assumpto com calôr, girando sempre a conversa em torno d'aquella operação chinesa que o governo queria impôr á população.

No escriptorio já encontrei Floc, perfeitamente escanhoadado, a preparar a noticia da chegada do novo redactor. Lia um periodo alto e ouvi que descrevia o estado do mar e a agitação das pequenas embarcações em torno do transatlantico. Nos jornaes, os artigos impressionistas são sempre feitos antes das impressões.

Premeditou-se certa occasião uma corrida de automoveis que foi mais tarde prohibida pela policia, por ter de effectuar-se nas ruas centraes.

O filho de Ayres d'Avila, que fazia por esse tempo um curso manhoso de direito e escrevia no grande jornal umas sensaborias, compôz com antecedencia uma descripção eloquente da corrida. Veiu a prohibição,

mas o artigo sahiu, sob o pretexto de que tinha raros meritos litterarios! E' assim...

Floc escrevia nervosamente as impressões que ia sentir no desembarque. Estava de costas e, de quando em quando, rasgava uma ou duas das tiras escriptas. N'um dado momento, ergueu-se bruscamente, deixou escapar uma exclamação desesperada, amarrotou todo o papel que tinha escripto, e atirou-o com raiva á cesta. Depois de ter ido á janella, voltou a escrever com os mesmos tregeitos, com as mesmas mostras de desespero, que só desappareceu e se occultou com a entrada do velho e esqualido grammatico Lobo.

O caturra vinha tambem de mau humor. Não raro isso acontecia, mas n'aquella manhã a tempestade interior parecia ser amedrontadora. Vestia de preto, como habitualmente: uma velha sobrecasaca curta, desusada, com as abas espapadas e grandes placas lucentes nas costas. Tinha um pescoço de ave a sahir de uns collarinhos muito baixos que a gravata cobria inteiramente. Usava cabelo curto, óculos sem aros e possuia uma testa curta com uma grande e constante ruga horizontal. Tinha curiosas manias. Se estava de bom humor, traduzia de uma lingua para outra os proverbios e os annexins que surgissem na conversa. Era bastante álguem dizer: *de grão em grão a gallinha enche o papo*; para elle retorquir da sua mesa, abandonando a revisão grammatical:

— Em francez: *petit á petit l'oiseau fait son nid*: os inglezes, porém, dizem...

N'aquella manhã não parecia disposto ao seu sport favorito. Entrou carrancudo, com a ruga mais accentuada, comprimentou ligeiramente Floc e, já sentado, perguntou-lhe, olhando-o por cima dos oculos:

— Quem é este Sanches que escreveu este artigo sobre «Bancos emissores»?

— Não sei bem, disse Floc. Creio que é um advogado ahí.

— Que ignorante! Pois esta besta não escreveu — um dos que foram — isso se admite? Qual! Como é que saem batatas d'estas?! Estou desmoralizado... Todos sabem que tenho aqui a responsabilidade da lingua... Que dirá o João Ribeiro? o Said-Ali? O Fausto? E o Ruy, que dirá? Naturalmente vão accusar-me de ignorante... Vou dizer ao Ricardo que preciso ver todos os originaes, se não declaro publicamente que não tenho responsabilidade com a grammatica do «O Globo». Não é possível ser assim!

A sua irritação — soube-se mais tarde — provinha verdadeiramente do ataque que um professor da Normal fizera á sua grande obra — *Collocação dos Pronomes; theoria e pratica*. — um fasciculo de trinta e seis paginas tão embrulhado de regras que fazia mais errar quem o lêsse do que mesmo acertar.

Lobo gozava de uma grande ascendencia sobre o animo do director. Emendava-lhe os artigos e fôra imposto no jornal por sua mulher, D. Ignez, a quem o padre Bos, das Irmãs, recommendara como sabio. N'«O Globo» todos lhe temiam o mau humor, por sabel-o influente e prestigiado, como sabichão em grammatica, em geographia e em linguas. Leborant não escondia o seu respeito. Para elle, a mais alta expressão da cultura era falar inglez e Lobo sabia pedir agua na lingua do grande imperio.

A grammatica do velho professor era de myópla exaggerada.

Não admittia equivalencias, variantes; era um codigo tyrannico, uma especie de collete de força em que vestira as suas pobres ideias e queria vestir as dos outros. Ha tres ou cinco grammaticas portuguezas, porque ha tres ou cinco opiniões sobre uma mesma materia. Lobo organisara uma série d'ellas sobre as in-

numeras duvidas nas regras do nosso escrever e do nosso falar e ai de quem, discrepasse no jornal! Era emendado da primeira vez, da segunda reprehendido, da terceira podia ser até despedido, se elle estivesse de mau humor.

Nos seus bons dias, tinha a mansuetude e os modos convincentes de um professor de primeiras letras e recitava muitas vezes aos ouvidos do reporter recalcitrante todas as regras do Sotero sobre o emprego do infinito pessoal, chamando-o por filho, repetindo exemplos. Não admittia que se escrevesse *vieram lhe chamar*, se alguém o fizesse em dias de mau humor, era certo ter de refazer de começo ao fim o seu trabalho.

Nem todos, porém, se sujeitavam á sua inspecção grammatical; Floc, Leporace e Caxias eximiam-se e Grégorovitch amedrôntara-o com alguns berros e palavras, quando o fiel grammatico do jornal quiz corrigir o seu original.

O russo entrava n'aquelle momento na redacção. O paquete chegava ás 11 horas e pouco faltava. Vendo entrar, Floc perguntou:

— Não vaes, Grégorovitch?

— A que?

— Ao desembarque do nosso redactor.

O russo não lhe respondeu logo. Sentou-se, encolheu a cabeça dentro do corpo como uma tartaruga, franziu a grande bocca, depois retrucou:

— Eul Eu vou lá a esses espectaculos... Isso é um baixo-*engrossamento*...

O director entrava e o Dr. Ivan não dissimulou a resposta. Leborant sempre autoritario com todos, era de uma delicadeza excepcional com o doutor pelo Cairo ou por Sophia.

— Você é um exquisito, Grégorovitch — foi só o que elle observou.

E sahimos. Eramos um bando á frente do qual

marchava o dr. Ricardo, apressado, com as guias dos bigodes esfarelladas ao vento e as abas da sobrecasaca cinzenta a baterem como azas de uma grande ave vulturina. Levava a bengala erguida e com todos nós atrás, andando celeremente, parecia um delegado em deligencia ou um chefe eleitoral que vae perturbar com capangas a secção que lhe não é favoravel.

Fazia um sol inclemente — sol de dezembro pela manhã. No caes já estavam a familia do director, mulher e filhas pequenas, as filhas de Ayres d'Avila, cuja belleza tinha gabos especiaes nas conversas dos cafés e confeitarias — a *citroque* inteira do «O Globo», o nucleo que gerava e transmittia pela cidade o talento de Avila, as qualidades civicas do dr. Ricardo e os dotes litterarios do joven Deodoró Ramalho, que lá estava com a sua noiva e o seu passo de valsista impenitente. Outros chegaram depois. Floc ficou entre as senhoras. As suas faces, os olhos, a testa breve e até os longos bigodes pretos adquiriram uma radiação especial; o proprio queixo aproximou-se do plano do peito e vim a conhecer outro Floc, symphatico, interessante, todo elle captivante e natural.

Inutil é dizer que fiquei de longe, sosinho, como sempre fiquei n'essas cousas e como parece ser meu destino ficar sempre. D. Ignez, a mulher do dr. Ricardo, entretanto, deu-me bom dia e fez um «como vaes Isaias», bondoso e superior. Tinha-se na conta de illustrada e nobre. Era o oraculo litterario e intellectual do marido. Julgava-se illustrada porque aprendera a recitar umas cousas das Irmãs de Botafogo e pintar flores; nobre, porque tinha um irmão deputado e o seu pae chicanara no interior do Brazil.

O caes estava agitado e concorrido. O Congresso estava a fechar-se, partia um paquete para o Norte e os congressistas começavam a fugir. Os magnatas: ministros, juizes, coroneis, ricos, engrossadores com as

a senhora; mas a fidalga insinuara-se no grupo das filhas de Avila e lá ficara a deitar os seus grandes olhos de Juno para a massa masculina, brilhante e rica, que se apinhava no caes. Chegou por ultimo Ayres d'Avila, com a sua marcha difficil, agitando a cabeça e balouçando os braços, no intuito de mais depressa impellir o corpo de chumbo.

Chegavam em carros, *coupés* e espalhavam-se pelo jardim, disputando a sombra das arvores em grupos de homens e senhoras. O pessoal masculino era soberbo: a nata — senado, camara, altos tribunaes, grandes patentes do exercito e da marinha — cartolas reluzentes e negras sobre-casacas a enquadrar os dourados dos uniformes. Tudo vergado ao sol indifferente e forte. As senhoras sentiam-se mal, envolvidas n'aquellas fartas ondas de luz e calor. Os bosquetes de arbustos tinham uma despreocupação divina e as grandes arvores nodosas davam uma escassa e compassiva sombra. As lanchas de aluguel, com bandeiras em que se lia o titulo do Jornal, não tinham chegado. Eu esperava, afastado do grosso da *claque*, timido diante de tanta grandeza inabalavel. Chegou um Ministro. Um movimento igual fez todos voltarem-se para o lado em que elle vinha. A attitude foi instantanea em cada homem e em cada mulher; era como, se ao centro de uma porção de limalha de ferro espalhada, se houvesse chegado um pequeno iman.

O dr. Ricardo cumprimentou a alta autoridade e, a seu chamado, foi-lhe falar. Além do Ministro, intermetteu-se uma nova personagem; um preto velho, quasi centenario, de physionomia simiesca e meio cego.

Trazia na mão esquerda um caniço que destendia um arame de pescaria; com a direita, auxiliado por uma varinha, vibrava dolentemente a corda, enquanto balbuciava qualquer cousa. Ia de grupo em grupo, tangendo o seu monocordio extravagante. Cantava talvez

uma ariá de uma extravagante belleza, certamente só percebida por elle e feita pela sua alma para a sua alma... Tocava e esperava a esmola. Em todos as phisionomias, havia de certo piedade, commiseração, e mais alguma cousa que não me foi dado perceber. Era constangimento, era não sei o que...

O preto tinha os pés espalmados e, com a cecidez e a velhice, andava de leve, sem quasi tocar no chão, escorregava, deslisava — era como uma sombra...

Sob aquelle sol muito forte, á rebrilhante luz d'aquella manhã de verão, por entre tanta gente rica e forte, aquelle seu instrumento infantil, a puerilidade, da musica, o seu aspecto de sombra, juntavam-se para dar um rebor cortante á sua miséria e á sua fragilidade... Elle, com a sua resignação e miséria, e o sol, com a sua força e indiferença, tinham um certo accordo occulto, uma relação entre si quasi perfeita. O negro ia... Ia tocando já sem forças a plangente musica das recordações do adusto solo da Africa, da vida facil de sua aringa e do captiveiro semi-secular!

As lanchas approximaram-se e embarcamos. O paquete ainda fumegava, rodeado de lanchas e pequenas embarcações de remos. Logo ao entrar, démos com o novo redactor. As filhas de Ayres d'Avila cercaram-no. Ellas eram as figuras decorativas do jornal. Bonitas, como toda a moça que sabe dispôr dos seus atavios e vestidos, não faltavam a qualquer festa do «O Globo». Nos banquetes, nos piqueniques, nas *soirées* do director, nos embarques e desembarques, nos enterros, lá estavam ellas com as suas lindas *toilettes*, irrepreensivelmente calçadas e enluvadas. Tinham uma emanação luxuriante e uns grandes olhos inquietos, banhados de muita luz; as narinas moveis aspiravam com áncia todos os perfumes e exhalações e uma d'ellas tinha o *tic* de morder os labios. Era um gosto vel-as por en-

tre os homens, animadas, com grande satisfação nos olhos, sorrindo para este, attendendo aquelle, namorando. Amavam as grandes festas, em logares afastados, onde vae muita gente...

Cercaram logo o novo redactor, estabeleceram a cordialidade entre elle e o pessoal do jornal e ficaram junto d'elle, quando fomos á meza tomar *champagne*. O dr. Ricardo julgou do seu dever erguer um brinde; o novo redactor respondeu.

— Me fallece competencia para falar de si, começou.

Lobo, que continuava de máu humor, não se conteve e exclamou do canto:

— Chi! Quanta asneira!

O recémchegado não se vexou e todos ficaram calados de espanto diante da grosseria do velho grammatico. Leborant olhou-o severamente e Lobo supportou-lhe o olhar com coragem. O novo redactor continuou, insistindo na primeira phrase, sem mais sequer olhar o pedagogo.

De volta, ainda se deu um incidente desagradavel no caes. D. Ignez e as filhas do director já iam longe, quando elle se approximou de um senhor de cartola. Lembrei-me que tinha sido aquelle senhor que tinha chamado o Ministro para embarcar, quando o dr. Ricardo conversava com o potentado. Era deputado e o dr. Ricardo altercava com elle:

— *Seu* patife! *seu* casten! Então você pensa que eu preciso de emprego?... Sou independente, tenho o meu jornal...

O outro respondia:

— Apulcho de Castro! Canalha! Bebedo!

Não se demoraram muito; em breve se atracaram e rolaram pela areia do jardim. Ricardo saiu na lucta deitando sangue pela bocca e foi levado para um hotel

proximo. Veiu o medico e eu fiquei a seu lado, dando-lhe a poção de hora em hora.

Acalmou-se e pareceu dormir. Deixei-o só, mas voltei logo. Accordara e, de bruços na borda da cama, com a bocca semi-cerrada, olhava fincadamente o chão. Scismava na vida e considerava a terra. Animei-me:

— Precisa alguma cousa, doutor?

— Preciso.

— O que, doutor?

E virou-se para o lado sem me responder...

XII

— O Sr. é da redacção?

— Sim, senhor.

— Trago este volume de versos — *Anhelos* — para offerecer ao jornal...

— Póde deixal-o.

O poeta falava-me de pé, desconfiado e com longas interrogações no olhar. Na sala, não havia ninguém da redacção, propriamente e, quando me perguntou se eu o era, respondi-lhe affirmativamente, por pura vaidade.

O rapaz não me entregou logo o livro. Manteve-o na mão, olhando muitas vezes as collecções de jornaes, os retratos das paredes, a sala toda como se procurasse guardar de cór aquelle aspecto e familiarisar-se inteiramente com elle.

— E' o Sr. o autor da obra? perguntei.

— Sou, pois não. O Sr. sabe: ninguém póde nunca estar certo de ter ou não habilidade. Escreve-se, os amigos gostam; mas, se não se tem coragem

para sujeitar um volume á critica, fica-se sempre na duvida se é a simples amizade dos camaradas que louva as nossas produções, ou se ha merito, de facto, n'ellas... Sou muito moço, tenho vinte e dous annos, faço versos desde os dezoito; agora, fiz uma escolha e publiquei este volume... Queria que os Srs. dissessem alguma cousa, que notassem os defeitos, para eu me corrigir, caso fosse possível...

— Isso é com o critico literario.

— Quem é?

— E' o Floc, não conhece?

— Muito! Leio-o sempre. Até tenho aqui uma opinião d'elle que achei muito acertada. Creio que é do folhetim da semana passada...

O joven poeta descançou o chapéu sobre uma meza, puxou a carteira e esteve a procurar entre os papeis o retalho de Floc, sempre perseguido por um cacho de cabellos louros que teimava em lhe cobrir o olho direito. O cacho cahia, elle retirava-o com a mão; teimava em voltar, elle sacudia a cabeça para levar-o para cima, e assim custou a achar o pequeno rectangulo de papel, perdido entre uma porção de cartas, cartões e versos de que estava pejada a carteira.

Encontrando-o, não se demorou em lê-lo; tinha a secreta intenção de me convencer do grande apreço em que tinha o talento do viçoso Floc. Leu: — «Para mim, a verdadeira Arte é aquella que consorcia o ideal com o real; é aquella que, não despresando os elementos representativos da realidade, sabe pelo ideal arrebatat as almas aos paramos do incognoscível».

Guardou a carteira com a valiosa opinião do estheta viajado em Quito; e continuou já um tanto desembaraçado:

— Concorde plenamente com elle. Nos *Anhelos*, se o Sr. ler, ha-de ver que sempre procurei não me afastar d'esse ponto de vista... E acho que deve ser assim

real e ideal, juntos é verdade, mas este espiritualizando aquelle, dominando-o e vencendo-o... Gosto immensamente do Sr. Floc; acho-o um critico sagaz, illustrado, cujo julgamento sobre os meus versos, eu receberia com especial agrado... O Sr. falará a elle, não é?

Prometti-lhe e o candido poeta Felix da Costa saiu satisfeito, apertando-me a mão demoradamente, offerecendo-me a casa e os prestimos. Folheei um instante o livro; era uma *plaquette* de cento e tantas paginas, povoadas de sonetos e outras poesias soltas. Depositei-o sobre a mesa do secretario. De antemão, sabia que Floc não se deteria na sua leitura. Os livros nas redacções têm a mais desgraçada sorte se não são recommendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o titulo e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o critico apressa-se em repetir aquellas phrases vagas, muito bordadas, aquelles elogios em *cliché* que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipathias na redacção, o *cliché* é outro, elogioso sempre mas não affectuoso nem entusiastico. Ha casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro. Acontecia isso com tres ou quatro autores. Um d'estes era Raul Gusmão, a quem o director invejava o talento de escrever; além d'elle, havia um grande poeta, respeitado em todo o Brazil, e um outro moço que se rebelara contra a dictadura do jornal. Com os nomes novos não havia hesitações; calava-se, ou dava-se uma noticia anodyna, *recebemos*, etc., quando não se descompunha.

Aos olhos dos homens da imprensa, publicar um livro é uma ousadia sem limites, uma temeridade e uma pretensão inqualificaveis e dignas de castigo.

— Como é, disse certa vez Oliveira, que este sujeito publicou um livro?... um desconhecido! Um idio-

ta magro! Um typo que nunca escreveu coisa alguma...

Elle queria dar a entender como não tendo escripto coisa alguma, o facto do rapaz não ter publicado artigos nos jornaes ou feito mesmo a reportagem dos Telegraphos. O pensamento commum dos empregados em jornaes é que elles constituem, formam o pensamento do nosso paiz, e não só o formam, mas «são a mais alta representação d'elle». Fóra d'elles, ninguem póde ter talento e escrever, e, por pensarem assim, hostilizam a todos que não querem adherir á sua grey, impedem com a sua crítica hostil o advento de talentos e obras, açambarcam as livrarias, os theatros, as revistas, desacreditando a nossa provavel capacidade de fazer alguma coisa digna com as suas obras ligeiras e mercantis.

Por acaso, se o trabalho consegue vencer a hostilidade de semelhante gente, sempre cheia de preconceitos, elles ficam a matutar, pois não admittem esforço e honestidade intellectual em ninguem: de quem o autor copiou?

Os mais habéis d'aquelles que estão de fóra, porém, quando premeditam a infame ousadia de publicar, arranjam preliminarmente relações de amizade nos jornaes, de modo a obter um bom acolhimento para o seu trabalho. Isso acontece com os de pequeno nascimento, com os que vem dos estados; mas autor que nasceu no Rio, de certa camada, que tenha titulos e empregos, póde estar seguro que a critica anonyma dos jornaes lhe será unanime em elogios e animação.

N'«O Globo», as coisas corriam assim. O secretario recebia o volume e dava-o a Floc. «Chimera», romance, Abilio Gonçalves, lia Floc alto; e logo perguntava:

— Quem é este Abilio Gonçalves?

— Não conheces? E' o filho do Senador Gonçalves, de S. Paulo.

Floc olhava outra vez o livro e voltava:

— E' formado?

E E', retorquia Leporace; é engenheiro de minas.

— Hum! fazia Floc com segurança, mudando a primitiva antipathia que se lia na contracção dos lábios, para um breve sorrir de benevolencia. No dia consagrado, o folhetim apparecia cheio de blandicias, de elogios, fosse o livro bom ou máu, fosse o pae senador da opposição ou do Governo.

Houve uma occasião em que Floc, para mais erguer o filhote criticado, forjou um elogio de um autor francez, como tendo sido feito a um livro que apparecera ha duas semanas no Rio de Janeiro.

Se o nome do autor era obscuro, se as informações colhidas lhe não davam de prompto um estado civil decente, Floc adia a noticia e esperava que os grandes nomes da critica se pronunciassem. Se eram favoraveis ao livro, elle repetia os elogios, ampliava as observações; se eram desfavoraveis, o elegante e viçoso critico dava curso á sua natural hostilidade aos nomes novos que não surgiam nos jornaes. Havia, porém, uma casta de autores, que elle sempre elogiava; eram os diplomatas. Um d'estes senhores publicou certa vez uma compilação de naturalistas e de receitas agricolas, com fingimentos de Maeterlinck, sobre as fructas nacionaes. Floc não se conteve: desandou um folhetim inteiro sobre o volume, elogiando a sua virtuosidade artistica, o seu estylo limpido e sereno, mostrou o pensamento pantheistico que o animava, só porque o 1.º secretario da Legação de Caracaç dissera que o mamão era terno e resignado.

Dado que o livro tratasse do assumpto que elle desconhecesse inteiramente, o processo era outro. Elle fazia como o abyssinio faz com o boi em que viaja montado: tirava pedaços da propria obra e criticava.

Eu não quiz dizer tudo isso ao poeta dos *Anhe-
los*. Era melhor mantel-o na illusão de que pudesse
haver alguma independencia e espontaneidade no julga-
mento dos jornaes; e quando Floc chegou, com seu
grande queixo atirado para diante como um ariete e os
seus bigodes de azeviche, dei-lhe o livro. Depois de
manuseal-o um instante, falou com azedume:

— Que nome! Felix da Costa! Parece até engei-
tado! E' algum mulatinho?

— Não. E' mais branco que o sr. E' louro e tem
olhos azues.

— Homem, você hoje está zangado...

Elle não comprehendia, que eu tambem sentisse o
soffresse.

E arredou o livro para a ponta da meza e poz-se
a escrever. Era a sua tortura; era o seu pesadello. Qua-
si sempre as chronicas literarias, as fantasias, as noti-
cias de theatro, as trazia escriptas de casa; mas o servi-
ço normal, era obrigado a fazel-o na propria redac-
ção. Preferia ficar só, e quando estava, escrevia para
adiantar serviço. A sua occlusão mental não fôra capaz
de me julgar e elle não me suppunha bastante atilado
para observar a sua difficuldade. Então, mesmo na mi-
nha presença, mordiscava os bigodes, dava suspiros, fala-
va alto; mas ao chegar um outro dos collegas, conti-
nha-se, procurava diminuir a contracção dos superci-
lios e o franzir da testa que lhe denunciavam o deses-
pero e o esforço. Floc não tinha o dom de improvisar
o artigo, não possuia esse talento especial de presteza de
pensamento, essa facilidade em vasal-o logo no pa-
pel, com que se fizeram conhecidos José de Patrocínio
e Justiniano José da Rocha. Na redacção, havia al-
guns que escreviam com facilidade e rapidez, mas sem
brilho nem relevo. Menezes era quem tinha mais desta-
que, quem mais força possuia no dizer, mas a sua pes-

soa resistia muito, não se queria transmittir ao artigo, temia, e por isso elle perdia muito.

Quem tivesse perfeitamente o dom de inventar, de architectar instantaneamente o artigo e escrevel-o com sabôr litterario, movimento brilhante, vigoroso, organico, não havia. Losque, muito mais fraco do que Menezes, fingia-se de pósse d'esse dom sagrado. Faltava-lhe novidade, invenção, força no dizer; tinha uns certos periodos, um constante arranjo de phrases que elle adaptava ao assumpto do momento, com as variantes necessarias. Gregorovitch escrevia rapidamente, desenvolvia o artigo com muita força e paixão, mas era tumultuario até ao emaranhado e a falta de sentimento da lingua não lhe dava uma architectura aos periodos. A musica do idioma fazia-lhe falta, completamente. No mais, todos escreviam com acanhamento, sem naturalidade; as palavras fugiam-lhe no momento de escrever. Isso que n'um temperamento litterario pôde transformal-o em grande escriptor, n'um jornalista a nada leva. Aliás, nenhum d'elles tinha o sentimento do seu defeito. Floc unicamente, com certeza devido aos seus grandes desejos litterarios e artisticos, sentia bém essa inferioridade e soffria com ella. Não procurava corrigir-se, adquirir a plasticidade necessaria; o officio não permittia e fóra d'elle não tentava nada, com medo do desastre e do insuccesso, embôra na tentativa muito podesse ganhar a sua vontade e o escriptor que houvesse n'elle. Soffria...

Nos dias seguintes ás festas de luxo, quando era encarregado dos *comptes-rendus*, era de ver o seu aze-dume contra o Raul Gusmão, que os fazia tambem para o «Despacho». Em geral saiam antes dos seus, á tarde, de modo que elle chegava á redacção notando-lhe as invenções e os exaggeros. Sempre, porém, senti na sua critica a impotencia e o despeito de não ver citada pelas senhoras conhecidas uma imagem mais faiscante,

como faziam com a do rival. Entretanto eram amigos e elogiavam-se sempre que podiam.

Floc, n'aquelle momento, recebera uma aragem de inspiração. Escrevia com desembaraço, quando Losque entrou. O recém-vindo descansou o massô de jornaes que sempre trazia, limpou o pince-nez, accendeu o cigarro de palha e perguntou camaradariamente:

— Que escreves?

— A noticia do baile do Palacio...

— E o Rolim?

— E' a *cabeça*... Tu bem sabes que o Rolim não escreve nada que preste...

Este Rolim era o reporter do Palacio. Tinha mais de quarenta annos, uns grandes pés espalmados e o queixo erguido para o alto quasi a bater nos bigodes fartos e negros. Tinha-se na conta de elegante, de fino e descedente de um vice-rei do Brazil, D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja. De uns tempos a esta parte, todos os brazileiros se vão enôbrecendo ao caso... Devem ter verificado isso.

O seu officio no jornal era ir diariamente ao palacio presidencial, tomar conta dos nomes dos visitantes, ou, em occasiões excepcionaes, representar o jornal nas festas do bomtom, em que a distincção de maneiras fosse exigida e um ar seductor não ficasse mal. De volta, trazia os nomes dos circumstantes, a hora certa em que começaram as danças, procurava a noticia anterior e *mutati-mutandis* a copiava.

— Este Rolim!... E' jornalista para uso externo, disse Losque accrescentando em seguida: você leu o Jornal do Commercio?

— Não. Porque?

— O Teixeira Mendes ataca a lei dos sapatos obrigatórios. Diz que isso de andar calçado, de correcção de traje, em ultima analyse, entra no campo da esthetica, assim no espirital em que não pôde o po-

der temporal intervir absolutamente. Então é com o Papa?

Os dous sorriram e Floc reflectiu vagarosamente:

— Eu creio que as cousas vão mal. Ha muita irritação, muito azedume por ahi...

— Eu penso tambem que isso não acaba bem. Hoje quando vinha de bonde, vi comentarios ao artigo do Ricardo...

— Estava bom. Não achaste?

— Achei, fez o outro com segurança. Elle atacou bem a questão; podia ir mesmo pelo lado hygienico...

Entrava no momento Leyva, que fazia policia e «Vida Operaria». Sentindo que se falava na questão dos sapatos, interveiu na palestra:

— Vocês não imaginam... As coisas estão feias! Estive na Gamboa e na Saude... Os estivadores dizem que não se calçam nem a ponta de espada. Não fa' a n'outra coisa. Vi um carroceiro dizer para outro que lhe ia na frente guiando pachorrentamente: Olá, hé! Estás bom para andares calçado que nem um doutor! Por ahi vocês avaliam... Creio que ha *turumbamba!*

— Agora, aqui para nós, adduzia Floc, a cousa é necessaria... Causa má impressão vêr essa gente descalça... Isso só nos paizes atrazados! Eu nunca vi isso na Europa...

— Ora, deixa-te d'isso Floc! Observou Gregorovitch que entrára. No Norte, é justo, o clima, o gelo; mas no Sul, em Napoles, na Grecia, vê-se muito...

— Isso não é Europa.

— Engraçado! Com que liberdade modificas a geographia... E em Londres?

— Que tem! Não ha cidade do mundo em que a multidão seja mais andrajosa, mais repugnante...

— Andam de casaco e sapatos! gritou triumphantemente Floc.

— Que casaco! que sapatos! Naturalmente que hão-de procurar coberturas para o frio, mas onde vão buscal-as? Ao lixo e é um disparate! Se queres uma multidão catita, arranja meios de serem todos remediados. Vocês querem fazer d'isto um Paris em que se chegue sem gastar a importancia da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecem de que o deserto cerca a cidade, não ha lavoura, não ha trabalho enfim...

Quasi todos previam um motim; julgavam-no certo pelas observações que tinham feito.

O dr. Ricardo entrou seguido de Ayres d'Avila. O director vinha satisfeito. Comprimentou sorrindo e foi ao gabinete escrever. Ayres d'Avila fez algumas considerações sobre o projecto e pediu ao Floc noticias de uma cantora nova. Leborant, por esse tempo, gritou:

— Isaias, vem cá! Leva-me esta carta ao senador F. Olha, recommendou-me ao sahir, entrega em mão d'elle, estás ouvindo!

No momento em que começava a descer a escada ouvi que dizia alto:

— Esses f..., hão de ver se valho ou não valho alguma cousa! Sucia!

Em baixo o gerente, em collete, sentado diante da grande mesa, contava harpagonèscamente uma chusma de nickeis que ia dividindo em columnas, alinhando-as depois para o lado esquerdo á proporção que contava.

O mez de Maio tinha começado n'aquelle anno com particular doçura. Eu que já tinha mais de dous annos de Rio de Janeiro, nunca o vi tão formoso, tão primaveril e nunca assisti a manhãs tão lindas e azues. Fazia uma temperatura carinhosa e eu olhava as nuvens, as montanhas e as arvores sob uma luz avelludada. A

terra era todo um estojo macio e tepido, feita especialmente para o viver do nosso corpo. Os boatos da redacção e a tempestade que eu mesmo sentia preparar-se, em nada diminuíam a minha sensação de bem-estar physico. Aquelle começo de mez foi para mim de grande socego e de muito egoismo. Embora, minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns mezes, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dôr. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos do Floc, as pilherias de Losque, as sentenças do sabio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma especie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado d'ella. Comquanto não concordasse em ser ella a especie de besta de carga e machina de prazer que as sentenças daquelles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lôrpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus proprios olhos muito diverso d'ella, sabido de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. Ainda não tinha coordenado todos os elementos que mais tarde vieram encher-me de profundo desgosto e a minha intelligencia e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande *stock* de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia. Vinham uma a uma, invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver. Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quiz avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Cesares — não sabia; quiz resolver um problema de regra de tres composta, não sabia; tentei escrever a formula da area da esphera, não sabia. E notei

essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me d'aquillo tudo como impressões de uma festa a que fôra e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delicia de almoçar e jantar por sessenta mil réis mensaes.

A irritação do espirito popular que eu tinha observado na minha propria casa não me fez pensar nem temer. Júlguei-a especial áquelles a quem tocavam e nunca que aquellas observações ingenuas se tivessem transformado em grito de guerra, em amuleto excitador para a multidão toda. Mais tarde, entretanto, verifiquei que a crença de que o Governo pretendia operar violentamente os homens e mulheres de pés grandes, como os chinas, é que tinha impressionado fortemente os espiritos levando-os ao sangrento motim que estalou.

Tinha-me recolhido cedo, depois de ter ido ao Club buscar provas ao Ayres d'Avila. Era habito seu ir pelas cinco horas ao Club arriscar, na roleta, alguma cousa antes de jantar e quando pretendia demorar-se levava as provas, indo eu ou o outro continuo buscá-las já revistas. Em certas occasiões, quando pelo correr do dia, não tinha tempo de escrever, era tão forte o seu habito que, dada a hora, corria ao Club e voltava de lá ás 10 ou 11 horas para escrever o artigo. Noites havia que o somno e a fadiga eram tão fortes que, entre uma tira e outra, o gordo e pesado jornalista cochilava e dormia até. Então, com a precisa delicadeza, qualquer pessoa da redacção acordava-o e Ayres continuava a escrever o artigo sem mesmo reler as tiras anteriores. Em alguns dias, o somno obrigava-o a interromper o artigo mais de uma vez.

Recolhi-me cedo n'essa noite e dormi profundamente durante toda ella. Não vi a destruição dos combustores de iluminação, que os populares tinham levado a effeito. Só a notei de manhã, já pelas oito

horas, descendo a ladeira. Na rua, o trânsito era ralo e o tráfego dos bondes parecia ter cessado completamente. Nas esquinas, havia patrulhas de infantaria e cavallaria e de distancia em distancia, á porta de estalagens, afastados da policia, havia grupos compactes de populares. Um bonde approximou-se, e embora cheio, dependurei-me com difficuldade n'um dos balaustres. A physionomia das ruas era de expectativa. As patrulhas subiam e desciam; nas janellas havia muita gente espiando e esperando qualquer cousa. Tinhamos deixado a estação do Mangue, quando de todos os lados, das esquinas, das portas e do proprio bonde partiram gritos: Vira! Vira! Salta! Salta! Queima! Queima!

O cocheiro parou. Os passageiros saltaram. N'um momento o bonde estava cercado por um grande magóte de populares á frente do qual se movia um bando multicolor de moleques, especie de poeira humana que os motins levantam alto e dão heroicidade. N'um apice, o vehiculo foi retirado das linhas, untado de kerozene e ardeu. Continuei a pé. Pelo caminho a mesma athmosfera de terror e expectativa. Uma força de cavallaria de policia, de sabre desembainhado, corria em direcção ao bonde incendiado. Logo que ella se afastou um pouco, de um grupo partiu uma tremenda assuada. Os assobios eram estridentes e longos; havia muito da força e da fraqueza do populacho n'aquella ingenua arma. E por todo o caminho, este scenario se repetia.

Uma força passava, era vaiada; se carregava sobre o povo, este dispersava-se, fragmentava-se, pulverizava-se, ficando um ou outro a receber lambadas n'um canto ou n'um portal fechado. O Largo de S. Francisco era mesmo uma praça de guerra. Por detraz da Escola Polytechnica, havia uma força e os toques da ordenança succediam-se conforme as regras e precceitos militares. Parei. Um official a cavallo percorria á

praça, intimando o povo a retirar-se. Obedeci e, antes de entrar na rua do Ouvidor, a cavallaria, com os grandes sabres reluzindo ao sol, varria o largo com estrepido. Os curiosos encostavam-se ás portadas das casas fechadas, mas ahi mesmo os soldados, iam surreal-os com vontade e sem pena. Era o motim.

As vociferações da minha gazeta tinham produzido o necessario resultado. Aquelle répetir diario em longos artigos solemnes de que o governo era deshonesto e desejava opprimir o povo, que aquelle projecto visava enriquecer um syndicado de fabricantes de calçado, que attentava contra a liberdade individual, que se devia correr a chicote taes administradores, tudo isso tinha-se encrostado nos espiritos e a irritação alastrava com a violencia de uma epidemia.

Durante três dias a agitação manteve-se. Illuminação quasi não havia. Na rua do Ouvidor armavam-se barricadas, cobria-se o pavimento de rolhas para impedir as cargas de cavallaria. As forças eram recebidas a bala e respondiam. Plinio de Andrade, com quem ha muito não me encontrava, veio a morrer n'um d'esses combates. Da saccada do jornal, eu pude ver os amotinados. Havia a poeira de garotos e moleques; havia o vagabundo, o desordeiro profissional, o pequeno burguez, empregado, caixeiro e estudante; havia emissarios de politicos descontentes. Todos se misturavam, afrontavam as balas, unidos pela mesma irritação e pelo mesmo odio á policia, onde uns viam o seu inimigo natural e outros o Estado, que não dava a felicidade, a riqueza e a abundancia.

O motim não tem physionomia, não tem forma, é improvisado. Propaga-se, espalha-se, mas não se liga. O grupo que opera aqui não tem ligação alguma com o que tiroteia acolá. São independentes; não ha um chefe geral nem um plano estabelecido. N'uma esquina, n'uma travessa, forma-se um grupo, seis, dez, vinte

peessoas diferentes, de profissão, intelligencia e moralidade. Começa-se a discutir, ataca-se o governo; passa o bonde e alguém lembra: vamos queimal-o. Os outros não reflectem, nada objectam e correm a incendiar o bonde.

O apagamento momentaneo da honestidade e a revolta contra pessoas inaccessiveis levam os melhoeres a esses attentados brutaes, contra a propriedade particular e publica. Concorre tambem muito a nossa perversidade natural, o nosso desejo de destruir, que, adormecido no fundo de nós mesmos, surge n'esses momentos, quando a lei foi esquecida e a opinião não nos vigia.

No jornal exultava-se. As victorias do povo tinham hymnos de victorias da patria. Exaggerava-se, mentia-se, para se exaltar a população. Em tal logar, a policia foi repellida; em tal outro, recusou-se a atirar sobre o povo. Eu não fui para casa, dormi pelos cantos da redacção e assisti á tiragem do jornal: tinha augmentado cinco mil exemplares. Parecia que a multidão o procurava como estimulante para a sua attitude bellicosa. O serviço normal da folha fazia-se com actividade. Os reporters iam aos logares perigosos, aos pontos mais castigados pela policia, corriam a cidade em tilburys. Nem os revisores nem os seus supplentes faltavam á chamada; outro tanto succedia com os typographos e os outros operarios.

Toda essa abnegação era para garantir os seus mesquinhos empregos. Um pobre typographo, que morava para a Saude, onde o transito se fazia com os maiores perigos, ficou todos os tres dias no jornal. Temia ser morto por uma bala perdida. Houvera muitas mortes assim, mas os jornaes não as noticiavam. Todos elles procuravam lisongear a multidão, mantel-a n'aquellas refregas sangrentas, que lhes augmentava a venda. Não queriam abater a coragem do povo com a

imagem aterradora da morte. A policia atirava e não matava; os populares atiravam e não matavam. Parecia um torneio... Entretanto eu vi morrer quasi em frente ao jornal um popular. Era de tarde. O pequeno italiano, na esquina, apregoava os jornaes da tarde: *Noticial! Tribuna! Despacho!*

De ha muito que a rua parecia retomar a sua vida normal. Durante todo o dia os passeios se fizeram como nos dias communs; repentinamente, porém, uns grupos que paravam no canto do largo de S. Francisco, vaiaram a policia. O esquadrão, com o Alferes na frente, partiu como uma flecha e foi descendo a rua d'Ouvidor, distribuindo cutiladas para todos os lados. O pequeno vendedor de jornaes não teve tempo de fugir e foi derrubado pelos primeiros cavallos e envolvido nas patas dos seguintes, que o atiraram de um lado para o outro como se fosse um bocado de lama.

Quando suspenderam a carga, alguns populares trouxeram-no morto para o escriptorio do jornal. O cadaver estava n'um estado ignobil: tinha quasi todos os ossos partidos, o craneo esmagado e o ventre roto. Recordei-me então d'aquellas palavras de Leborant:

— Esses f... hão-de ver se valho ou não valho alguma cousa! Sucia!

XIII

«O homem que acaba de morrer, não era um homem vulgar. No dominio de sua difficil arte, era uma notabilidade respeitada. Para nós, era muito mais: era um amigo, um dedicado e leal amigo a quem muito deviamos e prezavamos. Todos os que moquejam n'esta tenda de trabalho, certamente não hão de esquecer-o e não ha nenhum que não tenha recebido um favor, uma alegria, uma satisfação de suas mãos.

O publico que nos lê, não sabe o quanto esta vida

de jornalista é exgotante e ingrata; não sabe que somma de energia ella exige e como nos tira os melhores momentos de ocio e os melhores minutos de prazer. Vive-mos por assim dizer para os outros; e quem vive para os outros, é claro que muito pouco pode viver para si.

Charles de Foustangel atravessava a nossa vida como um anjo protector; d'elle, tiravamos alguns raros instantes de alegria no meio das agruras que nos cercam. Era de ver como elle sabia desenvolver um *menu*, como imaginava um *quitute* inedito, um prato saboroso, que *verve* especial punha nos nomes com que os baptisava e que raros gozos elles traziam aos nossos paladares fatigados por esses hoteis detestaveis que nos impingem sólas durissimas por bifes de grêlha. Quantas occasiões não fomos nós de máu humor para a meza de jantar, enervados, sem vontade de trabalhar, com a encommenda do artigo, da reportagem, da chronica para o dia seguinte e sem coragem para fazel-os, e nos levantavamos, graças á brandura do seu tempero e á eurythmia dos seus molhos, satisfeitos, solertes, cheios de novas energias!

A sua morte é uma grande desgraça que nos acabrunha; e, desde que esta folha existe, é o primeiro que a maldita Parca leva. Muitos, é verdade, já se foram; mas não os levou a Parca. São felizes? São infelizes? Elles lá saberão... Este ficou no seu posto até á ultima hora, e ainda nas vespervas de morrer, quando a arruaça fazia cessar todo o movimento, deu n'um só dia quatro mezas fartas ao pessoal d'este jornal.

Era um heróe, um heróe como o nosso tempo sabe comprehender, isto é, um homem que põe tudo o que ha em si de força, de coragem, de intelligencia e de dedicação para um dado e unico fim util aos seus semelhantes.

Nada lhe faltava de grande. O character a intelligencia e o coração, n'elle, chegavam, á mesma altura e

agiam de concerto. Falava três linguas: portuguez, inglez e francez. Nascido em Arcis-sur-Aube, patria de Danton, em 1864, e oriundo de uma familia nobre, em breve emigrou para a Inglaterra, onde abraçou a profissão em que morreu. D'ahi depois de exercel-a com paixão, veiu para o Brazil esse excellent representante da grande raça de Vatel. Era de um grande orgulho e conta-se que não entrou para o celebre Savoy de Londres porque não tinham permittido que assignasse o *menu*. «Saudades».

Um pouco abaixo do retrato, seguia-se esse artigo de Losque e o jornal vinha tarjado em signal de lucto. Tratava-se do cozinheiro particular do director, mas a esthetica do necrologio pedía se fizesse um auxiliar do jornal. A morte d'esse serviçal obscuro da domesticidade do dr. Leborant, veiu trazer-lhe os maiores testemunhos da sua victoria.

Todos os jornaes se referiram ao inditoso Charles de Foustangel e alguns abriram subscrições para soccorrer a familia do cozinheiro. Fóra do convivio jornalístico, as manifestações de pezar não foram menores: o Centro dos Estudantes passou em telegramma de pezames ao Presidente da Republica Franceza e ao cortejo do enterro concorreram mais de cincoenta carros, levando perto de uma centena de pessoas, entre as quaes altas patentes do exercito e marinha, directores de repartições, homens da bolsa, litteratos acclamados, revolucionarios temidos e um capitão do Estado Maior, representando o Presidente da Republica.

A viscondessa de Varennes não faltou. Passou por mim, no carro, a olhar um lado e outro com os seus grandes olhos de Juno, as olheiras violaceas, mordiscando os labios muito pintados, abanando-se com o seu grande leque rococó e toda envolvida n'um pesado vestido de «taffetés» de seda negra.

Antes de embarcar, Floc foi até ao trem e ella

despediu-se d'elle, estendendo a mão pela portinhola do *coupé*, com metade do rosto a apparecer, sorrindo, muito graciosa, muito lenta, n'uma attitúde de fidalga do seculo XVIII. E o negro cortejo desfilou pela rua como um triumpho *sui-generis* para a victoria do director. Na frente, ia o coche funebre, sarapintado de dourados, crivado de grinaldas com flores roxas e brancas de panno e as fitas votivas cheias de inscrições a esvoaçar lentamente como se fossem todos os adeuses que o morto quizesse dar n'aquelle momento, ás coisas e ás pessoas. Seguiam-se-lhe as caleças, as victorias e *coupés*, transportando a alta administração, civil e militar, as finanças, as letras e a revolução profissional, em tocante homenagem ao grande homem que era o cozinheiro do dr. Ricardo Leborant, director-proprietario d'«O Globo».

O motim obrigara o Presidente a demittir a maioria dos Ministros, isto é, os Ministros atacados pelo «O Globo»; o prefeito e o chefe de policia tambem saíram. A lei dos sapatos foi para ás collecções legislativas e o emprestimo ficou promettido ao Rodrigues. O diario de Leborant ficou sendo quasi a setima Secretaria do Estado. As nomeações sahiam de lá e as demissões tambem. Bastava um aceno seu para um chefe ser dispensado, e bastava qualquer dos seus empregados abrir a bocca para obter os mais rendosos lugares. Leporace foi nomeado Director das antiguidades egypcias do Museu Nacional; e Rolim, o Rolim dos grandes pés, sub-director da Repartição Cartographica da Republica. Leyva fôra modesto: pediu e obtivera o lugar de 4.º escripturario do Tribunal de Contas, independente de concurso. Os empregos foram assim satisfazendo a natural voracidade dos auxiliares de Leborant. Todos elles viviam agora calmos, sorridentes, satisfeitos, convencidos de que tinham moralisado a Republica. Tudo ia bem e a administração fazia-se

com a moralidade e a limpeza de uma pequena casa burgueza. Tinham-se cincoenta mil réis, comprava-se; não se os tinham, diminuía-se a conta do armazem. O jornal passou do mais formal pessimismo ao optimismo mais idiota. O proprio Leborant perdera a *atrabilis*, fumava com mais calma, sorria com afabilidade e dispunha de empenhos. Era um gosto vel-o dando audiencia aos necessitados de empregos. Apareciam diariamente aos vinte. A uns, attendia; a outros respondia com gravidade ministerial: venha amanhã.

Floc soffria alguma cousa; havia momentos em que se sentia patente a lucta intima que se tratava n'elle. Ficava minutos inteiros calado, immovel, a olhar perdidamente as cousas... Nada quizera, pois estava á espera de uma reorganisação na diplomacia para obter o lugar de 1.º secretario. Era o seu sonho a diplomacia, o paraíso, a sua felicidade. A todo o momento falava-lhe nos habitos, nos costumes, na maneira de redigir notas. Uma vez, contava elle aos collegas, na recepção do Ministro da Allemanha, a filha do Ministro da Guerra... Isto fôra em Quito e enchia de pasmo ver de que maneira, nos labios de Floc, a vida de Quito era elegante e soberba. E elle rematava a narração lyricamente:

— Oh! A diplomacia! vocês não imaginam o que é! E' a mais deliciosa vida que ha... Entra-se em toda a parte, tem-se os melhores lugares; é-se cercado, amado.... Uma delicia! Póde-se ser burro ou intelligente que é o mesmo! O Secretario da Inglaterra, Ms. Lodge, era uma besta, mas uma besta perfeita... Alto, vermelho que nem um tomate, desengonçado, incapaz de dar um passo de valsa ou marcar um *cotillon*; entretanto, parecia um rei nas salas... Mas era a Inglaterra, rica e opulenta, que estava atraz d'elle, e era tambem o prestígio da profissão que o aureolava...

E o Rolim ouvia tudo aquillo com os labios entreabertos, a physionomia parada e uma grande expres-

são de pasmo e assombro em toda ella. Quando Floc arabava, elle indagava:

— E mulheres, hein?

— Ora! A's duzias... Uma vez, no baile do Ministro dos Estrangeiros, no palacio da Plaza de la Concepcion...

E' Rolim voltava a sonhar aquelle paraiso diplomatico, cheio de mesuras e cumprimentos, de etiquetas complicadas, mas cheio tambem de huris de luxo e tratamento.

Em começo, logo após a mutação do jornal, o lindo reporter, pedira um lugar na diplomacia ou no corpo consular; mas o Ministro convencera o director que era desmarcado o pedido. Promettera-lhe o ministro um lugar de amanuense na Secretaria do Estado, para o seu reporter; e depois, com o tempo, talvez fosse possível transferil-o para o corpo consular. Rolim não quizera. Temia que a sua ignorancia fosse posta a claro na redacção dos officios. Para elle, só serviam os lugares de chefe, de director, em que só se tem que ter presença e assignar papeis. Foi então que vagou o cargo de sub-director da Repartição Cartographica e foi nomeado, para superintender os respectivos trabalhos geodesicos, que de ha muito estavam em começo.

Menezes, timido sempre, não se animava a pedir cousa alguma. Continuava obscuramente, pacientemente, a estudar, a ler, e a contribuir para a gloria e para o fortuna do dr. Leborant. Surdo, falando com difficuldade, muito feio, pouco conversava na redacção; mas eram constantes as perguntas de uns e de outros sobre isso e sobre aquillo. Elle respondia com a sua voz fanhosa e retomava o serviço com resignação, automaticamente, e assim enchia os dias e os annos.

Ayres d'Avila e Oliveira não tinham querido emprego. Ao primeiro, a não ser de Presidente da Republica ou director do Banco do Brazil, não havia col-

locação que podesse custear os seus gastos. O que ganhava no jornal era insufficiente para as passagens e os charutos; o resto elle arranjava. Devia a todo o mundo e os credores quasi formavam cauda na redacção. Era uma mania. A uns dizia: *procure-me em casa*; a outros ralhava: *aqui não lhe posso attender, estou escrevendo...* *Procure-me no escriptorio*. Ao que o cobrador retrucava: mas V. Ex.^a já me disse que só aqui. E' — respondia — mas... Bem... E' melhor você vir para a semana...

E continuava a fumar serenamente enquanto o cobrador descia cabisbaixo, mastigando juras. Não havia expediente de que não lançasse mão para conseguir dinheiro. Todos lhe serviam, desde os honestos até aos semi-honestos. Tinha para as suas transacções caixeiros e escreventes. Lage da Silva era um d'elles. Na transacção dos quadros que ficou celebre, outros entraram e ganharam uma boa fatia. Não sei se se lembram ainda do caso. Eu recordo. Certo dia, um jornal de Pernambuco noticiou que se havia descoberto n'uma cidade do interior duas grandes télas que bem podiam ser de celebres mestres hollandêzes ou flamengos. E lá vinha a historia do dominio batavo no norte, de Mauricio de Nassau, etc. Em breve, os taes quadros eram expostos no Rio de Janeiro e as competencias começaram a falar, gabando a belleza extraordinaria do trabalhos. Não havia dia em que este ou aquelle jornal, esta ou aquella revista não se referisse com grandes encomios aos quadros. Os competentes deram-nos como sendo de Rembrandt e J. Van Eyck. Na téla que se attribuia a este, havia mesmo uma certa belleza communicativa, independente de qualquer exame ou cultura. Representava uma grande dama adorando um Menino Jesus e o fundo era uma paysagem de montanhãs cobertas de nevê, tratado com aquelle desenho correctô, firme e aquella sabia perspectiva ae-

rea que tanto lhe gabam os criticos. Raul Gusmão escreveu um scintillante artigo; Veiga Filho desarrumou dictionarios e escreveu um folhetim massiço. Os escriptos choviam, mas o que causou surpresa foi tambem o assumpto merecer da penna politica de Ayres d'Avila um artigo enthusiastico, confessando não entender de arte, mas louvando-se nas suas impressões e nas opiniões dos competentes. Terminava pedindo ao governo que adquirisse as télas. A sua idéa foi logo bem acceita e os tambores jornalisticos começaram a rufar. O Ministro do Interior consultou a Escola de Bellas Artes, que achou as télas obras primas e dignas de serem adquiridas. O Congresso votou o credito e as télas foram compradas por perto de mil contos. Não passaram, porém, tres mezes que um jornal de Paris as não denunciasse como falsificadas e apontasse o falsificador. Um outro jornal do Rio foi além: denunciou o syndicato que tudo preparara e fizera a campanha para que o Estado adquirisse os quadros. O jornal, entre outras pessoas, apontou Ayres d'Avila como tendo entrado no negocio e recebido trinta contos no Banco Inglez, com o cheque n.º 5327.

O estheta enthusiastico deixou passar a tempestade e, serenada que ella foi, veiu calmamente dizer, que, de facto, recebera o dinheiro, mas tão sómente como advogado, para fazer minutas de requerimentos, dar conselhos e outros pequenos serviços da profissão.

Quem ganhava tanto com minutas de requerimentos, não precisava sujeitar-se a um emprego.

Quasi todos os seus artigos eram mais ou menos pagos, pelo director e pelos interessados; assim tambem procedia Veiga Filho. A sua literatura era a duas amarras. Escreveu, certa occasião, um conto, de columna e meia, passado em Theresopolis e gabando com insistencia as commodidades de um hotel. O hoteleiro, no fim do mez, ao receber a conta dos annuncios, correu furioso ao escriptorio:

— Mas, já paguei!

— Como? fez admirado o gerente.

— Sim. Dei ao Sr. Veiga Filho duzentos mil réis pelo conto.

— Mas quem lhe falou no conto, Sr. Lebrindo. Isso é lá entre os senhores... E quer saber de uma cousa: nós já o pagamos também.

Ninguém se surpreendeu no jornal. Todos andavam preocupados com a obtenção de posições e mesmo que não andassem, aquillo era quasi admittido. Oliveira andava indignado com os collegas pelo soffrego assalto ao lugarres publicos, de que davam mostras.

— E' isto, dizia elle; vocês não prezam a Imprensa, fazem d'ella achego, gancho; não a dignificam, não a honram. Querem empregos publicos, como se um réles burocrata valesse mais do que um jornalista...

— Mas não é isso, objectava Leyva. E' mais seguro...

— Qual seguro! Então você pensa que não se é também demittido... E' preciso engrossar, bajular, fazer manifestações... Eu não quero. Da Imprensa, para a cóva, e não acho profissão mais brilhante do que a nossa!

Elle nunca tinha engrossado e era um grande jornalista. Losque também não quiz emprego; a sua pretensão era ser deputado. Os seus titulos consistiam em ser redactor anonymo de um grande jornal. Nunca se fizera notar por cousa alguma, não tinha a menor influencia, não se distinguia como portador de nenhuma idéa util e fecunda; mas queria ser deputado, indicado por um presidente de Estado, como convinha a um dos auxiliares do dr. Ricardo Leborant, o moralizador da Republica.

No meio d'aquelle fervilhar de ambições pequeninas, de intrigas, de hypocrisia, de ignorancia e philautia, todas as cousas magestosas, todas as grandes

cousas que eu amara, vinham ficando diminuídas e demoralizadas. Além do mechanismo jornalístico, que tão de perto eu via funcionar, a politica, as letras, as artes, o saber — tudo o que tinha supposto até ahí grande e elevado, ficava apoucado e achincalhado.

Via Floc fazer reputações litterarias, e elle mesmo uma reputação; via Losque, de braço dado com o mediocre Ricardo Loberant, erguer á Camara e ao Senado quem bem queria; via Ayres d'Avila, com uns periodos de fazer somno e uma erudição de vitrine, influir nas decisões do parlamento; via medicos milagreiros e tidos como sabios pedirem elogios ás suas pantafaçadas obras, a redactores ignorantes; e tambem via, D. Ignez, a esposa do director, uma respeitavel senhora, certamente, fazer-se juiz dos contos e das poesias dos concursos, com a sua rara competencia de alumna laureada das irmãs de Caridade.

A' vista d'isso, á vista d'essa incompetencia geral para julgar, da ligeireza e dos extraordinarios resultados que obtinham com tão fracos meios, impondo os seus protegidos, os seus favoritos, fiquei tendo um immenso desprezo, um grande nojo, por tudo quanto tocava ás letras, á politica e á sciencia, acreditando que todas as nossas admirações e respeitos não são mais que suggestões, embustes e illusões, fabricados por meia duzia de incompetentes que se apoiam e se impuzeram á credulidade publica e á insondavel burrice da natureza humana.

Mas, se o meu desprezo e o meu aborrecimento por tudo isso se não fizeram totaes, foi porque por vezes senti n'elles, n'aquelles redactores e reporters que tinham o cofre das graças, grandes duvidas, grandes desesperos e fortes vacillações de consciencia sobre o seu proprio valor.

Houve um caso que, por tragico, me ficou eternamente gravado e foi como a demonstração de que

ainda havia no fundo de alguns d'elles uma crença no Serio, no Verdadeiro, na Perfeição.

— Voltava eu n'essa tarde da casa de Veiga Filho, onde tinha ido levar umas provas. Voltava admirado de que os seus amigos, toda a vez que a elle se referiam, lembrassem a grande miseria em que vivia. Não o tinha visto assim. Morava n'uma casa apalaçada, n'uma rua do bairro das Larangeiras, com altos e baixos, dous andares. Esperei as provas na sala de visitas, transformada em gabinete de trabalho, mobiliada com relativa opulencia. Havia bronzes, divans, mesas com incrustações de laca e xarão, vasos de porcelana, estantes com guarnições de bronze... Onde estava a miseria? O Arthur sempre se referia a ella e o Bilac, no seu «Registro», lastimava-a como indicando o atrazo da nossa civilisação.

Ceguei ás oito horas á redacção. Floc, de cascaca, dava o ultimo retoque na traducção do folhetim. Ia ao Lyrico. Estava cercado de dictionarios e exhalava perfumes. Em breve saiu e a redacção a pouco e pouco se esvaziou. Pela meia-noite estava só o redactor de plantão; o reporter de serviço tinha adoecido e os outros, á mingua de novidades, tinham desaparecido pelos cafés e cervejarias. Pouco depois da meia noite, Floc voltou. Vinha alegre. A sua physionomia irradiava satisfação e no seu olhar bailavam coisas fugidias e doces. Adelermo, que fazia o plantão, perguntou-lhe pelo desempenho.

— Maravilhoso! Nunca vi um conjuncto tão harmonioso... Que vozes! O *quarretto* foi excellente. Não ha uma cantora de destaque, na verdade, mas todas afinam bem e o conjuncto é extraordinario!

— E a valsa?

— Oh! Magnifica! Que orchestral! Que Musetta! Imagina que foi bisada quatro vezes!

— Então foi um delirio?

— Um delírio... Nunca vi tanto entusiasmo... A sala toda vibrava...

— E as galerias? vaias, hein?

— Não. Portaram-se bem... Felizmente estamos deixando esse habito botucudo.

— Muita gente?

— A' cunha. Que mulheres, Adelermo! que mulheres! A Lobo tinha um dêcote maravilhoso. Todo o cóllo, muito alvo, alvo de jaspe, ficava fóra e o pescoço nascia do busto, muito longo e muito branco... A Santos Carvalho lá estava tambem, com aquelles olhos de fome, olhos de insatisfação, de curiosidade, de vontade de provar todos os *fructos do jardim do mundo*... A Carneiro de Sousa... Eu não sei que mal me faz essa mulher com o seu desenho de rosto á Boticelli! Tem não sei que mistura de candura e perversidade que me dá gana de gritar-lhe: fala demonio! O que és: santa ou serpente? Pela sala, pairavam não sei quantas essencias caras, não sei quantos perfumes de flôres de quantos climas! Chegava-se a esquecer, diante d'aquellas mulheres, d'aquellas luzes, d'aquella musica, d'aquella olencia, que se estava dentro d'um barracão infamissimo!

Floc falou com calor, gesticulando, procurando completar a phrase com um gesto e um olhar. Sentia-se bem que aquellas coisas deliciosas se tinham impregnado nos seus sentidos e o envolviam todo.

Os seus olhos, ao falar nas mulheres, tinham reflexos de ouro e fumava nervosamente durante a conversa. Adelermo mantivera-se calmo, sorrindo de quando em quando; ás vezes, ouvindo uma phrase ou outra, parecia perder-se no seu proprio pensamento, destacar-se de si e ir longe, longe...

— Dás a chronica hoje? perguntou Caxias.

— Naturalmente... O Raul dá tambem para o «Diario»... Eu não queria; pretendia fazer uma coisa mais cuidada, mas *nobless? oblige*... Não achas?

— Então, enquanto escreves, eu vou sahir, como alguma cousa e volto já.

— Não ha duvida, disse Floc tirando a casaca. Vae que eu espero.

Adelermo Caxias collocou o collarinho, deu o nó na gravata, vestiu o paletot e sahiu apressado pelo corredor fóra. Ficamos na redacção eu e Floc.

Na rua havia o mais perfeito silencio. De onde em onde, os passos de um retardatario vinham quebral-o com desusado vigor.

Floc puzera-se á meza em attitude de escrever. Levei-lhe papel e tinta, e o critico, preparada vagarosamente a caneta, arrumado o papel, accendeu um charuto e ficou por instantes abysmado n'uma grande scisma sem fim... Tinha medo de começar. Tinha visto tanta cousa bella, tanta carne moça e bôa, que elle queria lançar o artigo como um remigio para o alto, para as distantes regiões da arte e da belleza, não perdendo uma só ideia fugidia, transmittindo as emoções sentidas n'aquellas deliciosas horas em que contemplou as mais bellas e caras mulheres da cidade, ouvindo aquella musica languida de Italia, cheia de sol, de historia e de amor. Como que senti que elle tentava pôr na sua chronica um pouco dos sonhos sonhados á vista d'aquelles collos nus e tratados, d'aquelles olhares faiscan-tes, e tambem a sensação quasi irregistravel da musica, o roçar das sedas, a olencia dos perfumes a pairar n'aquelle ambiente fechado, uma impressão a tocar outra, bailando sem serem vistas nos ares polvilhados de luz, da luz azul da electricidade. Eram todos os sentidos que tinham vivido: a sensação particular de um provocando sensações aos outros e todas ellas sacolejando a sua personalidade com aquelle herculeo esforço para colher-as todas. Pensava...

Quedou-se assim alguns minutos, tres a cinco, e logo se poz ao trabalho. As duas primeiras tiras fo-

ram rapidamente escriptas, no começo da terceira, parou, escreveu, emendou, tornou a escrever, emendou, parou, suspendeu a penna e ficou olhando perdido a parede defronte. Voltou a ler o que tinha escripto... Leu duas vezes, não gostou, rasgou... Recomeçou... A sua physionomia estava transtornada. Não tinha mais a impressão de satisfação, de deslumbramento interior. A testa contrahira-se, enrugando-se; os olhos estavam fixos e a bocca cerrada nervosamente, custava a abrir-se para aspirar rapidamente o charuto. Toda a sua physionomia revelava uma contensão extraordinaria, fóra mesmo do poder habitual da sua vontade. Escreveu de novo e gritou:

— Caminha! Vae buscar ahi cachaça! Anda!

Quando voltei, elle discutia com o paginador. O operario vinha apressal-o. Esperavam o seu artigo. Floc, apparentando calma, prometteu que o daria dentro de meia-borá. Sahido o paginador, tomou a garrafa, e pelo gargalo sorveu um longo góle. Approximou a penna do papel e escreveu algumas palavras que riscou immediatamente. Suspendeu o trabalho, tomou outro góle e a sua physionomia começou a adquirir uma expressão de desespero indiscriptivel. Eu estava inquieto, sentindo vagamente um drama. Fumava agora um cigarro sobre o outro; não ia até ao fim, atirava-o em meio ao chão, accendia um outro. Bebeu, foi á janella, debruçou-se e o paginador voltou:

— *Seu Couto!*

— Homem! Já vae! Você pensa que isto é machina!?...

Voltou a escrever. A penna estava emperrada; não deslisava no papel. Floc fumava, mordida o bigode e a penna continuava a resistir. Depois de vinte minutos, o paginador voltou:

— Espere um pouco, disse o critico.

O operario saiu. Floc esteve um instante com a cabeça entre as mãos, parado, tragicamente silencioso; depois, levantou-se firmemente, dirigiu-se muito hirto e muito alto para um compartimento proximo. Houve um estampido e o ruido de um corpo que cai. Quando penetramos no quarto, eu, o paginador e dois operarios, elle ainda arquejava. Em breve morreu. Havia um filete de sangue no ouvido e os olhos semi-cerrados tinham uma longa e doce expressão de soffrimento e perdão. Cahido para o lado estava o revolver, muito claro e brilhante na sua nickelagem, estupidamente indifferente aos destinos e ás ambições.

Adelermo, antes que tomassemos qualquer providencia, entrou. Correu ao telephone para avisar o director. O dr. Leborant não estava; tinha sahido ás dez horas para o jornal. A policia fôra avisada e era preciso que elle o fôsse tambem. Onde estaria? Veiu o Rolim. Adelermo e elle cochicharam. O redactor de plantão chamou-me.

— Caminha! Tu vaes ahi a um lugar e do que vires não dirás nunca nada a niguem. Juras?

— Juro.

— Vaes á casa da Rosalina, procurar o dr. Leborant... E' preciso discreção, hein? O Rolim não pôde ir, tem que ficar aqui, para o que dér e vier... Vae! Mas não fales nada, nunca!

Entra custe o que custar — recommendou-me Adelermo ao sahir, e deu-me dinheiro. Em breve estava diante d'aquelle grande immovel, com os fortes portaes de granito, terminados em cariatides, parecendo em tudo uma casa burgueza. Bati, veiu o porteiro. Disse-lhe a que vinha, dei-lhe dinheiro e entrei. Subi, acompanhado por elle.

Penetrei com tristeza n'aquella casa famosa entre os rapazes ricos da cidade, pelas suas orgias e pelas mulheres que a habitavam. Ali moravam as cantoras

de cafés concertos, húngaras, hespanholas, francezas, inglezas, turcas, cubanas; ali moravam tambem as Laís da cidade, as devoradoras de patrimonios e dos grandes desfalques. Subi a grande escada do palacio e tomei por um corredor. Dos quartos, vinha um ruido abafado do ranger de camas, um cicio de beijos, mas o Peccado pairava n'ella com o seu silencio constrangido no recato que simulava ter.

Ao fundo do corredor, quasi ao tomar uma pequena escada para o segundo andar, dei com uma velha prostituta em camisa, polaca pelo sotaque, de seios molles e, quasi sem pintura; áquella hora, a sua velhice surgia hedionda, e escaveirada, com um halito de tumulto. Assustou-se. O porteiro socegou-a. Subimos eu e ella. Quando nos sentiu só, ella lixou-me com a sua pelle, encostando-se muito a mim, passando o seu braço sobre os meus hombros. Já no corredor, sob a luz de um bico de gaz meio aberto, considerou bem a minha physionomia, a minha mocidade, a falta de mulher que ella farejou logo; pegou-me carinhosamente o rosto com as duas mãos e quiz beijar-me...

E ella tinha razão. Sempre foi do meu temperamento fugir daquillo que a Biblia denomina tão rigorosamente para os nossos ouvidos modernos, pois não podia comprehender que homens de gosto, de coração e intelligencia, vivessem escravizados ao que S. Paulo, na I Epistola aos Corinthios, classificou tão duramente, para aconselhar o casamento.

Além de desejar que existisse entre mim e a mulher, alguma cousa de mais delicado, de mais espiritual, uma communhão que não se tem com a primeira vinda, tinha em mim não sei que pensamento evangelico a prohibir-me de proceder como todos, pois, fazendo-o, concorria para manter uma desgraça e fazer desgraçadas.

Recordo-me muito bem que, certa vez, não sei que

tontura me deu, que me deixei arrastar pelos sentidos.

A entrada foi facil; mas, depois acanhei-me, a ponto de ter delicadezas, escrupulos, certamente de noivo.

Quando puz o pé na rua, as orelhas ardiam, as faces queimavam-se e parecia que os transeuntes apontavam-me como um irremessivel peccador. Tive a visao do Inferno... Foi naquelle tempo... Adiante.

Larguei a megéra com medo da sua velhice e corri á sala onde estava o dr. Leborant! Estava semi-aberta. Aproximei-me da porta. A um canto havia um piano; ao centro uma meza cheia de garrafas e copos. Pelos divans fumando, tres pares; as mulheres em camisa e os homens tambem, mas mais decompostos. Em torno da mesa, uma mulher cavalgava uma especie de tapir ou de anta. Era Ayres d'Avila, cujas pées do vasto ventre cahiam como ubere de vacca. A mulher montava-o com o garbo de uma *ecuyère* e elle rodava em torno da mesa como se fosse um animal de circo. Os ditos choviam, mas não os pude ouvir. Uma das mulheres deu commigo e perguntou, sem espanto, com sotaque estrangeiro:

— Que é que você quer?

Leborant voltou-se e conheceu-me logo:

— Que ha Isaias?

— *Seu Floc* matou-se na redacção.

Ayres d'Avila voltou á humanidade e, em plena orgia, por entre aquelles homens e aquellas mulheres despreoccupadas, passou a augusta sombra da Morte, mysteriosa e severa...

XIV

No gabinete do Ministro, estavam poucas pessoas. Em frente, em uma mesa nova, o Secretario, um Capitão de fragata, pallido e alto, com um lindo *cavaignac*, Napoleão III, que lhe dava um ar de ve-

terano de 70, apesar dos seus cincoenta annos. Pela janella, descortinava-se uma nesga da bahia e da cidade. Era a ilha Fiscal com o seu edificio alicerçado nas ondas; a Boa Viagem scismatica e lá, n'um fundo de infinito, de illimitado, as muralhas altas de Santa Cruz. Um grande navio entrava lentamente... Em baixo, havia o brouhaha das carroças; juras de cocheiros, estalidos de chicote e o rolar pesado dos caminhões. A Alfandega ficava perto.

Além do secretario, no gabinete, sentado ao lado direito do Mniistro, estava tambem o Vice-Almirante inspector das construcções navaes; do lado esquerdo, eu.

O Ministro vestia dolman branco e a sua grande cabeça autoritaria e cheia de uns bellos cabellos brancos ia de mim para o Inspector, falando sempre e explicando a questão dos concertos:

— Com estas providencias, o governo fez uma economia de perto de seiscentos contos. Você sabe: a industria official é muito cara. O «Republica» (está aqui o orçamento) tinha os concertos avaliados em quatrocentos e oitenta contos — não era, Almirante?

— Quatrocentos e oitenta e sete, respondeu o inspector.

— Quatrocentos e oitenta e sete contos, repetiu o Ministro. Sabe você por quanto ficou nas officinas das «Forjas»?

— ?

— Trezentos e noventa e sete. Só ahí houve uma economia de noventa contos. Agora imagine com o «Sete de Setembro», a «Parnahyba», tres torpedeiros, rebocadores... Emfim: seiscentos contos de economia.

— Mas V. Ex.^a acha então desnecessario o Arsenal de Marinha?

— Não, absolutamente não. Primeiro porque é preciso que haja um campo pratico á mão do Estado

para os nossos engenheiros navaes e segundo que elle pôde prestar serviços, desde que tenha a emulação do trabalho particular.

— Se V. Ex.^a, disse eu, indo ao encontro dos seus desejos, se V. Ex.^a me quizesse fornecer algumas notas, eu poderia dar uma noticia bem interessante...

E S. Ex.^a, com a sua voz quasi providencial, auxiliado pela memoria do Vice-Almirante Inspector, começou a dictar-me as notas, para que todo o Brazil tivesse noticia da sua capacidade de administrador, e de um dos resultados mais fecundos da sua fecunda administração.

Offereceu-me um havano e, logo que o Inspector sahio começamos a conversar sobre os encantos da nova *chanteuse* que se estreará no *Moulin-Rouge*.

Assim fazia a minha reportagem no Ministerio da Marinha. Desde os Ministros até aos continuos, todos me enchiam de mimos e de festas. Era raro o official que não me pedia uma noticia, um elogio, um gabo ao relatorio da sua ultima commissão. Os chefes viviam abraçados commigo e forneciam-me notas para o meu noticiario. Assombrava-me que a *morgue* militar de toda aquella gente fosse desfeita assim naturalmente em presença de um reporter. E' verdade que já vira muitos, de mar e terra, subirem á redacção e insinuarem allusões elogiosas; mas suppunha excepções e agora verificava ser geral a inclinação.

Quando se apresentavam, reclamavam a omissão da noticia...

Nos meus primeiros mezes de reportagem foi quando amei mais activamente a vida. Não porque me visse adulado pelos Armirantes e Capitães de Mar e Guerra, mas porque senti bem a variedade omnimoda da existencia, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das cousas e o seu facil deslizar para os extremos mais oppostos. Dous mezes antes era simples continuo, limpava

mezas, ia a recados de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade.

E toda essa modificação tão imprevista no meu viver, viera-me do suicidio do Floc. Tendo surpreendido na casa da Rosalina, em plena orgia, o terrivel director, vexei-o. Nos primeiros dias, elle nada me falou; mas já me olhava mais, considerava-me, preocupava-o no seu pensamento. Breve me fez perguntas de boa amizade: d'onde era eu, que idade tinha, se era casado, etc. As respostas eram dadas conforme as perguntas; bem cedo, porém, graças á bondade com que me tratava, as ampliei até á confidencia.

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera n'um ambiente familiar e que me educara. Isso, para elle, era extraordinario. O que me parecia extraordinario nas minhas aventuras, elle achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu intimo pensamento mais tarde. Para elle, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brazil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos eguaes, mais eguaes ainda que os cães de suas chcaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma cousa, phosphoros dos politicões; as mulheres (a noção ahi é mais simples) são naturalmente femeas.

A indolencia mental leva-os a isso e assim tambem pensava o dr. Leborant. Não tive grande trabalho em o fazer modificar o juizo na parte que me tocava. Mas não me dei por satisfeito. Percebi que me viam como excepção; e, tendo sentido que a minha instrucção era mais solida e mais cuidada do que a da maioria delles, apesar de todos os seus diplomas e titulos, fiquei animado, como ainda estou, a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno fôr, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter fôrça para

realizal-as, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vêm bem do Amor e não do Odio, como podem suppôr.

Cinco capítulos da minha «Clara» (1) estão na gaveta; o livro ha de sair.....

Penso, agora, dessa maneira; mas, durante o resto do tempo em que estive no «O Globo», quasi me conformei, tanto mais que o interesse que o director mostrou por mim não foi platonico.

Certo dia o gerente, espantado e cubiçoso, notificou-me que eu ia servir na expedição e o meu ordenado estava augmentado de cincoenta mil réis.

Duas semanas depois, ao encontrar-me na escada, Leborant disse-me:

— Caminha, você é capaz de tomar notas n'uma repartição e redigil-as?

Não esperava essa proposta. Fiquei deslumbrado: ser reporter como o Oliveira!... Oh! Era assombroso!... Respondi, porém, modestamente:

— Pode ser, dr. Experimente; se fôr bem, o snr. me dirá...

— Pois então vaes fazer Marinha e Alfandega.

Nos primeiros dias lutei com alguma difficuldade. Os collegas receberam-me mal. Sonegavam-me as notas, procuravam desmoralizar-me, redicularizar-me deante dos empregados. Ha n'elles em geral essa hostilidade pelos novos. Sentem que o officio é facil e se elles ainda por cima o facilitarem, perderão em breve o prestigio. Levei alguns furos, mas dei outros, graças á relações que travei com um sargento protocollista do Estado Maior. Leporace quíz destituir-me, mas Leborant não o permittiu.

No quinto dia em que eu fazia reportagem, um outro reporter arrebatou-me das mãos umas notas que

(1) Nunca me falou desse livro, N. do E.

eu copiava. *In-continenti*, fui ao director e o velho funcionario obrigou-o a restituir-mas. Quando o fez, gritou na portaria:

— Tome, *seu moleque!* Você sahii da cozinha do Leborant para fazer reportagem...

Contive-me, com espanto^o dos circumstantes, mas nunca imaginei que um insulto pudesse ir tão longe na nossa natureza. Senti-me outro, muito mais forte, transtornado e deseioso de matar. Contive-me, porém, e nada disse ao collega que, se não sahira de uma cozinha, era quasi analphabeto e mediante uma propina, para protegel-o contra a acção legal, figurava como sendo presidente de um club de batota. Tirei as minhas notas, deixei-as no jornal e voltei. Encontrei o tal reporter na rua Primeiro de Março e antes que elle fizesse o menor movimento atirei-me sobre o seu grande corpanzil, deitei-o por terra e dei-lhe com quanta força tinha.

Na delegacia, a minha vontade era rir-me de satisfação, de orgulho, de ter sentido por fim que, no mundo, é preciso o emprego da violencia, do murro, do socco, para impedir que os máos e os covardes não nos esmaguem de todo.

Até ali, tinha eu sido a doçura em pessoa, a bondade, a timidez e vi bem que não podia, não devia e não queria ser mais assim pelo resto de meus dias em fóra.

Ria-me, pois tive vontade de rir-me, por ter descoberto uma cousa que ninguem ignora. Felizmente não foi tarde...

A natureza desgostosa e defeituosa de Loberant sympathisara com a minha fraqueza e a humildade dos meus começos. A' força de falar em injustiça por especulação jornalística, adquirira um pouco do sentimento de reparação que externava em altos brados. Vendo em mim a necessidade de uma, não quiz que ella

continuasse a verificar-se; protegeu-me, estimou-me e fez-me seu valido.

Se não fosse elle, logo no primeiro dia de reportagem, eu teria sido destituido. Na propria redacção quasi todos me eram hostis. Oliveira, e Menezes, que só saia do seu mutismo para dizer um sarcasmo, fizeram excepção e apoiaram-me.

Contei ao Leborant a briga; contei-a emocionado e apaixonado. Ouviu calado e perguntou-me no fim:

— Mas deste-lhe mesmo?

— Dei-lhe quanto pude.

— Bem, fez elle depois de uma pausa, vae fazer a tua secção e quando a acabares vem falar commigo.

Não me demorei muito. Passavam alguns minutos das sete, quando a entreguei a Leporace e fui ter com Leborant.

— Acabaste? Vamos jantar, disse elle.

D'esse dia em diante as difficuldades desappareceram. A redacção toda me encheu de consideração e a minha intimidade com o dr. Leborant augmentou. Eu mesmo até então reservado e tímido, comecei a animar-me, a ensaiar um dito, a externar uma opinião. Um bello dia ousei até escrever; fiz um artigo. Comecei a ter inimigos. Leporace, em quem sempre encontrei a mais completa má vontade, redobrou; Caxias criticou-me o andar e metteu-me nas intrigas da redacção. O artigo, porém, sahiu com as emendas de Leporace e as escóras grammaticaes do Lobo. Não havia n'elle nenhum defeito de monta, mas a autoridade de Leporace ficaria abalada se não tivesse o que emendar em um artigo de novato.

Com o andar dos tempos aprendi os processos, fiz-me exímio e quasi tão fecundo como o Deodoro Rammalho. Aprendi com o Losque a servir-me dos outros jornaes, a receber inspirações nelles, a calcar os meus artigos nos que estampavam. Como Losque, norteei-

me para as revistas obscuras, essas que ninguém lê nem os jornaes dão noticia. Havia n'ellas uma pequena idéa, desenvolvia-a, enxertava umas considerações quaesquer. Não foi Losque quem me ensinou, foi a minha sagacidade que descobriu e tirou, da descoberta, os ensinamentos proveitosos. Quando deixava na meza a sua bibliotheca ambulante, eu corria um e outro jornal e cotejava os seus artigos, as suas pilherias, com o que encontrava nos jornaes que sobraçava sempre. Elle não lia senão jornaes. Aprendia finanças, economia politica, estatistica nos periodicos de França, de Portugal e da Argentina; n'elles, colhia citações de autores celebres, poetas, philosophos e sociologos.

Leporace ainda lia alguma cousa, e lembrava-se de alguns livros que lera em estudante. Tendo morrido um rei qualquer, escreveu um artigo a — dôr da rainha-viuva — em que demarcava uma passagem de Daudet. Os snrs. lembram-se d'aquella passagem dos «Reis no Exilio» em que Colette de Rosen, cavalgando ao lado da rainha Frederica, atira-lhe indirectas referentes ao seu silencio em face das infidelidades do marido? Lembram-se que a rainha, sentindo o golpe, responde á dama de honor que as rainhas não podem ser desgraçadas ou felizes como qualquer outra mulher. Precisam occultar todas as suas dores e alegrias em virtude da magestade de sua grandeza. Pois bem. Leporace não teve duvidas; agarrou a phrase do dialogo e desenvolveu-a no seu estylo barôco, por quasi uma columna, do seguinte modo:

«Ella (a rainha) é bem a representação viva da magua, não a magua que nós outros sentimos, mas a magua injusta, a magua unica, como que preparada pela adversidade tambem injusta e cega para determinadas almas que as circumstancias do nascimento, e somente ellas, fazem distinctas das outras almas para não terem o direito de chorar».

«As lagrimas da realeza são assim mais dolorosas

e mais acabrunhadoras, porque os olhos reaes as devem occultar á luz em que todas as maguas resplandecem com a grandeza do soffrimento, em virtude de sua propria magestade real.»

E por ahí foi disfarçando a phrase breve e rapida do romancista francez.

No jornal, comprehende-se o escrever de modo diverso do que se entende litterariamente. Não é um pensamento, uma emoção, um sentimento que se communica aos outros pelo escriptor; não é o pensamento, a emoção e o sentimento que ditam a extensão do que se escreve. No jornal, a extensão é tudo e avalia-se a importancia do escripto pelo tamanho; a questão não é communicar pensamentos, é convencer o publico com repetições inuteis e impressional-o com o desenvolvimento do artigo. Para se dar extensão aos artigos lança-se mão de todos os recursos. Accumulam-se incidentes e aprestos, organizam-se considerações, empregam-se velhas pilherias. La Rochefoucauld não teria talento se fosse redactor de um jornal e no «O Globo» seria menos considerado que o Lemos, cuja reputação augmentou com o famoso crime de Santa Cruz.

Agora escrevia com independencia e autonomia as suas noticias. Punha n'ellas toda a sua ignorancia com muita liberdade, fazendo até allusões historicas. Nos arredores da cidade, certa occasião, um marido cioso, tendo encontrado a mulher em flagrante adulterio, amarrou-lhe o cumplice á cauda de um cavallo, que o arrastou pela estrada.

Lemos, que certamente não lera o Tacito nem o Berquó, interpretou tal cousa como sendo supplicio semelhante ao imposto á sua mãe por Nero e escreveu, alludindo ao castigo.

— Bem, Agora eu sou o Néro. Tu não és minha mãe, mas vaes para a cauda do cavallo.

Lemos era dos poucos que tinham ficado no jornal.

O tempo trouxera á redacção inevitáveis modificações. Lobo enlouquecera e estava recolhido ao Hospício. A sua mania era não falar nem ouvir. Tapava os ouvidos e mantinha-se calado semanas inteiras, pedindo tudo por acenos. Ao medico que lhe perguntou porque assim procedia, explicou, a muito custo:

— Isto não é lingua... Não a posso ouvir... Tudo errado... Que vae ser d'isto!

— E porque não fala?

— Os erros são tantos, e estão em tantas bocas, que temo que elles me tenham invadido e eu fale esse calão indecente...

E vivia calado pelos corredores, lendo a *Ensynança de Bem Cavalgar* de El-Rei D. Duarte. A's vezes, entusiasmava-se e lia alto: *Ca som alguñs boos cavalgadores dñas sellas queo nom som doutras.*

Um collega de manicómio, ao ouvir tão linda cousa, perguntou ao grammatico:

— Que lingua é esta?

Vendo de que maneira insolita era tratada tão interessante obra, Lobo atirou o livro ao chão e encheu de murros a cara do companheiro de infortúnio. Foi mettido na casa forte, com camisa de força. O dr. Gregorovitch desgostoso com a côr governista do jornal, não mais soube escrever. Um dia mandaram-lhe fazer um elogio a um acto ministerial, e quasi lhe sahio uma descompostura. Não sabendo elogiar, procurou a quem atacar sem comprometter o jornal. Descobriu a Republica Argentina; mas, em breve, o assumpto se exgotou e elle ficou sem inimigos. Arranjou alguns contos com um ministro e partiu para Caracas em busca de novas aventuras e opposições. O jovem Deodoro Ramalho formara-se e deixou a litteratura sem pezar, sem saudade, assim como o côxo que abandona uma muleta velha. Fizera litteratura como annuncio para a clinica futura e abandonava-a quando viu que ella viria comprometter a gravidade do mister e a

respeitabilidade dos cargos que iria ocupar. Leporace abraçara com ardor o logar das Antiguidades Egypcias; lia agora o Maspero. Deixou o jornal e Losque tomou-lhe o logar. Vieram outros, mas esses conheci mal. Immutaveis eram o Oliveira e o Menezes, sempre timido, este, escrevendo os artigos difficeis, mas sem melhoras de ordenado. Entretanto Ayres d'Avila ganhava dous contos para escrever algumas banalidades fatigantes.

Sempre que via o resignado Menezes, muito feio, murcho, a escrever as melhores cousas do jornal, punha-me a pensar, porque o equilibrio do jornal pedia que aquelle rapaz ficasse em baixo e no alto pairassem Leborant, Leporace e Ayres d'Avila. A sua timidez e a sua modestia não lhe davam o charlatanismo indispensavel para leval-o para diante. Elle sabia o que ignorava e não se atrevia a julgar tudo. Gregorovitch não se cançava de lhe dizer:

— E's uma besta! Então te sujeitas a ser burro de carga! D'esta maneira não te impões!

E elle, depois de ouvil-o com a sua attenção de surdo, ficava a olhar o russo, a rolar os olhos nas orbitas, como que a perguntar quaes eram as maneiras de nós impormos. Vira sem inveja nem assombro a minha brusca ascensão e o crescimento accelerado da minha amizade com o director.

Eu e elle eramos agora dois amigos intimos, companheiros de pandegas e noitadas. Sentindo-me realmente educado e soffrivelmente instruido, o dr. Leborant com que sentia remorsos de não ter adivinhado isso e permittido que eu ficasse tanto tempo como continuo de sua redacção. Enchia-me de attensões e dinheiro. Levava-me a toda a parte, gabando-me o talento e o character. Quando lhe falei em abandonar o Rio e lhe pedi que se interessasse para obter o logar que occupo, ficou assombrado:

— Mas porque, Isaias? Quaes são teus desgostos? O que te falta?

Eu nada quiz dizer. Percebia muito bem que elle não comprehendia as ancias d'omeu temperamento nem as angustias da minha intelligencia.

— Quero casar-me, ter socego para criar e educar os filhos.

Não consegui realizar tudo isto. Casei-me, é verdade; mas o unico filho que tive, acaba de morrer em tenra idade. O doutor, depois da minha resposta, objectou:

— Mas não precisas, para isso, sahir do Rio... Com esta idade, ires para o matto, é tolíce!

E tive muito que insistir para resolvel-o a intervir junto ao ministro; e no dia da partida, depois de ter elle proprio prestado a fiança necessaria, senti que ficava com saudades minhas. Vivemos dous ou tres annos juntos, bebendo e pandegado. Elle apahava-me as considerações e repetia-as por sua conta; eu dava expansão ao meu bom humor sombrio, á minha tristeza interna, aos meus desejos vagos que não tomavam vulto.

Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar ás mulheres; mas as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apezar d'aquella vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha excepção n'aquelle mundo; sentia tambem que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desageitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importancia e nome. Soffria com essa *consideração* especial que tanto irritava o poeta cubano Plácido. Continuava, porém, a ir com elle aos theatros, ás pandegas. Saíamos com raparigas, jantamos nos arrabaldes pittorescos. Eu ia contente mas o meu contentamento durava pouco. Não sei o que sentia de ignobil' em mim mesmo e n'aquillo tudo, que no fim estava sombrio, calado e

cheio de remorsos. Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideaes que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia.

Nos dias em que tencionava levar-me a passeio, perguntava-me Leborant:

— Isaias estás com dinheiro?

— Algum.

E sem que ninguém visse, passava-me uma nota de cinquenta ou cem mil réis. Nunca vi dar dinheiro como aquelle homem. Era a mim, e a muitos. E' verdade que o jornal dava mais de cem contos liquidados por anno e era só d'elle.

N'este dia, como de habito, perguntou-me se tinha dinheiro e deu-me depois duzentos mil réis.

— Nós vamos á Tijuca, disse elle. Jantaremos lá com a Lêda, conheces?

— Não.

— Está' ha pouco tempo aqui... E' um pancadão!

Fomos busca-la a casa. Morava n'uma rua transversal do Cattete, e chegamos lá um pouco depois das tres horas, quando a italiana ainda se vestia. Eu ainda pude ver bem as suas largas espaduas de estatua, muito alvas e rosadas e o bello pescoço, torneado, modelado, encaixando no corpo em curva suave e vaporosa que vinha morrer nos hombros sem transição alguma. A italiana tinha uma forte marca de antigo, já no rigor da physionomia, já no matiz da pelle; e se não tinha tambem a vulgaridade exhaustiva das estatuas classicas, devia-o aos seus olhos negros, onde havia muito da nos-

sa inquietude moderna, um grande languôr profissional.

Leborant disse-lhe a nossa tenção de ir á Tijuca:

— Oh! não, fez a mulher. Já fui. Não gosto... Outro logar, não achas?

— Então onde queres ir? Ao Leme? Ao Sylvestre? perguntou Leborant.

— Pelo mar, no fundo... Lá onde estão aquellas montanhas, aquellas ilhas... Quando cheguei tive vontade de ir logo, logo lá.

Gostei do capricho da mulher, mas não me animara a approval-o. Leborant pareceu gostar tambem e perguntou:

— Onde ha de ser? A Paquetá?

— Pode ser... fiz eu.

— Não, não é bom. Ha muita gente conhecida... Vamos á ilha do Governador.

Lêda estava já completamente vestida e não esqueceu os pandeloques que chocalhavam na cintura. A barca viajava semi-vasia e os viajantes habituaes viram com espanto a nossa entrada. A elegancia extra-rural de Lêda fez escandalo. Ella parecia não notar, mexia-se por toda a barca naturalmente, dando pequenos gritos de admiração á paysagem que se desenrolava. Não cessava de olhar, de aspirar com força toda a exalação de poesia e de grandeza da bahia incomparavel. O sol, para o poente, ainda domava tudo e as aguas estavam azues. Um passageiro informou-nos da demora da barca nos pontos: Iria primeiro ao Zumby, depois a outras localidades da ilha e voltaria ao primeiro ponto no espaço de uma hora.

Saltamos. O arraial tinha um ar risonho e extendia-se pela praia alva, cuja curva marcava obedientemente. As canôas dormiam nas praias e as redes seccavam ao sol, extendidas sobre varas. A italiana propoz um

passeio. Havia tempo, podíamos fazel-o. Começamos a andar. Das casas espiavam-nos. Já ficavam para traz, tomamos um atalho, depois um outro e quando voltamos ao caminho largo, tínhamos tomado outro. Não percebemos logo, só viemos a dar com o rumo, depois de ter andado um quarto de hora sem encontrar a praia. Lêda percebeu particularmente a situação. Quando teve noticia, soltou uma gargalhada:

— Que bello!

Andavamos por um caminho deserto no momento, mas que parecia trilhado. Dois regos paralelos de carros marcavam os seus limites com a floresta. A uma hora do Rio de Janeiro, estávamos no deserto. Andamos e quasi não falavamos. A italiana era a unica que parecia contente.

A's vezes era um areial; em outras, era um capocição quasi floresta. E tudo triste, desolado e abatido. Lêda observou:

— Quando não ha muita arvore e muita agua a terra de vocês é feia! E' preciso que haja muita, muita, para que ella seja bonita!

Houve um momento que nos suppozemos sem sahida. As arvores cruzavam-se sobre a estrada; os cipós atravessavam de um lado e de outro, os aranha-gatos perseguiam as nossas vestes, agarravam-se a ellas tenazmente como se nos quizessem despir. Um sabiá poz-se a cantar e toda a dôr d'aquella terra calcinada, exausta e pobre, vibrou nos ares. Chegamos a uma campina. Havia bandos de colleiros trinando nas espigas de capim e os antís ennodavam os leques das ubás.

Depois da primeira marcha, puzemo-nos a conversar. O doutor estava apprehensivo; eu resignado e Lêda contente, recordando talvez a sua infancia de camponia.

— Onde iremos dar? indagava o director.

— Ao mar naturalmente. Isto não é uma ilha? E; portanto não ha meio de se ir ter a S. Paulo.

Sentamo-nos cansados. A debil organização de Leborant resistia fracamente á fadiga.

A italiana perguntava-me o nome das plantas. Era o monjóllo cheio de apophyses escamosas; era a embaúba como um adorno egypcio; a tinguaciba, a pindahiba, as taquaras, os cipós... Depois interessou-se pelas pequenas plantas, pelo gravatá, pelo melão de S. Caetano, pelo carrapicho e guaxima...

Era eu quem informava; o director, no meio d'aquelles vidas todas, não lhes sabia o nome, nem serventia, nem a importancia.

Um bando de tyés esvoaçou por nós e a italiana perguntou:

— Mas os ha mesmo assim?

E ficou um instante surprehendida que houvesse ainda d'aquelles passaros nas proximidades de tantas modistas. A noite chegara-nos cheia de oppressões e desejos. O doutor marchara na frente, calado, preocupado; e eu, ao lado da italiana, escolhia-lhe o melhor caminho e aspirava-lhe o perfume.

Chegamos afinal a uma casa. Lembrei-me da minha casa paterna. Era o mesmo aspecto, baixa, caiada, uma parte de tijolos, outra de páo a pique; em redor, uma plantação de aipins e batata doce. Deram-nos agua, offereceram-nos café e continuamos para o Galeão que estava proximo. Quando chegamos á praia, o dia tinha agonisado de todo. Fomos a uma venda, pedimos algumas latas de sardinha, pão e vinho. Fomos servidos em velhos pratos azues com uns desenhos chinezes e as facas tinham ainda aquelle cabo de chifre de outros tempos. A' vista d'elles, dos pratos velhos e d'aquellas facas, lembrei-me muito da minha casa, e da minha infancia. Que tinha eu feito? que emprego dera á

minha intelligencia e á minha actividade? Essas perguntas angustiavam-me.

Voltamos de bote para a ponta do Cajú. Durante a viagem a angustia avolumou-se-me. As pás dos remos, cahindo nas aguas escúras, abriam largos sulcos luminosos de minúsculas estrellas agrupadas e todo o barco vogava envolvido n'aquelle estrelleamento, deixando uma larga esteira phosphorescente.

Lembrava-me da vida de minha mãe, da sua miseria, da sua pobreza, n'aquella casa tosca; e parecia-me tambem condemnado a acabar assim e todos nós condemnados a nunca a ultrapassar.

A italiana conversava com o remeiro sobre a pesca. Ella conhecia a vida e fazia perguntas nitidas.

Saltamos do bonde, no campo de S.ta Anna, eu e Lêda tomamos um carro; o director continuou para o jornal.

Em vão ella me fazia falar. Respondia-lhe por comprazer. Lembrava-me... Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não puzera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repellente, repellente de fraqueza, de decisão é mais amollecido agora com o alcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o director para obter dinheiro...

A's minhas aspirações, áquelle forte sonhar da minha meninice eu não tinha dado as satisfações devidas.

A má vontade geral, a excommunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de phantasmas e não obedecera ao seu imperio.

O carro atravessara o largo da Lapa e o seu caminho foi interrompido por uma agglomeração de populares. Da cadea, pude ver o que havia. Era uma mulher das muitas que povoam o largo e proximidades,

que ia entre dous soldados. Recordei-me que já tinha visto aquella physionomia. Esforçei-me por me lembrar. A minha vida começou a desfilar e quando cheguei a casa da italiana, lembrei-me que era a amante do deputado Castro.

Perguntei então a mim mesmo porque não casara aquella rapariga, porque não vivera dentro dos costumes tidos por bons. Não achei resposta, mas julguei-me, não sei porque, um pouco culpado pela sua desgraça.

O carro chegou e eu saltei para ajudar Lêda a apoiar-se. Paguei ao cocheiro e, na calçada, ella perguntou-me:

— Não entras?

— Não, obrigado.

Insistiu varias vezes, mas recusei. Vim vagamente a pé até ao largo da Carioca sem seguir um pensamento. Vinha triste e com a intelligencia funccionando para todos os lados. Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apañiguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Porque o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. Encontrei Leborant:

— Então? perguntou maliciosamente.

— Deixei-a em casa.

— Pois se eu me tinha separado de vocês de proposito... Tolo! Vamos tomar cerveja...

Antes de entrar, olhei ainda o céo muito negro muito estrellado, esquecido de que a nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos. As cogitações não me passaram... Leborant, sorrindo e olhando-me com complacencia, ainda repetiu:

— Tolo!

ERRATA

Seria superior ás forças humanas e á nossa propria capacidade de perfeição que este livro saisse sem incorrecções, apezar de ser a segunda edição.

Foi composto e impresso com todo o vagar e carinho, revisto pelo autor e seu amigo Licio Barbosa, a quem, aproveitando a opportunidade, elle agradece do fundo do coração o serviço desinteressado que lhe prestou ; mas, mesmo assim, apezar dos esforços empregados por todos que nelle collaboram, aqui e ali escaparam alguns enganos que prejudicam de alguma forma o pensamento do *Escrivão*.

Pedem elles desculpas aos leitores por tal cousa, comquanto o editor se tenha encarregado de muito boa vontade de ajuntar uma pequena *errata* dos mais principaes e importantes.

Eil-a :			
<i>Pags.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
23	36	veio	vinha
38	6	desenrolar-se	desenrolar-se
85	21	attendia	attendesse
89	25	dissolver-se	dissolver-me
107	14	diminuiu-lhe	diminuiu-me



TYPOGRAPHIA

Revista dos Tribunaes

RUA DO CARMO N. 55

RIO DE JANEIRO

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).